Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 203 Quinta-feira, 30 de Outubro de 1986 Preço 40$00

Totalizaram 41 m (-3 centígrados em Sintra Pág. 8

Instabilidade no mercado mundial

PRÍNCIPE DO PETRÓLEO CAI AO FIM DE 25 ANOS

A demissão do ministro saudita do petróleo, Ahmed Zaki Yamani, que exercia este cargo há já 25 anos, fez-se sentir de imediato em Nova Iorque, onde os preços do «ouro negro» atingiram hoje o seu ponto mais baixo desde que a OPEP anunciou em Agosto a sua decisão de reduzir temporariamente a produção. Ainda não se conhecem as razões do afastamento do «Príncipe do Petróleo»

Continua na pág. 24

Pandemónio começou esta manhã

Trânsito "roeu" o Rato

Nos próximos quatro meses, até estarem concluídas as obras, para posterior ligação ao sistema Gerturde, o Largo do Rato vai apresentar este aspecto: previna-se ...

Pág. 24

SUÍÇA, 1-PORTUGAL, 1

Emigrantes catapultaram "seabrinhas" para empate

Contagiados por cerca de dez mil compatriotas que compareceram em Berna para incentivar a momentânea representação do futebol português, os «seabrinhas» reagiram ao golpe suíço inicial e, mercê de Manuel Fernandes, lograram um empate: o melhor resultado registado ontem nos cinco jogos que ocorreram para qualificação europeia. Pág. 15

O «DL» NO FESTIVAL DE GASTRONOMIA DE SANTARÉM

com patrocínio

APETITE

apetite mais saboroso

AO TELEFONE COM

"O espectáculo de logo no Villaret será o nosso contributo para a Paz"

• Uma história triste do nosso embaixador em Moscovo

Carlos do Carmo

Esta noite, pelas 21 horas, no Teatro Villaret, em Lisboa, Carlos do Carmo e António Vitorino de Almeida dão um concerto único integrado nas comemorações da Semana Mundial do Desarmamento das Nações Unidas, que entre nós estão a ser coordenadas pelo CPPC e pela Comissão do Ano Internacional da Paz.

Ao telefone com Carlos do Carmo falámos deste espectáculo, mas antes abordámos a digressão que o cantor acaba de fazer (regressou anteontem) à União Soviética.

«Correu tudo muito bem. Durante 15 dias dei oito concertos em Leninegrado, Moscovo e Ufá, uma cidade industrial a hora e meia de voo da capital soviética.»

«Foi a primeira vez que se deslocou à URSS?»

«Foi. Nunca lá tinha estado antes — nem como turista, nem a cantar».

«E valeu a pena, portanto...»

«Sem dúvida. Gostei. Humana e artisticamente, gostei»

«Porquê?»

«Está a ver: é um grande desafio cantar para um público que não fala a nossa língua. Com excepção do primeiro espectáculo em Moscovo, onde, para além dos 60 heróicos estudantes portugueses que lá se encontram, a grande maioria do público conhecia a nossa língua — já há muita gente a estudar o Português, ou que já esteve no Brasil, em Angola, em Cabo Verde... — os outros espectáculos foram todos para um público que não conhecia o nosso idioma».

«E esse desafio foi vencido?»

«Foi uma experiência maravilhosa ver, em cima do palco, os pedaços de gelo a derreterem-se... Foi desgastante, uma ansiedade terrível, mas as reacções acabaram por ser muito positivas».

«Como é isso de cantar fado na URSS ou em qualquer outro sítio onde não se fala português? Suponho que já cantou fado, sei lá, nos EUA, por exemplo...»

«Claro que cantei. Já estive seis vezes nos EUA, mas devo dizer que aí quando cantei foi quase sempre para emigrantes portugueses. Evidentemente que muitos foram também os americanos a ouvir. Mas de qualquer maneira o público era diferente — embora em qualquer dos casos, um óptimo público. Quer nos EUA quer na URSS. De resto, como sabe, não há povos bons ou maus. Isso é o terrível maniqueísmo português que tem a ver exclusivamente com questões culturais».

«Certo, mas gostava que me disse como é isso de cantar fado para um público que não entende a nossa língua...»

«Meu caro, o fado é uma manifestação da nossa cultura popular. E por muito que custe a certos intelectuais de pacotilha que por cá proliferam, cantar fado é também, ou pode ser, um acto de cultura. E as pessoas, os povos, entendem a cultura popular. Entendem e gostam».

«Nestes 15 dias que passou na URSS que impressões recolheu? Como viu esse imenso país?»

«Quinze dias é muito pouco tempo... Mas o que posso dizer, pelo pouco que vi, é que me parece uma sociedade com uma economia de guerra e com um sentimento extremamente intenso de repúdio da guerra e de tudo o que ela significa. O grande trauma da II Guerra Mundial está bem vivo, ninguém esqueceu os seus 20 milhões de mortos, o país invadido. Hoje, na URSS, parece-me indiscutível, ninguém quer que ali haja mais invasões — nem ninguém quer invadir nenhum país. Querem, sim, a paz e, também o devo dizer, querem corrigir as imperfeições que, como é evidente, por lá existem. Neste momento há mesmo, na URSS, um grande sentimento crítico em relação ao que está mal e deve ser melhorado».

«Guerra e paz. A arte e as cantigas, ao serviço da guerra ou da paz? Que ligação entre aquilo que você canta e a paz?»

«Qualquer manifestação de arte só tem justificação ao serviço da paz. As cantigas, a música, são uma das várias manifestações de arte. E esta é, só pode ser, sinónimo de paz. Não tem nada a ver com a guerra, que é o monstro da vida. As cantigas, aquilo que eu canto, têm esse sentido — é a minha quota-parte na defesa da paz.»

«Se bem entendo...»

«Desculpe interrompê-lo, mas já agora queria lembrar que Picasso, esse grande pintor, costumava dizer que, se cada vez que pegava no pincel fosse para ajudar a construir a paz, então já valia a pena pintar. Ora bem – se nós, os das cantigas e das outras artes, fizermos também alguma coisa nesse sentido, não fazemos mais do que a nossa obrigação. A obrigação de estarmos atentos e vivos».

«O espectáculo de amanhã à noite, no Villaret, integra-se nessa perspectiva. Certo?»

«Certo. Sabe, há cerca de dois anos, pessoas ligadas ao CPPC perguntaram-me se eu gostaria de fazer parte dessa organização que luta pela paz e pela cooperação. Disse que em princípio gostaria de participar activamente, mas a minha actividade profissional não me permitia estar fisicamente presente em muitas das iniciativas do CPPC.

Nunca quero, naquilo em que me meto, dar apenas o nome. Quero dar a cara, participar, aparecer. Desta vez vou estar, juntamente com um querido amigo e grande artista, o Victorino d' Almeida, a dar o meu pequeno contributo em defesa da Paz. Vamos tocar e cantar pensando na Paz. Esse é o objectivo».

«Voltando à sua digressão pela URSS. Quem o acompanhou nas suas actuações?»

«António Chainho, José Nóbrega e Pedro Nóbrega, à guitarra e viola, e o técnico António Mileu».

«Com os dois primeiros você já actua há muito tempo. Sempre me lembro...»

«... Há 21 anos, meu caro! Já dava direito ao Guinness...»

«Falou há pouco dos estudantes portugueses em Moscovo que o foram ouvir. Que se passou com o embaixador português? Ouvi contar uma história bem triste...»

«Na verdade é uma história bem triste, embora não sendo caso isolado...»

«Mas o que é que se passou?»

«No dia do concerto em Moscovo soube que o nosso embaixador tinha sido convidado para assistir e tinha respondido positivamente. Contudo, com a casa cheia e a televisão a gravar, o embaixador não apareceu. Ainda se esperou uns dez a quinze minutos, mas não veio nem deu qualquer explicação...»

«Bem vê, a nossa diplomacia...»

«Sabe, talvez tenha chegado o momento de os nossos diplomatas perceberam, ou melhor de praticarem, porque eles percebem, aquilo a que se chama a civilização. E só vou dar um exemplo: quando o Gilbert Becaud e Regiani vieram cantar a Lisboa, a embaixada de França no nosso país convidou-me, bem como a diversos outros artistas, para almoçar com esses cantores franceses, para que pudéssemos conviver e conhecer-nos mutuamente... Já não vou tão longe no nosso caso, porque sei que muitos dos nossos diplomatas não estão à altura de compreenderem isto. Mas ao menos, quando são convidados, que saibam respeitar o seu próprio povo e o povo que os está a albergar. E se conto isto, ao fim e ao cabo, é para que no Ministério dos Negócios Estrangeiros se saiba (será que não se sabe?) como se comportam os seus representantes lá fora, em nome do Portugal deles, que não é o meu».

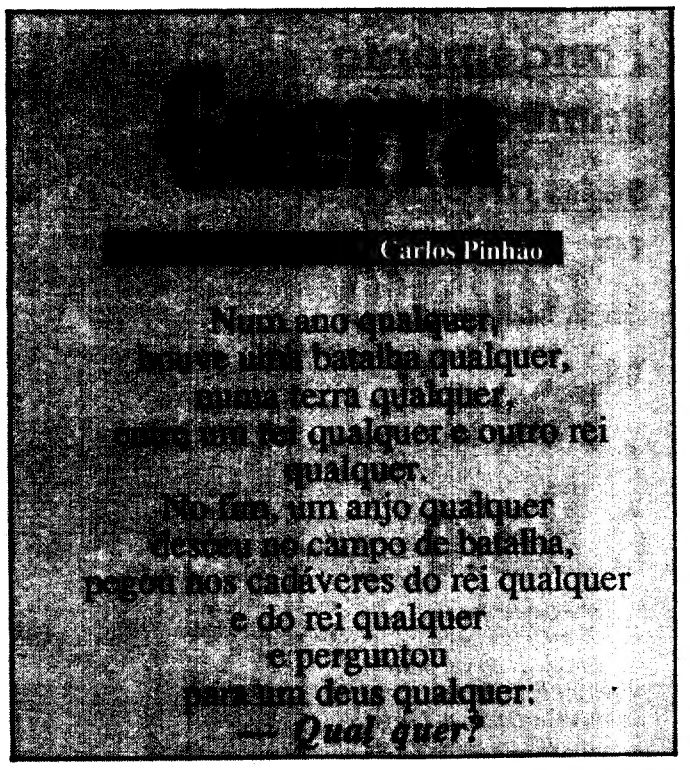
Ribeiro Cardoso

Enviar um relatório

Lia Viegas

«Nós, Bureau Político da Frelimo, estamos a trabalhar como se tivéssemos de enviar um relatório ao presidente quando ele chegar» disse, parece, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique aos diplomatas após a morte de Machel. Entre outras coisas, claro. Então pensei nos relatórios que nós outros e outras, cada um e cada uma de nós, estamos a mandar para o éter a propósito da morte de Machel. As conclusões do inquérito não estão ainda formuladas, mas isso não nos impede de pensar, de falar. O ar está cheio dos nossos pensamentos, das nossas palavras, das nossas palavras contidas e retidas. À volta do globo formou-se uma outra camada leve, imponderável, que os satélites espiões não conseguem decifrar. Que a electrónica não consegue desviar. Baixem à terra os corpos, com ela se fundam e fecundem. Desçam as lágrimas e formem riachos, subterrâneos lençóis que um dia poderão ser nuvens ou gotas para a africana sede. Os pensamentos voam como as palávras, formam bandos de pássaros, bandas de sons, poderão formar arquipélagos e talvez constelações se expandirem a própria luz. A Terra move-se e nenhum míssil fugaz a poderá deter — oh! lento — movimento de espiral ascendente. Só os aviões, os pássaros, os anjos, os humanos e suas construções são abatidas e caem no Inferno decadente de ódio, intolerância, interesse e lucro. Os pensamentos sobem, acompanham a Terra e envolvem-na. Como as orações, se forem sentidas e não por uma máquina repetidas.

Talvez em Assis seja mais fácil pensar no despojamento do amor, mover forças do espírito contra o luxo da guerra. O Papa pediu vinte e quatro horas de tréguas, o espaço de um dia e de uma noite, uma volta completa da Terra, enquanto Samora, negro, ainda está morto. Segundo os crentes, poderá ressuscitar. Os seus perseguidores voltá-lo-ão a encontrar? Na sua memória ou no seu desassossego, pelo menos. Mas esses não preparam para ele um relatório. Ditam suas versões para nós, pelo ar. E de todos, os pensamentos e as palavras, se encontram no éter, a girar. Lá, certamente, também se confrontam. Os resultados só com o tempo se saberão. Que a verdade também está partida e muito mal repartida. Mas ninguém nos pode impedir de enviar os nossos relatórios, os nossos pensamentos e os nossos sentimentos. A ver se acompanham o andamento da Terra ou se ficam para trás.



Casos e conflitos

Rui Cacho

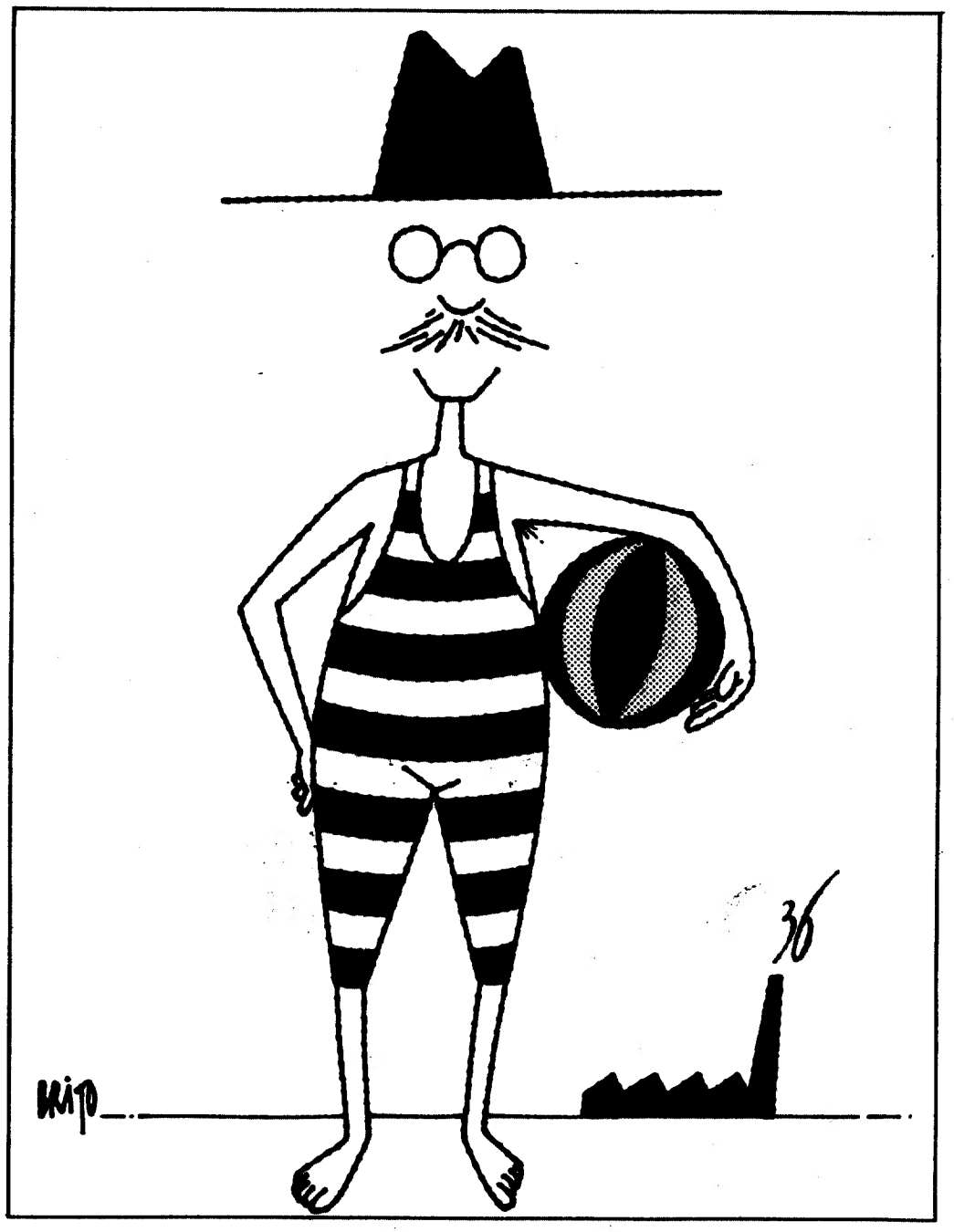
Ouvi há dias na Tevê uns sujeitos governamentais anunciando que já podemos usufruir duma segunda casa, digamos a de campo ou de férias. Exultei como se calcula e conclui que continuamos a caminho do Paraíso.

Certo que a alguns foi «oferecida» a segunda casa sem disporem ainda da primeira, mas isso pareceu-me vantajoso. Metem os papéis para a segunda e instalam-se logo nas férias que não tiveram. É natural que depois seja custoso arrancá-los para o trabalho (caso façam parte do número dos empregados), mas uns dias por outros acabam por aparecer e não os vãochatear com relógios de ponto e outros modos de verificar a assiduidade, uma vez que eles estão instalados na segunda casa, precisamente a de férias, aquela que se destina prioritariamente à pausa, ao «relax». E como as pessoas estão dum modo geral bastante «apanhadas», devem deixá-las à vontade pelo menos durante o período de habitação. Acordar ao som dos pardais e depois um sujeito virar-se para o outro lado, faz um bem danado. Ainda recentemente num Congresso de Medicina Ornitológica foi recomendado começar o dia ao som do piu, piu da pardalada — e quem é o cidadão comum para contrariar proposta tão retemperadora?

Hoje, não era disto que queria falar, mas não resisti a espalhar a boa nova da segunda casa. Na altura em que fui informado, iniciava um texto sobre o conflito de gerações. Mas logo pus de parte o escrito — que por sinal só ía no título — para saborear a novidade.

Passada a emoção, voltei ao conflito de gerações. Ou melhor, quis voltar, mas não saiu nada. Pensei então: isto é capaz de ser muito vento para o meu moinho.

Certo que percebia um pouco de conflitos, particularmente daqueles que se resolvem à estalada. Mas conflito de gerações era tema exagerado, a exigir consulta bibliotecária e provavelmente um canudo. E



falta-me paciência para enfiar-mee na torre do tombo e noutrastorres e quanto ao canudo desisti a meio caminho e bastante falta me tem feito num país que é mais encanudado do que rectangular. Adiante.

Como disse, de conflitos entendo pouco. E de gerações ainda menos. Destas só possuo umas ideias vagas do género:

As gerações nunca se compreenderam, algumas pessoas é que conseguem estabelecer diálogo; há uns sujeitos que dizem que a sua geração fez isto e aquilo, citam uns tantos nomes pertencentes à geração, e todo o restante pessoal é colocado atrás do sol-posto.

De qualquer modo, é tema que me assusta, apesar de muito escrito e falado. Estou mais ao par dos conflitos de idades. Acho que não é a mesma coisa, mas se for desculpem as minhas fraquezas sociológicas (bonito!)

Mas quanto às idades, penso que as coisas se passam mais ou menos assim: as pessoas de 30 anos dizem que as de 40 são velhas; estas dizem que velhas são as de 50; e por aí fora.

Tive um momento da minha vida em que também caí neste tipo de conflito. Mas já sucedeu há muito. Tinha então 12 anos e conversava com um amigo da mesma idade, e ambos estávamos de acordo que era velho um fulano que conhecíamos e que já tinha 19 anos. Depois, nunca mais me preocupei com a diferença de idades, embora todos os dias oiça falar nisso. Os de 20, por exemplo, acham que os de 30 são velhíssimos, e suponho que eles pensam que vão levar uns 50 anos para chegarem aos 30. E o mesmo se passa com outras idades.

Claro que nem todos ambarcam nestas quezílias etárias, mas persiste grande confusão, talvez porque o imaginário de muita gente está necessitando de pilhas. Mas seguramente há sujeitos tão apoquentados que têm dificuldades em sair de casa porque fizeram 40 anos...

LER OU NÃO LER

José Bento — tradutor emérito

Jose Carlos Gonzalez

Quando ainda os tradutores (escritores) portugueses, salvo muito raras excepções, continuam na penúria, e se debatem com a parede espessa do seu estatuto (consignado embora há mais de três anos, no próprio «Diário da República»); enquanto os pagamentos que lhes orçam pelo ridículo e quase pela ofensa em relação a qualquer país da Europa e doutros mundos; enquanto, sabe-se, volta a onda dos «empresários negreiros», que encomendam a incautos, desempregados e inexperientes jovens muitas traduções que, depois, levam a deles, negreiros, assinatura — eis que surge um livro que deveria merecer um realce e uma profusão digna. Trata-se da versão para português de obras de dois importantíssimos poetas dos séculos XV e XVI, de língua castelhana, e que representam, no plano da cultura universal, dois marcos miliários indestrutíveis — Jorge Manrique e Andrés Fernandez de Andrada. O primeiro, parente próximo de príncipes; o segundo, um militar que se distinguiu na defesa da costa sul andaluza contra as arremetidas usurpatórias, como sempre, dos anglo-saxões.

As «Coplas Pela Morte de Seu Pai» de Manrique, representam o trânsito certo para a já quase plenitude de evolução do castelhano — tal como as obras dos portugueses Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, são o «intróito» ao que havia de ser, pouco mais tarde, consolidado como a diferenciação, em relação ao galego-português, e o assentamento, através de Camões, Sá de Miranda e, mais tarde, pelo padre António Vieira, do português **clássico.**

As «Coplas» são tanto um lamento dolorido pela morte do pai de Jorge Manrique, D. Rodrigo, homem doesto e honesto segundo consta, como uma meditação sobre a vida e a morte, a condição humana, as contradições do tempo e do espaço, da expansão e retracção que eram, e continuam a ser uma das «doenças» éticas do homem peninsular ibérico.

Jorge Manrique, em décimas, com forma aparente de duodécimas, fez este seu magnífico canto com música nostálgica e quente, e a pre visão do que seria o grande Renascimento dos séculos XVI e XVII, nas leituras hispânicas. Ouvi, então, leitores, as razões do seu entusiasmo:

«Acorde a alma adormecida, avive o espírito, desperte, contemplando como breve passa a vida; como a morte vem solerte, disfarçando; quão veloz parte o prazer, como, ao ser depois lembrado, é só dor; como ao nosso parecer qualquer tempo já passado foi melhor.»

Trata-se, certo, da nostalgia de uma **idade de ouro,** mas cuja meta não é o passado, mas pelo contrário o futuro, ainda desconhecido, encoberto, mas natural e belamente pressentido pelo poeta.

E agora, Andrés Fernandez de Andrada, homem mais perto do **Al-Andalus** (Andaluzia), com o seu verbo mais próximo, atrevo-me a dizer, dum Omar Kayham, aquele persa deleitoso e deleitado, esse epicurista maldito e perseguido mais de trezentos anos pelas várias Inquisições, a da sua própria terra e as do Ocidente. Mas Andrada tem já a consciência «ocidental» das aventureiras correrias pelos mares, da rapina que se lhes seguiria, e de todo o vazio e terror que, século e meio depois, a Hispânia (com Portugal, claro) haviam de sofrer:

«Cesse a ânsia e a sede dos ofícios. Que aceita o dom e escarnece o intento. O ídolo a que fazes sacrifícios.

Iguala tua vida ao pensamento: não o adies de hoje para amanhã, nem porventura de um a outro momento.»

Esta uma das tónicas quase sempre presentes na «Epístola Moral a Fabio», de Andrés Fernandez de Andrada.

Não é necessário reiterar aqui a alta qualidade de poeta e de tradutor de José Bento, para além da sua contínua investigação nos campos mais importantes de toda a literatura da Ibéria; desde a sua tradução do **«Platero»** de Juan Ramon Jimenez, ele marcou-se como um dos mais sérios e talentosos profissionais desta tão mal paga, mal sentida, mal entendida, profissão. Mas esta edição de Manrique e Andrada honra, antes de tudo, a língua portuguesa que alguns agora querem que não tenha acentos... Histórias tristes. E honra-a ainda mais se vos disser, leitores, algo que pode parecer inacreditável. Editor ou editores, protelaram perto de dois anos a saída deste livro, com «promessas e enganos», como diria Rodrigues Lobo, acabando por desistir do «projecto», que é, como muitos deles agora revogam a sua ignorância, ou a sua malfeitoria...

Este livro foi editado e pago com o dinheiro do José Bento. Para quê mais comentários? Apenas um: **que vergonha!**

CDS faz namoro ao PSD

O CDS propôs ontem ao PSD uma reunião para análise da actual situação política portuguesa, devendo nela serem tratadas questões relacionadas com as Grandes Opções do Plano, a situação na Comunicação Social, a evolução do processo de adesão à CEE e a política de Educação e Investigação Científica.

O CDS salientou, ainda, que a proposta da reunião surge na sequência de anteriores conversações entre os dois partidos. Na reunião da comissão permanente do CDS, os centristas consideraram ainda que as Grandes Opções do Plano são «politicamente passíveis de críticas essenciais», acrescentando que a carga ideológica do regime «é agravada com tal proposta».

Este órgão do CDS manifestou também «preocupação pelo estabelecimento da paz na África Austral e com o reflexo que o agravamento da situação possa ter na preservação dos interesses dos portugueses desalojados no passado próximo, que não podem ser esquecidos».

Pretende chegar a diversas áreas

Freitas anuncia programa da "Portugal Século XXI"

A Fundação Portugal Século XXI divulga hoje o seu programa de actividades para os próximos dez anos, propondo-se intervir em áreas como a educação e investigação, Comunicação Social e promoção cívica.

O programa contempla uma série de propostas dentro das áreas definidas, entre as quais a constituição de centros de estudo ligados a áreas como a Comunicação Social, economia e política.

A realização de festivais anuais de música e de um festival de juventude são outras iniciativas que serão anunciadas por Freitas do Amaral, presidente da Fundação, em conferência de Imprensa.

A Fundação Portugal Século XXI, criada em Julho deste ano, e cuja portaria de reconhecimento oficial foi assinada em 27 de Outubro, foi definida por Freitas do Amaral como «uma entidade privada, de fim não lucrativo e sem carácter partidário» e com o objectivo essencial de «apoiar e promover a modernização e o progresso da sociedade portuguesa».

Segundo os seus estatutos, a Fundação orienta-se «pelos valores e princípios da liberdade, da justiça social, da solidariedade e do patriotismo, bem como pela tradição cultural humanista europeia e visará promover entre os portugueses a modernidade, o espírito de iniciativa e a abertura ao progresso».

Criada na sequência da derrota de Freitas do Amaral, nas últimas eleições presidenciais, a Fundação Portugal Século XXI tem no seu conselho de administração, membros do actual Governo, como os ministros da Agricultura e das Obras Públicas, respectivamente Álvaro Barreto e Oliveira Martins, e a secretária de Estado das Comunidades Portuguesas, Manuela Aguiar.

Antigos dirigentes do CDS e do PSD, como Morais Leitão, Luís Beiroco e José Ribeiro e Castro (CDS) e Rui Almeida Mendes, José Miguel Júdice e Marcelo Rebelo de Sousa (PSD) estão também entre os 27 membros do conselho de administração da Fundação.

Ainda sem orçamento aprovado e só no início da próxima semana instalada na sua sede definitiva, situada em Lisboa, na zona do Arreeiro, a Fundação Século XXI é definida, por José Ribeiro e Castro como «um desafio à sociedade portuguesa».

Ribeiro e Castro disse à NP que a Fundação Portugal Século XXI é a única que não tem como objectivo o financiamento indirecto de partidos» e que «está totalmente assente na capacidade de mobilização de fundos nacionais».

Embora fora dos partidos, a Fundação vai promover iniciativas de carácter político, acrescentou ainda Ribeiro e Castro.

O ano de 1987 vai marcar o início da actividade pública da Fundação «Portugal Século XXI», uma vez que o ano que decorre serviu para a sua instalação, fase que termina com a aprovação do programa de actividades para os próximos 10 anos, período que termina quatro anos antes do início do século XXI.

Querem vir para Lisboa

Comité australiano pede a Soares interferência no caso dos estudantes timorenses

O Comité Australiano para a Ajuda Económica ao Estrangeiro (COOA) pediu ontem ao Presidente Mário Soares que «garanta a pronta emissão de vistos de entrada» aos quatro estudantes timorenses que pretendem ir para Portugal.

Na petição enviada a Soares, afirma-se que se trata «de um assunto da máxima urgência», pois «os quatro estudantes têm sido alvo de várias ameaças por via telefónica e sentem-se ansiosos e inseguros relativamente ao seu futuro, em especial devido à recente onda de execuções de prisioneiros políticos levada a cabo pelo governo de Jacarta». António Gonçalves, João Freitas da Câmara, Abílio Sereno e Fernandes Soares foram detidos em Setembro pelas autoridades indonésias, em Jacarta, e postos em liberdade já no mês de Outubro, por não terem sido provadas as suas alegadas ligações à Fretilin (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente).

Após a saída da prisão, os quatro estudantes refugiaram-se na embaixada holandesa em Jacarta, entidade representante dos interesses de portugueses na Indonésia, onde pediram passaportes para irem para Portugal.

Segundo o director executivo do COOA, Russell Rollason, os quatro estudantes deixaram posteriormente a embaixada holandesa «não porque tivessem abandonado os seus planos de irem para Portugal, mas sob protesto e só depois de o embaixador holandês ter ameaçado pedir à Polícia indonésia para os desalojar».

O COOA «incita o Governo português a agir rapidamente em relação ao assunto e a obter garantias do governo holandês de que este se responsabilizará totalmente pelos quatro estudantes timorenses, até que, são e salvos, deixem Jacarta». Observadores consideram «muito dúbia» a acção das entidades diplomáticas holandesas relativamente ao caso dos quatro estudantes, que classificam de «política de apaziguamento, evitando a todo o custo criar uma controvérsia que altere as boas relações entre o antigo colonizador da Indonésia e a sua ex-colónia».

Os quatro estudantes timorenses, que aguardam a deliberação do Executivo português, encontram-se actualmente em casa de Gil Ho Gonçalves, um deputado de Timor-Leste no Parlamento indonésio que tem residência em Jacarta.

PS defende divisão do território em oito regiões administrativas

O dirigente socialista António Guterres defendeu ontem a divisão do território continental português em oito regiões administrativas que não incluam as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto.

Em declarações prestadas à Anop, na Covilhã, Guterres defendeu a criação das regiões administrativas de Entre-Douro e Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Beira Interior, Lisboa-Oeste, Ribatejo, incluindo a península de Setúbal, Alentejo e Algarve.

As áreas metropolitanas de Lisboa e Porto não devem, no entender de Guterres, «ser consideradas regiões administrativas». Estas áreas devem antes «constituir formas de gestão derivadas do agrupamento dos respectivos municípios», afirmou.

«Penso que qualquer sistema de divisão se deve basear em critérios que tenham em conta os aspectos económicos e sociais e as questões que se prendem com a identidade cultural das populações, com a tradição administrativa e com as raízes históricas», disse António Guterres, justificando a divisão que defende. Para o dirigente socialista, eleito deputado por Castelo Branco, a «delimitação inicial deve assentar na agregação dos distritos, a não ser naquelas zonas onde exista um consenso largo favorável a uma transferência para uma região imediatamente contígua».

Cavaco no Montijo

O Primeiro-Ministro Cavaco Silva vai amanhã ao Montijo anunciar o contrato de desenvolvimento para habitação no Bairro do Esteval, foi ontem oficialmente divulgado.

Na Câmara do Montijo, Cavaco Silva assinará o protocolo de cedência em regime de comodato de lojas do distrito de Setúbal do antigo Fundo de Fomento de Habitação. Ainda antes do almoço, o Primeiro-Ministro visitará uma fábrica de cerâmica e as obras do Quartel dos Bombeiros e do Bairro Social do Esteval.

BENFICA
BORDÉUS
1.ª PARTIDA:
5 DIAS — 4 A 8 NOV.º
COM VISITA A ANDORRA
TRANSPORTE E ALOJAMENTO
19 900$00
2.ª PARTIDA
DIA 4, AS 18 HORAS
TRANSPORTE E ALOJAMENTO
EM BORDÉUS
13 000$00
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TELEFS 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70
OU AO SEU AGENTE DE VIAGENS

CORTE E QUINAGEM — OFICINA METALÚRGICA, L.DA

Certifico, narrativamente, que, por escritura de hoje, lavrada de fl. 7 v.º a fl. 9 do livro de escrituras diversas n.º 10-F do 24.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Maria de Lurdes Pinto Damásio, António Pica Costa, sócio e gerente da sociedade com a denominaçº em epígrafe, dividiu a quota que na mesma sociedade possuía, do valor nominal de 25 000$, em duas novas quotas: uma de 7500$, que cedeu a José António Dias Caeiro, e outra de 17 500$, que cedeu a Adolfo Henriques Anselmo, renunciando à gerência que vinha exercendo na sociedade.

Os cessionários, como únicos sócios que ficaram sendo da referida sociedade, resolveram o seguinte: nomear gerente o cessionário Adolfo Henriques Anselmo; unificar as quotas do cessionário José António Dias Caeiro, a de 25 000$, que já possuía, com a de 7500$, agora adquirida, numa única de 32 500$ e alterar o respectivo pacto quanto aos artigos 1.º e 3.º, os quais passam a ter a seguinte redacção:

1.º

A sociedade adopta a denominação de Corte e Quinagem — Oficina Metalúrgica, Ld.ª, com sede na Quinta da Sancha, sem número de polícia, lugar de Ral, concelho de Sintra.

3.º

O capital social é de 50 000$, integralmente realizado, em dinheiro, e dividido nas seguintes quotas: uma no valor de 32 500$, do sócio José António Dias Caeiro, e uma no valor de 17 500$, do sócio Adolfo Henriques Anselmo.

Está conforme o original.

24.º Cartório Notarial de Lisboa, 9 de Outubro de 1984

A Ajudante,
Maria da Encarnação Moreira Taco Malheiro

«DL» 30/10/1986

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Execução de Sentença n.º 832-A/86
11.º Juízo - 2.ª Secção

Pela 2.ª secção do 11.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada NOVA APOLO — OPERADORES TURÍSTICOS, LDA., com sede na Av. Duque de Loulé, n.º 47 - 7.º Dt.º em Lisboa, para no praso de dez dias, posteriores aos dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto do bem penhorado sobre que tenham garantia real, nos autos de execução sumária acima indicada, movidos pelo exequente CARLOS ALBERTO FERNANDES FERREIRA, residente na Estrada de Moscavide, 35 1.º Dt.º — 1885 Lisboa.

Lisboa, 1986.10.20

O Juiz de Direito
MANUEL RUBEN FERREIRA

Pel'O Escrivão
AMABLA DE FIGUEIREDO PEREIRA

«DL» 30/10/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
1.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR JOSÉ NUNO DE ALMEIDA VALADAS, Meritíssimo Juiz de Direito da 1.ª Secção do 1.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

FAZ SABER, que no próximo dia 17de Novembro pelas 10,30 horas, na 1.ª Secção do 1.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, nos Autos de Carta Precatoria com o n.º 425 vinda do Tribunal da Comarca da Covilhã e extraída dos Autos de Execução Sumária com o n.º 198/85 da 1.ª Secção do 2.º Juízo em que é exequente Banco Nacional Ultramarino e executada Labortex-Sociedade Exp. e Impor. Sepas & Antunes SARL com sede na R. dos Fanqueiros n.º 84-2.º esq.º em Lisboa, hão-de ser postos em praça bens móveis constantes do auto da penhora pelo preço base indicado na deprecada.

Lisboa, 22 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito
José Nuno de Almeida Valadas

A Escrivão-Ajudante
Maria Helena dos Santos Gonçalves

«DL» 30/10/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no praso de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da publicação do 2.º anúncio.

Execução Sumária, n.º 2939, 3.ª Secção. Exequentes — Banco Português do Atlântico. Executado — Jacinto Garcia Monereo, residente no Largo de Santa Bárbara, 8 - 2.º esq., em Lisboa.

Lisboa 6 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito
Ass) ALÍPIO DUARTE CALHEIROS

Pel'O Escrivão de Direito
Ass) ANA MARIA FERREIRA

«DL» 30/10/86 — 1.ª Pub.

Cadilhe foi o primeiro

Discussão do Orçamento leva ministros à Assembleia

Iniciou-se ontem com a presença do Ministro das Finanças a série de oito reuniões que a comissão parlamentar de Economia e Finanças tem prevista com responsáveis pelos diversos departamentos governamentais tendo em vista a obtenção de esclarecimentos sobre a proposta de Orçamento de Estado para o próximo ano.

De acordo com o calendário destes encontros, a mesma Comissão tem marcada para hoje uma sessão com o Ministro do Plano e para amanhã outras com os titulares da Agricultura e do Trabalho. No próximo dia 3 realizar-se-á uma reunião com a Ministra da Saúde e no dia 4 com com os responsáveis pela Educação e Saúde.

Entretanto, o calendário do debate parlamentar sobre o Orçamento que tinha sido proposto pela Comissão de Economia está já confirmado, excepto no que respeita á fase final que apontava para o dia 5 de Dezembro, De facto, se esta vier a coincidir com a deslocação do Primeiro Ministro a Inglaterra para participar numa cimeira da CEE, o encerramento do debate será adiado por alguns dias.

Repetição de eleições

Ontem, na sua reunião habitual das quartas-feiras, a conferência de líderes parlamentares decidiu que, na próxima semana, só se realizará uma sessão plenária da Assembleia por forma a permitir às diversas comissões um estudo atento e aprofundado do Orçamento de Estado.

Esta tarde irá, entretanto, repetir-se a votação para a eleição de dois membros da Mesa dos deputados comunistas José Vitoriano e Jorge Patrício, respectivamente, para vice-Presidente e vice-Secretário que não obtiveram a maioria absoluta no escrutínio realizado na passada terça-feira.

De salientar que foi o próprio PCP a chamar a atenção para o facto na reunião de líderes ontem realizada. Com efeito, embora tenham sido oficialmente proclamados eleitos de acordo com as normas regimentais, não o foram segundo os preceitos constitucionais.

De facto, o Regimento diz que são eleitos os candidatos que obtiverem a seu favor mais de metade dos votos validamente expressos,(o que de facto aconteceu), mas a Constituição obriga a que tenham de suscitar o apoio de mais de metade dos deputados em efectividade de funções (126 no mínimo). Ora tanto um como outro dos candidatos obtiveram apenas 125 votos favoráveis.

Da agenda de trabalhos de hoje consta ainda a apresentação de um voto sobre a passagem dos 50 anos do início do funcionamento do campo de concentração do Tarrafal e deverão começar a ser analisados diversos projectos de lei: um, do PSD, sobre a obrigatoriedade de parecer prévio vinculativo das câmaras municipais para o licenciamento de jogos e diversões públicas; outro, do PRD, sobre a actualização dos abonos aos titulares das juntas de freguesia e dois sobre subsídios de dedicação exclusiva de docentes do ensino superior.

Governo entregou «Grandes Opções»

Ainda ontem, o Governo entregou na Assembleia da República o documento que contém as «Grandes Opções do Plano para 1987» em complemento às «Grandes Opções a Médio Prazo para 1987/1990».

O Executivo respondeu assim a um pedido da Oposição de esquerda no Parlamento, que alegou a exigência constitucional de, além das GOP a médio prazo, o Governo dever também entregar as GOP anuais.

No final da reunião com os deputados da Comissão de Economia, Miguel Cadilhe considerou normais todos os pedidos de esclarecimento adicionais e disse que o Governo vai fazer todo o possível por lhes responder cabalmente. De acordo com o Ministro, algumas das principais questões levantadas pelos deputados dizem respeito às receitas fiscais do INGA (ex-Fundo de Abastecimentos), às relações com a CEE e às estimativas para 1987 de sistemas de incentivos.

Sobre a informação prestada pelo Governo, o socialista João Cravinho considerou que «se notou um aperfeiçoamento gradual na informação, apesar das lacunas existentes». E prosseguiu: «Há progressos que queremos registar, , mas há lacunas, de omissão ou de clarificação das finanças públicas, que queriamos ver preenchidas».Adiantou ainda haver na proposta orçamental «coisas obviamente erradas» como o saldo positivo previsto para a Balança de Transacções Correntes.

Por deu lado, Carlos Carvalhas (PCP), declarou aos jornalistas que, na reunião, o Ministro «confirmou não ter entregado todos os documentos a que estava obrigado, nomeadamente o orçamento consolidado do sector público». Confirmou também que o Orçamento apresentado tem um conjunto de erros que «são gralhas de milhões de contos».

«Gralhas» que Rui Machete (PSD) minimizou, dizendo que derivam da pressa, de contas erradas naturalmente, que são coisas «que não têm dolo nenhum».

Cadilhe apresentou-se acompanhado por três dos secretários de Estado do seu departamento, e os quais Rui Carp, secr de Estado do Orçame

Entretan missão Parlamentar d nomia decidiu ontem r a comparência do nador do Banco de Port para pedir esclarecimentos sobre matéria da sua competência.

Recorde-se que idêntico pedido foi form por esta comissão no passado, tendo o Gover recusado a participação de alto funcionário na reunião. Vitor Const era então o responsável máximo do Banco central.

O ex-presidente da República teve honras ao mais alto nível

Eanes chegou hoje a Lisboa no regresso da viagem ao Maputo

O general Ramalho Eanes e sua mulher, Manuela Eanes, chegaram hoje a Lisboa no regresso da viagem a Moçambique para assistirem às cerimónias fúnebres de Samora Machel, um «amigo pessoal». O avião que transportou Eanes fez escala na ilha do Sal para desembarcar o presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira.

No aeroporto de Maputo, o ex-chefe do Estado português teve uma despedida ao mais alto nível: apresentaram-lhe cumprimentos Marcelino dos Santos (número dois da Frelimo) Joaquim Chissano, ministro dos Negócios Estrangeiros, e os ministros da Agricultura e Recursos Minerais, respectivamente João Ferreira e John Cachamila, e o vice-ministro do Comércio, Praskash Ratilal, além de outras individualidades.

Ainda há escolas por abrir

São Julião não tem mobília Vale da Romeira cai de pôdre

A Escola Preparatória de São Julião, em Oeiras, talvez comece a funcionar no próximo dia 10 de Novembro. A escola foi informada ontem à tarde pela Direcção-Geral do Equipamento Educativo de que tinham sido negociados novos contratos com outra empresa para fornecimento do material que falta e sem o qual a escola não pode funcionar, pois trata-se de mesas e cadeiras para os alunos.

As empresas fornecedoras da nova preparatória de São Julião tinham como data limite para cumprirem as encomendas o dia 30 de Setembro. A empresa fornecedora daquele mobiliário falhou a entrega e até hoje não a fez.

A escola está pronta a funcionar e, do ponto de vista da organização interna, teria aberto dentro da data determinada pelo Ministério da Educação e Cultura, se não fosse a carência daquele mobiliário.

As instalações da antiga preparatória de São Julião, que a partir de agora funcionará como secção com algumas turmas do sétimo unificado, abriram no passado dia 3.

Cerca de 750 alunos do primeiro e segundo anos do ciclo preparatório e do sétimo unificado aguardam que a nova escola abra.

Preparatória do Vale da Romeira

Também a preparatória do Vale da Romeira n.º 1 ainda não abriu devido ao estado de degradação a que chegaram as instalações.

Desde 1981 que a escola funciona provisoriamente em pavilhões préfabricados, também eles provisórios desde 1965. Com um pátio que apresenta grau elevado de empoeiramento, de acordo com exame realizado em 1985 pelo Laboratório de Higiene Industrial do Instituto Nacional de Saúde, esta escola é a única do concelho do Seixal que ainda não foi pavimentada, apesar de ser aquela que há mais tempo está em funcionamento.

O pátio de terra batida é o único de que os alunos se podem servir para recreio. No Inverno, devido a um deficiente escoamento das águas pluviais, o pó transforma-se em lama e todos os espaços escolares ficam enlameados.

Os telhados dos pavilhões também estão completamente degradados, chovendo dentro das salas de aula. Os tectos de duas salas encontram-se escorados com vigas para não caírem e o tecto de uma terceira sala ameaça desabar totalmente. Por trás da escola há um barranco mais alto que os edifícios contíguos, distando cerca de três palmos das paredes da escola. O barranco não é escorado, podendo também desabar a qualquer momento.

Face a esta situação, o conselho directivo recusa-se a assumir a responsabilidade pela segurança das instalações e não pode permitir que as aulas abram a fim de garantir a segurança da população escolar.

Pode vir a "expulsar muitos estudantes"

JCP critica precedências e prescrições

A eventual aplicação dos diplomas que consagram «a instauração de regimes conjugados de prescrições e precedências» no Ensino Superior «expulsaria muitos estudantes» das Universidades, acusou a Juventude Comunista Portuguesa.

O regime de prescrições estabelece uma duração limite para a conclusão dos cursos. O de precedências prevê que um aluno só se possa inscrever em determinadas cadeiras se tiver antes obtido aproveitamento em disciplinas de anos anteriores que abranjam a mesma área de conhecimentos.

A JCP, que divulgou ontem as conclusões da reunião do fim-de-semana passado da direcção central alargada da JCP, contesta que aqueles regimes se apliquem apenas ao ensino público e que tenham também «eficácia retroactiva».

A sua eventual aplicação «é de todo inadmissível» e «não tem em conta as deficientes condições pedagógicas», visando apenas «a criação artificial de vagas», disse António Filipe, da direcção central do Ensino Superior da JCP.

A nova regulamentação do montante de bolsas a atribuir aos estudantes e aumento do preço das refeições em cantinas universitárias e da permanência em residências contribuem também, no entender da JCP, «para uma maior selectividade e elitização do Ensino Superior».

No caso das residências, os jovens comunistas contestam que aos estudantes deixe de ser servido pequeno-almoço e que seja eliminado o serviço de tratamento de roupa.

A criação de novas Universidades privadas é considerada «inadmissível» pelos jovens comunistas que salientam o facto de tal ocorrer num «momento em que se restringe o acesso ao Ensino Superior público» e também que as novas escolas «abrangem áreas» muito afectadas pelo «numerus clausus», disse António Filipe.

«O não reconhecimento aos estudantes dos Institutos Superiores de Engenharia do direito à licenciatura, legalmente consignado», e a «deterioração implacável» das instalações escolares, bem como «o protelamento de construções» são para a JCP «outros dos problemas que afectam profundamente os direitos estudantis».

A prevista «quebra substancial», no Orçamento de Estado, das verbas para a educação é qualificada pela JCP de «extremamente grave», tal como o é a «ausência de saídas profissionais para os jovens recém-licenciados, que se generaliza em sectores como as Ciências Sociais e Humanas».

Os problemas do Ensino assentam, segundo a JCP, «na política que de há vários anos tem sido desenvolvida a partir de vários governos de direita».

Para ultrapassar as dificuldades que aponta, a reunião da Direcção Central do Ensino Superior da JCP definiu como «indispensável» o fortalecimento do carácter unitário do movimento associativo.

No campo da «luta pela paz», a reunião da JCP pronunciou-se pelo «desenvolvimento de acções de debate e informação, que possam esclarecer e dar corpo a um grande movimento universitário pela paz».

Quatro anos de vida num País onde, no mesmo período, mais de uma dúzia de publicações nasceram e pereceram são a razão de peso para olhar com atenção as páginas da revista ELES E ELAS.

Embora apostando no «fait-divers», ELES E ELAS não descura a actualidade política nem a reportagem nacional de fundo. O automobilismo, as viagens e uma espreitadela no mundo do «jet-set», em Portugal e no estrangeiro, transformam-na numa leitura mensal obrigatória.

Para este mês o destaque ELES E ELAS revela um possível escândalo internacional nas Belas-Artes; o homem que rejeitou Stephanie do Mónaco; o porquê da paciência dos portugueses; **as últimas investigações sobre a SIDA; as grandes fotos do automobilismo mundial e crónicas de Helena Roseta, Joaquim Letria e Luís Morales.**

Distribuição INTERPRESS

TRIBUNAL DO TRABALHO LISBOA 9.º JUÍZO – 2.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

O DOUTOR ANTÓNIO LUÍS SOARES DE ANDRADE, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL DO TRABLAHO DE LISBOA:

FAZ SABER QUE, pela 2.ª Secção do nono Juízo deste Tribunal, situado na Rua Marquês da Fronteira – Palácio da Justiça, 6.º piso em Lisboa, e nos autos de Contrato Individual de Trabalho registados sob o n.º 22/85, em que são partes MARIA DO CARMO DUARTE PEDRO, residente na Cerâmica do Alcoitão-Estoril e LECA BETÃO – PRÉ-FABRICADOS COM ARGILA EXPANDITA, SARL com última sede conhecida na Rua Castilho n.º 39-8.º Esq.º em Lisboa ou em Penaferrim-Linhó-Sintra, e nos referidos autos correm éditos de TRINTA DIAS a notificar a Ré da Douta sentença proferida a fls. 23 e v.º, cuja cópia pode ser reclamada nesta Secção em qualquer dos dias úteis e na hora do expediente.

Mais fica a Ré advertida para no prazo de 30 dias após o trânsito em julgado da sentença, findos que sejam os éditos e estes a contar da data do último anúncio, juntar aos autos documento comprovativo do pagamento das quantias em que foi condenada, nos termos do artigo 71.º do Código Processo Trabalho.

Lisboa, 7 de Outubro de 1986

O JUIZ DE DIREITO,
(António Luís Soares de Andrade)

P/O ESCRIVÃO DE DIREITO,
(Arlette Avelar Tavares)

"D.L." 39/10/86 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO ANÚNCIO

O DOUTOR JUIZ deste 17.º Juízo Cível e 3.ª Secção

FAZ SABER, que por este Juízo correm éditos de trinta dias (TRINTA), que começarão a contar-se a partir do segundo anúncio, citando o Réu AMÉRICO JOSÉ GALVÃO DA DILVA, actualmente em parte incerta, e com última residência conhecida em Carajau, Caniço, da comarca do Funchal, para no prazo de OITO DIAS, decorrido o de éditos, nos autos de ACÇÃO SUMÁRIA N.º 3164, – que lhe move a Companhia de Seguros Império, EP, contestar, querendo, a mesma acção, sob pena de ser condenado imediatamente no pedido, encontrando-se os duplicados da presente acção nesta secretaria.

Lisboa, 22 de Outubro de 1986
O Juiz de Direito,
José Albino Caetano Duarte
O Escrivão-Adjunto,
Maria Zita Pais Paula
"D.L." 39/10/86 – 1.ª Pub.

Carreira de tiro muda para Condeixa

A carreira de tiro situada perto da nova escola secundária D. Dinis, em Coimbra, vai mudar para o concelho de Condeixa, anunciou o governador civil do distrito.

Cipriano Martins deu esta informação no final de uma reunião no governo civil em que estiveram presentes o sub-director geral do Equipamento Escolar, representantes da Região Militar do Centro, das Câmaras Municipais de Coimbra e Condeixa, do conselho directivo da escola e da associação de pais.

A reunião teve como objectivo a resolução de problemas que têm sido obstáculo à abertura da nova escola, e entre os quais se destaca a carreira de tiro.

O governador civil disse que o Ministério da Educação e Cultura e o Estado-Maior do Exército vão assinar um protocolo de acordo que prevê a transferência da carreira de tiro para o concelho de Condeixa.

Política de ambiente tem de passar pelas autarquias

— *concluíram participantes no Seminário "Autarquias, Ambiente e Ordenamento"*

A definição de uma política de ambiente «tem de passar fundamentalmente pelas autarquias» declarou Santos Oliveira, professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia, falando das conclusões do seminário «Autarquias, Ambiente e Ordenamento», que ontem terminou no Monte de Caparica.

«Qualquer política de gestão de recursos tem de passar pelo ordenamento do território», sublinhou Santos Oliveira. De acordo com este docente, o seminário concluiu que o ordenamento do território passa «pela criação de um Conselho Nacional de Ordenamento», proposta avançada durante os trabalhos.

Quanto ao perigo de ocorrência de acidentes industriais graves, Santos Oliveira disse que há que garantir processos eficazes de prevenir na medida do possível esses acidentes e de preparar meios eficazes de actuação caso aconteçam.

O seminário recomendou que, na área da defesa do consumidor, as autoridades governamentais e as autarquias unam os seus esforços, e defendeu a criação de um Conselho do Consumidor a nível de municípios.

A necessidade de desenvolver tecnologias no domínio do saneamento básico que considerem as potencialidades climáticas do país e que sejam de baixo custo energético foi também defendida.

Os participantes na reunião foram informados do estado dos trabalhos de preparação da Lei Quadro do Ambiente sublinharam o direito dos cidadãos a definir o grau de poluição que estão dispostos a aceitar.

Defendida a designação de um provedor do Ambiente

O representante da Associação Nacional de Municípios defendeu ontem a definição dos mecanismos para designar um provedor do Ambiente.

Daniel Branco teceu críticas ao Governo, nomeadamente pela «falta de contacto com os municípios, escassas intervenções dos representantes das autarquias e por ainda não ter havido uma reflexão conjunta das câmaras face aos problemas do ambiente ligados ao ordenamento do território».

«Daí que não exista uma visão sistematizada da ANMP» — salientou o vice-presidente da Associação, propondo que seja traçada uma metodologia de acção no âmbito do ordenamento do território baseada na grande capacidade de participação do cidadão na vida activa, na definição de uma acção programada ao nível da educação, formação e informação da descentralização e no levantamento exaustivo dos recursos existentes.

Outras necessidades apontadas pelo autarca foram um esforço no domínio legislativo, o aprofundamento das análises dos instrumentos de planeamento e assegurar a participação das populações de modo eficiente.

Daniel Branco apelou também para o contacto directo da Universidade com a realidade dos municípios de modo a contribuirem para uma sistematização e conceptualização das experiências acumuladas.

Ferreira Mendes, catedrático do FCT, defendeu por seu lado que a política de ordenamento do território tem de ser integrada no desenvolvimento socioeconómico do país.

Aquele catedrático considerou necessário adequar a estrutura institucional, conferir participação nos planos regional e local, adaptar os apoios e estímulos ao desenvolvimento de acordo com as particularidades e realidades de cada região e descentralizar a indústria e serviços.

Defendeu ainda que é necessário aproveitar as potencialidades, tais como as conferidas pela diversidade do território, zona económica exclusiva (ZEE) e aptidões específicas, como o turismo, a pecuária, a riqueza florestal e as pescas.

Ferreira Mendes preconizou também a realização de um plano de ordenamento global para o país em simultâneo com planos específicos para cada região, que integrem uma política de ambiente e qualidade de vida.

Referindo-se ao novo enquadramento europeu, Ferreira Mendes considerou que exige a reformulação das políticas de ordenamento dos fundos disponíveis (FEOGA e FEDER) e salientou a necessidade «absoluta de articulação com a Espanha».

Durante os debates, um dos aspectos focados foi o que se prende com a criação de mecanismos legais que protejam as autarquias no seu papel de defesa do ambiente.

Face à criação de agência noticiosa governamental

Trabalhadores da Anop solicitam intervenção do Provedor de Justiça

Os órgãos representativos dos trabalhadores da Anop acabam de solicitar a intervenção do Provedor de Justiça no esclarecimento da constitucionalidade do quadro jurídico em que o Governo pretende criar uma nova agência noticiosa.

A Comissão de Trabalhadores, os delegados sindicais e o Conselho de Redacção pediram ao Provedor de Justiça, Almeida Ribeiro, que solicite ao Tribunal Constitucional parecer sobre a constitucionalidade do Decreto-Lei 31/84 que instituiu as régies-cooperativas ou cooperativas de interesse público.

O projecto de estatutos de agência noticiosa que o Governo pretende criar, mediante a extinção da Anop e a alteração dos estatutos da NP, prevê que a empresa revista a forma de régie-cooperativa ou cooperativa de interesse público.

Os ORT's da Anop também pedem ao Provedor de Justiça que «informe o Governo sobre os riscos inerentes à criação de uma agência noticiosa ao abrigo de preceitos legais cuja constitucionalidade suscita as mais sérias reservas».

Baseando-se num parecer de Ferreira da Costa, antigo director e actual assessor do Instituto António Sérgio, os organismos representativos dos trabalhadores da Anop entendem que o Decreto-Lei 31/84 viola o número 4 do Artigo 89 da Constituição.

Estariam em contradição com os princípios cooperativos os artigos daquele diploma que determinam que o número de votos dos cooperantes na Assembleia Geral é proporcional ao capital realizado e que o Estado participa nos órgãos sociais na proporção do respectivo capital.

Acresce que o Decreto-Lei 31/34 faz depender de mera decisão administrativa a constituição das cooperativas de interesse público, a exoneração da parte pública e a substituição dos respectivos representantes nos órgãos sociais.

Ascende a 41 o número de "G-3" encontradas na serra de Sintra

Elementos da Guarda Republicana encontraram ontem de manhã durante as buscas efectuadas na estrada de Sintra para os Capuchos mais um recipiente de plástico, este contendo três espingardas-metralhadoras «G-3» completas e os quinze canos que faltavam nas armas detectadas na véspera por cantoneiros da Junta Autónoma de Estradas que ali procediam à limpeza dos caminhos e linhas de água.

Fixou-se assim em 41 o total de armas daquele tipo encontradas nos dois dias, já que na terça-feira de manhã os trabalhadores da JAE deram com um bidão de plástico enterrado a pouco mais de um palmo perto da Quinta da Urca, na zona do Pé da Serra.

Aberto o recipiente verificaram a existência de várias armas «G-3» algumas sem os canos correspondentes, envolvidas em plástico e devidamente untadas com massa isolante, embora com vestígios de haverem sido atacadas pela humidade, fazendo crer já ali se encontrarem há bastante tempo.

Continuando nas escavações nas proximidades do primeiro achado, ou seja à saída do pequeno aqueduto de água sob a estrada, os cantoneiros viriam a descobrir um outro contentor com mais armas e respectivas componentes, o que totalizaria 37, algumas com a falta dos canos.

Entretanto, seria alertada a GNR de Colares que viria a tomar conta do material de guerra encontrado e organizaria buscas no sentido de eventual achado de mais armas, o que apenas viria a acontecer ontem de manhã com recurso a aparelhagem detectora de metais.

As armas vão ser entregues ao Depósito-Geral de Material de Guerra, informou o Comando-Geral da GNR, pois só aquele departamento poderá proceder à sua identificação e referenciar o local de onde teram sido levadas.

O número identificativo é perfeitamente visível sendo por isso fácil localizar a respectiva proveniência. Ainda e segundo a GNR, duas das armas têm os números: U15450 Ref.1/85 FMP e 279343 Ref.4/73 FPM.

Elementos da GNR continuam a proceder a diligências com a finalidade de apurar se há mais armamento escondido no local e na zona circundante.

Recorde-se que em 17 de Setembro do corrente ano foram retirados das águas do Tejo, junto a Alcântara, dois lotes num total de 17 metralhadoras «G-3» devidamente envolvidas em plástico, verificando-se posteriormente que haviam sido furtadas em 1975 do Regimento de Cavalaria de Santarém, do Regimento de Artilharia Ligeira de Lisboa (Ralis) e do Depósito de Material de Guerra de Beirolas e já este mês, no dia quatro, mais duas «G-3» foram encontradas junto à Azinhaga do Ramalho, ao Jardim Zoológico, ali abandonadas por alguém que assim se quis desfazer delas.

O porta-voz da GNR diria esta manhã que as buscas prolongaram-se por todo o dia de ontem sem quaisquer outras consequências e que o número de «G-3» encontradas elevou-se a 41 e não 40 como se pensava em princípio, por a junção de componentes encontradas avulso permitir constituir mais uma completa.

Português ferido pela Renamo

O cooperante português Fernando Martins foi ferido num ataque da Renamo na zona de Monapo, província de Nampula, soube hoje a Agência NP.

Fernando Martins, que trabalha na empresa estatal Electricidade de Moçambique, chegou no dia 25 ao Hospital de Nampula.

Uma fonte disse que o cooperante português se encontra livre de perigo, mas que tem de ser operado a um braço.

A Renamo está a penetrar na província de Nampula, vinda da Zambézia, onde possui uma das principais bases em território moçambicano, localizada na zona de Morrumbala, com acesso fácil ao Malawi.

Fontes militares disseram que a Renamo está a penetrar na província de Nampula, sobretudo para raptar homens.

Numa dessas incursões, no distrito de Moma, deitou fogo a uma pocilga matando 400 porcos.

Grave acidente de viação em Paço de Arcos

Um morto e cinco feridos é o resultado de um acidente registado às 6.30 h de hoje na marginal na Curva dos Pinheiros, à entrada de Paço de Arcos.

O acidente envolveu três automóveis, um dos quais se despistou embatendo nos outros dois.

Fonte hospitalar disse que os cinco feridos são indianos, não sendo de momento conhecida a identidade do morto.

O trânsito no local fez-se com dificuldade durante as primeiras horas da manhã.

Centena e meia de mortos na estrada em Setembro

Elevou-se a 151 mortos e 2708 feridos as vítimas de 3261 acidentes de viação ocorridos durante o mês de Setembro, número que representa um acréscimo em relação ao mesmo mês do ano anterior, em que se verificaram 2754 com apenas 136 vítimas mortais e 2357 feridos.

Quanto ao mês de Agosto do corrente ano, elementos do mesmo modo fornecidos pela Guarda Nacional Republicana, houve um total de 4044 acidentes de estrada de que resultaram 213 mortos e 3380 feridos o que representa uma diminuição em relação aos verificados em 1985 no decurso do mesmo mês.

Lisboa foi o distrito onde se veruificou maior número de acidentes de viação e o do Poreto onde se registou mais ocorrências mortais.

Descentralização do Centro Nacional de Pensões

"Dividir um problema nacional em 18 distritais"

— afirmam órgãos representativos dos trabalhadores

A descentralização de alguns serviços do Centro Nacional de Pensões para os Centros Regionais e Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social anunciada pelo Governo vai pôr em causa os direitos dos seus trabalhadores e pensionistas afirmaram ontem trabalhadores daquele organismo em conferência de Imprensa realizada na Federação dos Sindicatos da Função Pública.

Para os membros do Sindicato, da federação e da Comissão de Trabalhadores tais medidas «põem em causa os direitos e interesses fundamentais dos cerca de 1200 trabalhadores e por si só nada resolverão, a não ser esconder e dividir um problema nacional em 18 problemas distritais».

Com as medidas que o Governo pretende pôr em vigor a partir de Janeiro de 1987 está em causa a estabilidade de emprego, o direito às carreiras profissionais, os benefícios sociais e o horário de trabalho.

Com a descentalização de serviços pelos Centros Regionais um grande número de trabalhadores do Centro Nacional de Pensões ficará, segundo a Comissão de Trabalhadores, sem o seu posto de trabalho, uma vez que as tarefas que o Centro passará a desempenhar não absorvem os seus 1200 trabalhadores.

Quanto à estabilidade de emprego, direito às carreiras profissionais e outros direitos dos trabalhadores, os membros do Governo - segundo os orgãos representativos dos trabalhadores - informaram já ter feito alguns contactos com outros departamentos da Administração Pública, procurando sensibilizá-los a aceitar futuros trabalhadores excedentes do Centro e que terão a situação em conta quando se verificarem vagas nos quadros dos departamentos da Segurança Social, mas «nada está assegurado».

Problemas não são resolvidos

As razões apontadas pelo Governo para a descentralização do Centro Nacional de Pensões - o elevado número de procesosos de reforma em atraso - são, para os orgãos representativos dos trabalhadores falsas questões e as soluções encontradas não resolvem os problemas de fundo.

Quanto ao atraso dos processos de reforma apontado pelo actual Governo, os membros do Sindicato, Federação e Comissão de Trabalhadores presentes na conferência de Imprensa salientam que as principais razões são externas ao Centro Nacional de Pensões.

Para aquelas estruturas representativas dos trabalhadores, a situação levantada pelo Governo é devida a um grande atraso existente na realização das juntas médicas, que demoram entre 5 a 20 meses - destacando os casos de Braga e Setúbal - chegando mesmo a haver Centros de Saúde que não fazem juntas médicas.

A falta de coordenação entre os Centros regionais e o Centro Nacional de Pensões foi também apontado, referindo-se que se «verifica um grande atraso no envio dos requerimentos dos rurais têm actualmente um atraso de 10 meses».

Outros factores ainda referidos foram a existência no sector de três sistemas de informática sem ligação entre si e uma legislação sobre reformas complexa e pouco clara, o que dificulta o funcionamento dos serviços e a reorganização dos serviços dos Centros Regionais, que não têm capacidade de resposta.

Tais situações não são resolvidas pelas soluções apontadas pelo Governo, o que leva os membros daqueles organismos a afirmar que se «divide um problema nacional em 18 problemas distritais».

Os membros daqueles organismos presentes na conferência de Imprensa consideraram que se podem minimizar os custos e reduzir o tempo de espera das pensões se forem utilizados os meios técnicos e humanos existentes, afirmando que «se a situação não é mais grave, tal deve-se ao empenhamento e esforço colectivo dos trabalhadores da Segurança Social».

Os trabalhadores do Centro Nacional de Pensões estão dispostos a empreender acções concretas para combater a situação e a «denunciar à opinião pública as verdadeiras razões que conduziram ao ponto actual».

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

FOI a vez de o líder subir à tribuna. Momento emocionante. Zacarias Flor, considerado o patriarca dos históricos, aguardou, paciente, que as ovações se aplacassem:

«Prezados amigos — Tem esta Associação desenvolvido os maiores esforços para um mais amplo conhecimento da situação. Não fazemos política. E se contra os políticos falamos, se nos metemos na vida deles, é somente quando eles se metem na nossa vida ou seja, quando eles nos fazem concorrência.

«Há que dizer a verdade. Pertencemos a uma classe duramente atingida pela crise. Mais duramente do que nenhuma outra. Solenemente o proclamamos do alto desta tribuna: ou se tomam medidas urgentes, ou a nossa classe caminhará a passos largos para a extinção!

«A primeira machadada que sofremos foi a revolução no vestuário. Primeiro desapareceram os casacos. Sofreram os alfaiates e sofremos nós. Veio depois a absurda moda dos «jeans» justinhos ao corpo. O que se poupava na fazenda ia gastar-se na bolsinha de cabedal e de plástico com fecho «éclair».

«O desenvolvimento da viação urbana, veio trazer-nos algumas esperanças. O «passe social», porém, foi outro golpe. Ainda íamos sobrevivendo à custa do turismo — mas as excursões, essas, favoreciam os interesses das agências de viagens, não os nossos.

«Entretanto, a crise aumentava. A propaganda da entrada na CEE fez renascer as nossas esperanças. É certo que o governo consultou os parceiros sociais, entre os quais a nossa Associação se encontrava.

«Estamos em crer que os nossos interesses foram acautelados, mas resta-nos agora aguardar pela promulgação da livre circulação da mão-de-obra.

«Para já, um agradecimento à Televisão pelo carinho que dispensou ao nosso congresso tendo-nos sido igualmente garantido o direito ao «Tempo de Antena».

E já agora, senhora dona secretária da Cultura, não se arranja aí um mecenazinho cá para a malta?»

Nota — O discurso de Zacarias Flor, líder da Associação Nacional dos Carteiristas, será transmitido em suplemento ao Telejornal.

Em causa o tratamento de espaços públicos

Câmara de Lisboa rejeitou proposta do PPM para lançamento de concurso de ideias

Por maioria, a Câmara Municipal de Lisboa rejeitou ontem em sessão pública, uma proposta apresentada pelo vereador do PPM que previa o lançamento de um concurso de ideias entre profissionais qualificados para todos os processos de arranjo e remodelação dos espaços públicos da cidade.

«Estou a pensar em dar uma conferência de Imprensa sobre o que se está a passar na Câmara de Lisboa neste domínio», declarou esta manhã ao «DL» o vereador Ribeiro Teles, autor de uma proposta, cujos traços principais já tinham sido revelados em anterior edição do nosso jornal.

A proposta do eleito na lista «alfacinha» apenas recolheu os votos favoráveis dos vereadores da Aliança Povo Uniodo, «por uma questão de coerência com posições idênticas tomadas anteriormente, nos casos da Avenida da Liberdade e da zona ribeirinha», segundo precisou Rui Godinho.

A votação negativa do PSD, CDS e PS, alegando, de acordo com o comunicado da CML, que a proposta dos populares—monárquicos originaria várias paralizações dos serviços municipais, «onde se encontram técnicos de reconhecida competência em matéria de gestão do espaço público», mereceu alguns comentários do vereador proponente.

«A paralisação já existe», contestou Ribeiro Teles, indicando «a lista imensa de edifícios classificados, sem que haja qualquer estudo da Câmara para a sua manutenção, conservação e reutilização», sublinhando que o lançamento de um concurso de ideias entre técnicos competentes «é prática que se segue em todo o Mundo, enquanto nós temos arquitectos desempregados».

Referindo-se às acusações de que a sua proposta substituiria o Plano Director Municipal, além de se sobrepor às competências que a lei confere ao presidente, Ribeiro Teles adiantou: «julgo que o presidente da Câmara de Lisboa não tem competência para criar espaços arquitectónicos na cidade, e os técnicos camarários estão assoberbados com com trabalhos de gestão e não de criação; o Plano Director Municipal», prosseguiu Ribeiro Teles, «não tem nada a ver com esta proposta, pois ocupa-se da macro-escala».

Lixo e habitação

Antes da ordem do dia, os vereadores da APU abordaram, mais uma vez, a questão final do lixo da cidade. «Desde 11 de Setembro que está nas mãos do presidente da Câmara e do vereador Pinto Machado o relatório da comissão do Aterro Sanitário do Vale do Forno, onde são apontadas as soluções de curto, médio e longo prazo», referiu ao «DL» Rui Godinho, sublinhando «que se tem vindo a protelar o seu agendamento para aprovação por parte da Câmara».

Na sessão de ontem, os vereadores socialistas defenderam a inclusão, por parte do Governo, no plano a médio prazo, de financiamentos para um «plano de emergência» no sector da habitação de Lisboa.

Vasco Franco, ao apresentar a proposta salientou que, em Lisboa, 50 mil pessoas vivem em 13.500 barracas, e que 80 mil habitantes têm como moradas 26 mil fogos sobreocupados.

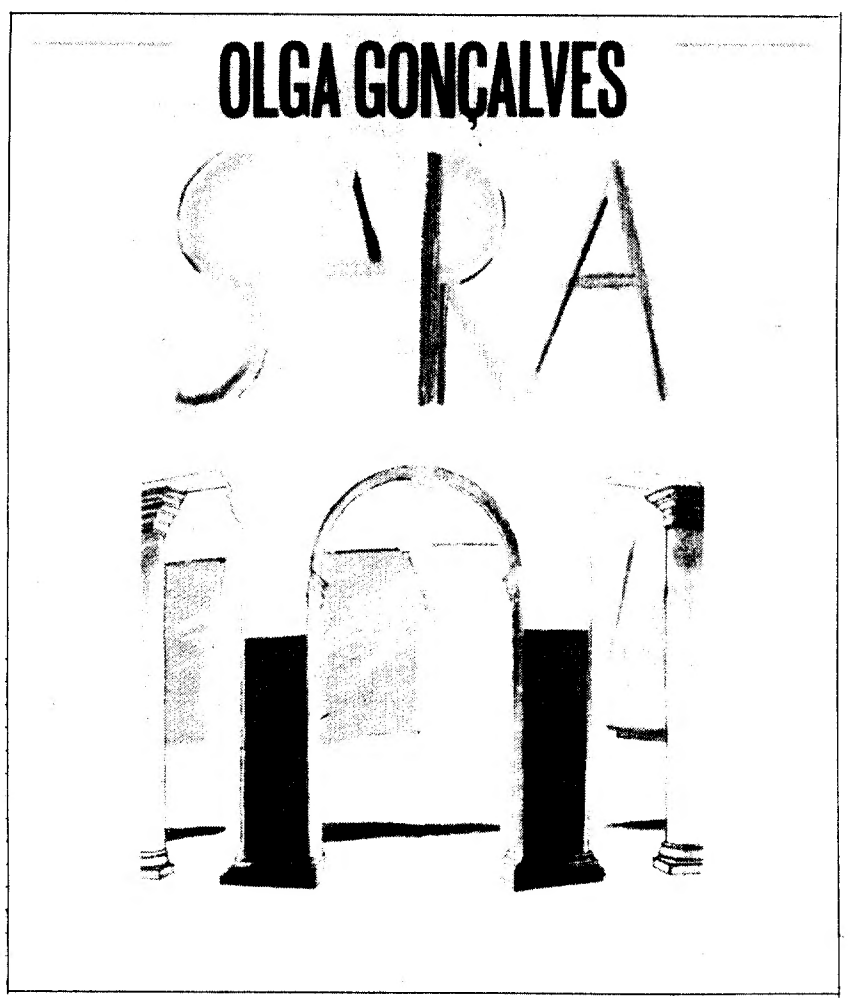
«Sem uma actuação de emergência, que terá de contar com a participação do Governo, a Câmara de Lisboa só daqui a 20 anos poderia construir os fogos necessários para alojar a população residente nos bairros de barracas, gastando para isso, a preços actuais, cerca de 33,5 milhões de contos», sublinhou o vereador socialista.

A proposta da bancada do PS refere, ainda, que o Municipio só conseguiu construir pouco mais de sete mil fogos em dez anos, o que corresponde a cerca de metade dos ainda necessários para alojar os que vivem em barracas.

Na sessão de ontem, os eleitos da APU apresentaram a anunciada proposta para a recuperação e salvaguarda do Bairro Alto, que passa por um esforço na fixação da população, e por uma intervenção em duas fases, como o «DL» revelou em tempo oportuno.

É preciso evitar situações como a da rua do Carmo, considerou, ontem Ribeiro Teles

OLGA GONÇALVES



A Editorial Caminho tem o prazer de anunciar a sessão de lançamento do novo romance de Olga Gonçalves – Sara.
O lançamento de Sara **tem a colaboração da Altamira, e realiza-se hoje, às 18.30 horas, na Galeria Altamira, Rua Filipe Folque, n.º 48-A, em Lisboa.**
Falarão sobre o livro a jornalista Inês Pedrosa e o escritor Baptista-Bastos.
A entrada é livre.

CAMINHO
o Campo da Palavra

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

CONCURSO PÚBLICO
VENDA DE VIATURAS E CICLOMOTORES

Vai proceder-se à venda das Viaturas usadas, abatidas ao património.
VIATURAS:
C – 380 – NISSAN CABALL depositado em Leiria
C – 589 – MORRIS MARINA depositado em Leiria
C – 257 – MERCEDES depositado, Entroncamento
C – 642 – MORRIS MARINA depositado, CTL-Qt.ª Pinheiro de Fora 2685 SACAVÉM.

CICLOMOTORES:
C – 520A – depositado em CDP Cova da Piedade
C – 597A – depositado em CDP Cova da Piedade
C – 641A – depositado em CDP Cova da Piedade
C – 661A – depositado em CDP Cova da Piedade
C – 700A – depositado em CDP Cova da Piedade
C – 704A – depositado em CDP Cova da Piedade
C – 0835A – depositado em CDP Cova da Piedade
C – 0464A – depositado em CDP Carcavelos
C – 0638A – depositado em CDP Torres Vedras
C – 0634A – depositado em CDP Amadora
C – 0801A – depositado em CDP Amadora
C – 0877A – depositado em CDP Amadora
C – 0896A – depositado em CDP Estoril

Os mesmos poderão ser vistos nos locais de depósito, acima indicados das 9.00 horas às 18.00 horas, excepto no Entroncamento cujo horário será das 15.00 horas às 20.00 horas nos dias 4, 5 e 6 de Novembro.

As Viaturas serão vendidas no estado em que se encontram e os CTT reservam-se o direito de não fazer qualquer adjudicação.

As propostas em carta lacrada deverão ser apresentadas individualmente, até às 17.00 horas do dia 14 de Novembro de 1986 no:

DEPARTAMENTO DE APROVISIONAMENTOS DA DRCL
Av. da República 18-10.º
1000 LISBOA

Apesar de tudo faltou o oiro

Nuno Ribeiro

Era uma ementa que suscitava a atenção a que a Costa Azul apresentou ontem, com a responsabilidade de em anteriores edições do certame ter deliciado os comensais da Casa do Campino com manjares de que ainda guardamos os sabores. E, apesar de termos tido a rara oportunidade de apreciar a busca de novas soluções de um artesão da cozinha, faltou o oiro, os «se», para que o almoço da região de Turismo de Setúbal fosse oiro sobre azul.

As receitas do dia

Patrocínio GALPgás

uma chama mais viva

Fritada de tamboril com arroz à pescador

Ingredientes (para 4 pessoas): Para a fritada- 1 tamboril de 1,5 Kg com os respectivos fígados; 1 colher de pimentão em calda; 2 ovos; 1 dente de alho; 2 colheres de sopa de azeite; 1 raminho de salsa picada; 100 gramas de farinha de trigo; sal, pimenta, q.b.; óleo para fritar.

Para o arroz: os fígados e a cabeça do tamboril; 1 cebola pequena; 1 raminho de coentros; 1 dente de alho; 1 folha de louro; 1 colher de sopa de azeite; 2 chávenas de arroz; 6 chávenas de água da cozedura da cabeça do tamboril.

Confecção: Para a fritada- separa-se o lombo da cabeça ao tamboril e retira-se ao lombo a espinha dorsal; corta-se o lombo em pedacinhos e tempera-se com o pimentão, alho picado, azeite, salsa, sal e pimenta; deixa-se o tamboril a marinar durante meia hora; passam-se os pedaços do tamboril primeiro pela farinha e depois pelo ovo e frita-se em óleo bem quente.

Para o arroz-coze-se a cabeça do tamboril, aproveitando-se as partes comestíveis depois de desfiadas, assim como a água da cozedura; faz-se um refogado com a cebola bem picada, a folha de louro, o dente de alho, azeite, coentros, juntando-se os fígados do tamboril, ficando ao lume durante dois a três minutos; por fim, junta-se ao refogado as 6 chávenas de água do tamboril e deixa-se levantar fervura adicionando-se, de seguida, as duas chávenas de arroz deixando cozer durante 10 minutos.

uma chama mais viva

GALPgás

beba CAFÉ DELTA

«Daqui a 20 ou 30 anos teremos mais pratos regionais, se não continuamos com os salmonetes, a marmelada e o doce de laranja», declarou ao «DL» o responsável, das entradas à carne, do almoço da Costa Azul.

Conservas de Setúbal, salada de lagosta e camarão, fritada de tamboril com arroz à pescador, e coelho com amêijoas à moda de Tróia eram as propostas que António José Ferro trouxe até ao «palco» da Casa do Campino. Para quem procura num Festival Nacional de Gastronomia os sabores perdidos, as soluções do jovem cozinheiro de Setúbal eram olhadas com alguma desconfiança.

Correndo o risco de desiludir, mas apostando na sua criatividade, António José Ferro ainda não ganhou a aposta, nem tal seria possível quando, de uma fase experimental, se passa para um almoço a ser servido a quatro centenas de convivas.

Sobre as conservas de Setúbal, servidas como entradas, as delongas não são necessárias: a indústria está em crise, é preciso revitalizá-la, e acompanhadas pelo branco de 1985 de José Maria da Fonseca, sem serem agradáveis, não ofendiam. Eram conservas...

beba DELTA

Há também as tasquinhas que esperam por si

A salada de lagosta e camarão, abundante no marisco, com selecção correcta de hortícolas e frutos, tinha o já habitual acompanhamento de maionese. Mais uma vez se faz o reparo: embora de qualidade, como era o de ontem, a presença do molho de maionese é discutível num Festival Nacional de Gastronomia. E, foi pena que o cozinheiro aqui não quisesse «inovar», apresentando um molho muito reclamado pelos jornalistas. O de vinagrete, em vez da já «malfadada» ligação gaulesa.

Seguiu-se a fritada de tamboril com arroz à pescador (ver receita). O lombo do tamboril cortado aos pedacinhos, embora correctamente frito, não tinha o sabor que os ingredientes utilizados na sua confecção exigiriam. O arroz à pescador, servido com pedaços de fígado e recebendo o sabor da cabeça da «lagosta do pobre» era de qualidade apreciável, sem no entanto, deslumbrar.

beba CAFÉ DELTA

O coelho com amêijoas à moda de Tróia não recolheu os aplausos que a inovação e o risco corrido poderiam suscitar. Combinar uma carne magra com amêijoa, enriquecê-la com tiras de bacon e servir para quatrocentas pessoas era uma aposta difícil de ser ganha. No prato denotava-se a falta de tempero, apesar do paladar ser agradável, mas sem a força necessária para ser generosamente acompanhado pelos tintos de Rio Frio e Periquita de 1982, e sobretudo pelo excelente Pedras Negras da Adega Cooperativa de Palmela, numa reserva de 1978.

Nos doces, a monotonia foi a nota dominante, com dois excelentes toucinhos do céu, embora de cores diferentes, a deixarem na boca o mesmo sabor. Decisão infeliz a de apresentar o tradicional acompanhado por outro, onde a presença do chocolate e de pedacinhos de amêndoa não conseguiam disfarçar o parentesco com o primeiro.

Na fruta, as peras cozidas em Moscatel, a que faltou uma pitada de canela para reencontrar o sabor apetecido das tradicionais peras bêbadas, antecederam o café acompanhado pelo «Espirito de Vinho Moscatel», uma agradável aguardente velha.

Do conjunto da ementa que a Região de Turismo de Setúbal trouxe a Santarém, podemos dizer que, correndo o inevitável risco da inovação, ficou a promessa de revisão, prontamente aceite por António José Ferro. É que, apesar de tudo, faltou o oiro para que o almoço proposto pela Região de Turismo de Setúbal fosse oiro sobre azul.

beba DELTA

Os dias e as ementas até ao fim do Festival

O Festival de Gastronomia de Santarém está no fim. Mas ainda falta provar as promessas contidas nas ementas propastas de algumas regiões de turismo. Não fazemos qualquer destaque, antes deixamos à escolha do leitor a opção, de acordo com os seus gostos pessoais e as suas disponibilidades de agenda. A não esquecer que paralelamente a esta lista de almoços há sempre a alternativa de várias dezenas de tasquinhas, com petiscos das mais diversas regiões do país. E como se segue, até ao dia 2, na Casa do Campino, em Santarém:

Dia 30 — S. Mamede — Entradas: enchidos, queijo da Tolosa, perninhas de rã, bolinhos da Quinta da Saudade, perninhas de galinha, entrecosto frito; sopa gata; alhada de cação; migas de batata com carne de porco; presunto doce, queijo dourado, manjar branco, rebuçados de ovos, bolema folhada. Vinhos: aperitivo da Quinta das Cabeças, branco (Tapada do Chaves) e tinto (Portalegre 82).

Dia 31 — Lafões — Pré-almoço: enchidos, cabeça de porco, pé de porco, polvo especial, queijo da Serra, cebola à racha, azeitonas, broa de Vildemoinhos, pão de centeio, requeijão com mel e canela; caldo de laranja com mel; bacalhau podre; arroz de carqueija; cabrito à pastor da Serra; sonhos com aguardente de azeitonas, maçãs bravo de esmofo, castanhas de ovos de Viseu, bolo de avelãs com mel. Vinhos: branco e tinto (Vale do Dão).

Dia 1 — Douro — Entradas: fumeiro sortido, queijo da região, pão regional; caldo verde; truta recheada com presunto; cabrito assado no forno com arroz de forno e batatinhas; leite creme. Vinhos: branco e tinto das adegas do Douro.

Dia 2 — Cidades geminadas — Entradas: da região de Haskovo e gaspacho extremenho; sopa dos pastores (Tiraspol); peixe à Moldavana (Tiraspol); carne de porco frita (Badajoz) e prato de carne à moda de Haskovo; marau, tiraspol, tecula mecula (Badajoz) e doces regionais de Haskovo. Vinhos (moldavanos, extremenhos e de Alcanhões).

COSTA AZUL

PROGRAME AS SUAS FÉRIAS NA:

REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL

TERRA DE FRUTOS E DE MAR...

INFORMAÇÕES: Rua do Corpo Santo Telef. 24284-29507 Apartado n.º 73 2901 - Setúbal Codex

Remendar redes: na mão a agulha, pela frente a teia, mas a memória nos tempos difíceis da pesca do bacalhau

Recordar Santareno e remendar redes

Quase anónimo, indiferente ao barulho que o cerca, aos olhos ansiosos por uma explicação, José Santos Clemente, em gestos lentos e precisos, vai mostrando como na praia de Mira se reparam ou constroem as redes. Aos 68 anos de idade, depois das aventuras da pesca do bacalhau sofridas durante 33 anos, do refúgio nos arrastões costeiros, a reparação de redes é o complemento dos 16 contos da reforma. «E, a descontar tanto»...

«Como recordações da pesca do bacalhau tenho uma perna partida, uma pleuresia, e uma facada que dei na própria vista esquerda com a faca com que amanhava o bacalhau».

A frase é pronunciada sem vaidade, no rosto ainda a expressão de terror do tempo durante o qual, como mestre de redes, a vida se ganhava longe da terra em campanhas de frio e medo. «Chegaram-me a cair as unhas das mãos com o frio», recorda. «Agora, a pesca é diferente, os barcos são cobertos... então apanhávamos tudo o que vinha, e o peixe chegava a gelar à nossa volta».

Ao frio, juntava-se, então, a guerra: «fui para o bacalhau, pela primeira vez, em 1944, quando andava ainda a guerra no mar, quando o «Maria Glória» e o «Delange» foram apanhados e morreram todos os tripulantes».

Nas voltas que a vida dá, José Santos Clemente estava em Santarém onde o nome de Bernardo Santareno está perpetuado numa placa toponimica e em amigos e familiares. «Conheci o Bernardo Santareno a bordo do antigo Santa Mafalda, era um bom médico, e foi ele que deu com a minha doença no Gil Eanes».

As recordações, apagadas pelo tempo, vão voltando: «ele escreveu um livro sobre a pesca... eram tempos muito duros».

A vida em livro e a arte da rede

Hoje, os tempos são outros, mas os episódios de uma vida dura, contados com as brancas da memória, estão reunidos em livro. «O drº António Domingues escreveu um livro sobre a minha vida», remete-nos telegráficamente José Santos Clemente, cansado pelo esforço, como se ainda temesse a recordação. «Passei lá tormentos»...

Agora, a sua vida é reparar e mostrar a arte da rede. «Estou a fazer uma rede para uma exposição no parque de campismo da praia de Mira», diz o artesão.

Comprado o fio de nylon, «o que se usa mais», este é passado pelo muro- a tabela da rede, uma forma que determina o comprimento da malha- e, com a ajuda da agulha é feito o nó.

Após esta operação, os talhões levam um entralho, um cabo mais grosso que o fio, onde se colocam as bóias flutuantes, espaçadas metro a metro».

«E para ganhar alguma coisinha», justifica José Santos Clemente, ainda a pensar na pesca do bacalhau, dos companheiros de sorte, do apoio de Bernardo Santareno.

É que, por muitos nós que a vida dê, por muitas redes que se construam, há coisas que não se esquecem.

Rastreio obrigatório vai ser alargado

Tuberculose mata menos mas é preciso estar atento

As estatísticas mostram que em 1974 morreram 837 portugueses de tuberculose e, em 1985, o número de casos mortais foi apenas de 455. Atendendo ao aumento da população entretanto verificado, a taxa de mortalidade baixou para menos de metade nesse intervalo de 12 anos, passando de 9,7 por 100 000 habitantes para 4,4.

«Por esse motivo, as pessoas perderam o medo à tuberculose isso leva-as a descurar o tratamento». Se é verdade que, diagnósticada a tempo, a tuberculose tem cura, há doentes que chegam ao médico já num estado avançado e interrompem o tratamento antes de estarem cuidados. Mais tarde, têm recaídas e os bacilos tornam-se resistentes aos medicamentos.

Esse doente não só corre o risco de se tornar um tuberculoso crónico, como pode infectar outras pessoas com bacilos resistentes, o que diminui à partida as hipóteses de cura desses novos doentes» — acrescentou Faceira de Sousa.

O combate à tuberculose vai ser intensificado em Portugal através do alargamento do rastreio obrigatório a grupos etários e profissionais que até agaora não estavam abrangidos — afirmou entretanto Faceira de Sousa à Anop.

Apesar de ser entre a população com menos de 30 anos que se verifica a maior taxa de incidência da doença, nos últimos anos o rastreio radiológico só era feito aos jovens quando se matriculavam no ensino superior ou no momento da inspecção militar.

Segundo revelou Faceira de Sousa, director do Serviço de Tuberculose da Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários, a partir do corrente ano lectivo o exame radiológico passa a abranger os alunos que frequentam os três últimos anos do ensino secundário.

Aquele serviço de saúde pública prepara-se ainda para alargar o rastreiko radiológico obrigatório a todos os trabalhadores das profissões de alto risco polmunar.

Até agora, apneas os profissionais que manuseavam alimentos, e por isso precisavam de obter um boletim de sanidade, eram obrigados a submeter-se a um exame radiológico aos pulmões.

Futuramente, o rastreio obrigatório da tuberculose será feito a todos os profissionais que trabalham em ambientes com poeiras como sejam nomeadamente as minas, as fábricas de cortiça de amianto e de moagem de cereais.

Nos centros de rastreio do Serviço de Tuberculose foram feitas em 1985 quase um milhão de microrradiografias e aplicadas 250 855 vacinas BCG — disse Faceira de Sousa, mas é necessário um maior esforço dos serviços de saúde e uma maior colaboração dos doentes e das suas famílias para se conseguir diminuir drasticamente a taxa de incidência da tuberculose em Portugal.

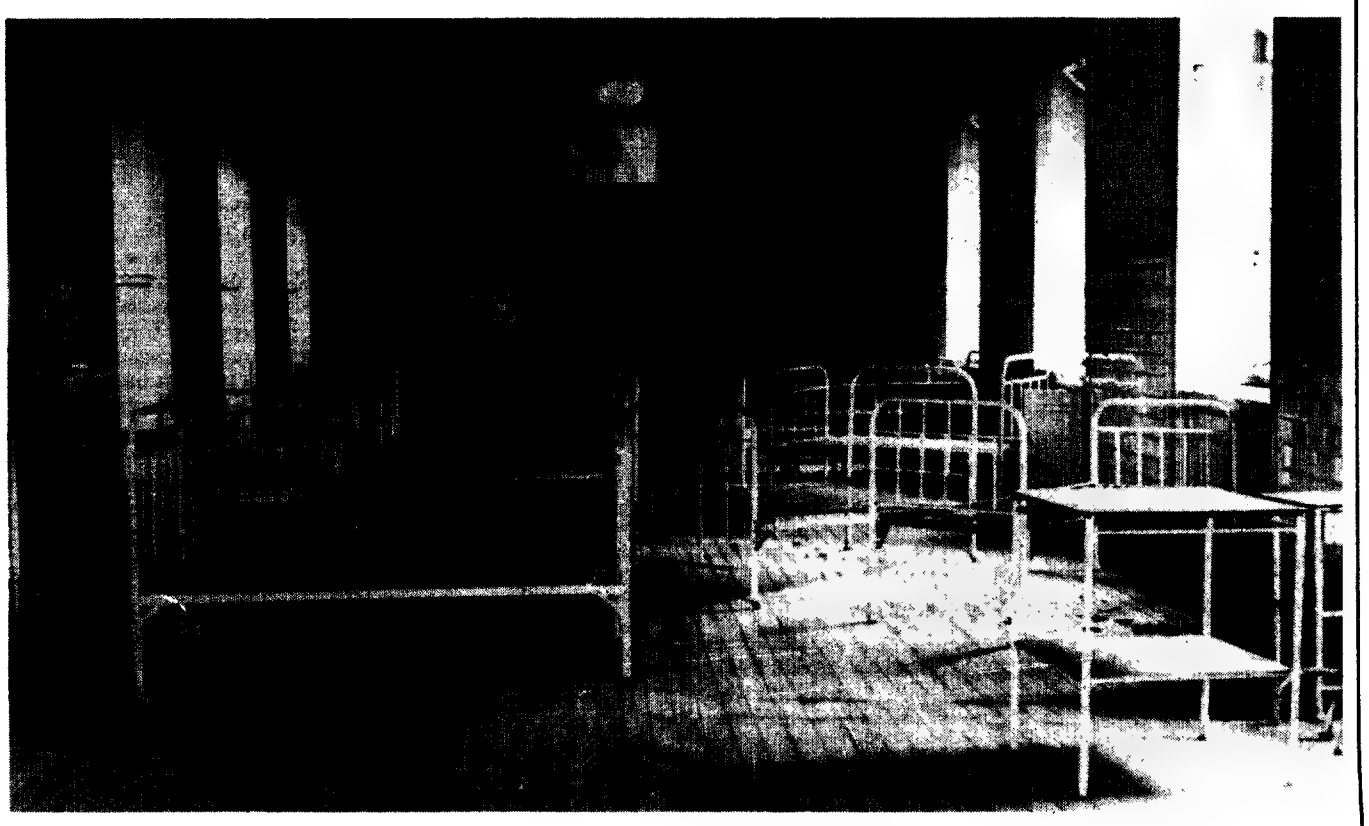
As estatísticas oficiais mostram que nos últimos 12 anos não se conseguiu fazer recuar a tuberculose de forma sensível.

Em 1974 foram assinalados 78 casos de tuberculose por cada 100 000 habitantes. Em 1985 a incidência foi de 67 casos por 100 000 habitantes. Mas, como entretanto a população aumentou, não houve qualquer redução em números absolutos.

Todos os anos continuam a ser detectados, em média sete mil novos tuberculosos e, se em alguns anos o número baixa ligeiramente, logo no ano seguinte volta a subir, pelo que se pode afirmar que a tendência é estacionária.

Para Faceira de Sousa esta situação, não sendo alarmante, é preocupante e a luta contra a tuberculose não se poderá considerar ganha enquanto o contágio continuar a este ritmo.

De referir que a taxa de incidência em Portugal é dez vezes mais ala do que na Dinamarca e, pelo menos, sete vezes superior à média nos países da CEE.



com

APETITE · APETITE

apetite mais saboroso

24 HORAS

Processo contra militares

O governo brasileiro decidiu reabrir o processo penal contra militares da Força Aérea, que em 1964 participaram numa das maiores acções de repressão a opositores do regime militar então vigente, foi anunciado oficialmente. As acções conhecidas como «Operação Para-Sar», em que tropas de elite da Força Aérea brasileira realizariam atentados com explosivos em lugares-chaves do Rio de Janeiro, como postos de distribuição de combustíveis e de energia eléctrica, água e gás, para as atribuir a grupos opositores ao governo. A operação fracassou pela oposição de alguns militares da Força Aérea, liderados pelo então capitão Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho, que passou à reserva pela sua atitude perante os planos militares. Um quarto de século depois, o governo brasileiro decide reabrir a investigação, na segunda acção deste tipo desde 1985, depois do retorno à democracia.

Prisões em Timor-Leste

A Comissão para os Direitos do Povo Maubere comunicou à Imprensa, em Lisboa, uma série de prisões ocorridas em Julho no território de Timor-Leste, seguidas de torturas e desaparecimentos. Aquela comissão disse que a 3 de Agosto a população de Fo-Manu foi vítima de um massacre pelo Exército indonésio. A mesma entidade acrescentou que uma vasta operação militar, envolvendo 12 batalhões indonésios, está a decorrer na ponta leste da antiga colónia portuguesa na Oceânia. Por outro lado, a Comissão para os Direitos do Povo Maubere alegou que o Governo português «continua a demitir-se das suas responsabilidades».

Etarra expulso

As autoridades francesas expulsaram de França o presumível militante da ETA-Militar Jose Manuel Horna Santos, e entregaram-no directamente à Polícia espanhola na fronteira de Irun, informaram fontes policiais. A Polícia espanhola informou que Jose Manuel Horna dos Santos participou directamente no assassínio do capitão Alberto Martin Barrio e que conhece dados importantes sobre a direcção da ETA-Militar e que em seu poder encontravam-se informações sobre autoridades civis e militares.

Craxi na China

O primeiro-ministro italiano, Bettino Craxi, chegou hoje a Pequim para a primeira visita de um chefe de governo do seu país à China. Durante os quatro dias da sua visita oficial, Craxi deverá conferenciar com o principal líder chinês, Deng Xiaoping, e com outros dirigentes governamentais e partidários e visitar as cidades de Xian e Xangai. A delegação italiana, de 50 funcionários e igual número de jornalistas, foi recebida pelo ministro da Indústria Petrolífera, Wang Tao, após um voo de 18 horas desde Roma.

Prémio para Palme

A viúva do primeiro-ministro sueco assassinado Olof Palme recebeu o prémio da paz Albert Eisntein em memória do marido e apelou para o desarmamento nuclear e para a oposição internacional ao «apartheid». Lisbet Palme doou dos 50 000 dólares do prémio (cerca de 7500 contos) a um fundo instituído em memória de Palme pela sua família e pelo partido social-democrata sueco destinado à promoção de intercâmbios internacionais juvenis e ao estudo da paz e segurança.

Concaína: a maior apreensão

Agentes da alfândega norte-americana encontraram 2 mil e 96 quilos de cocaína ao inspeccionarem o mobiliário de um barco, o que constitui a maior apreensão daquela droga registada nos Estados Unidos. A cocaína, escondida em sofás e cadeiras do navio, foi avaliada em cerca de 46 milhões de dólares, mas vendida a retalho, na rua, podia valer dez vezes mais

Avião do Koweit aterra na URSS

O avião do Koweit em que viajava o emissário do emir, Abdel Rahman Salim Al-Atiqi, fez uma aterragem de emergência na Arménia soviética — noticiou a agência oficial do Koweit.

Todos os passageiros e tripulantes, que efectuavam o voo de Damasco para Teerão, encontram-se a são e salvo no aeroporto arménio de Erivan.

Num breve comunicado, a agência indica apenas que o comandante do avião recebeu instruções para regressar ao Koweit sem completar a viagem para Teerão, onde o enviado pessoal do emir deveria entregar ao presidente iraniano, Ali Khamenei, um convite para participar na próxima Cimeira da Organização da Conferência Islâmica.

A agência não faz referência a declarações de um porta-voz iraniano, de que pouco antes de desaparecer dos «écrans» do radar o avião era perseguido por caças iraquianos.

Irlanda ameaça cortar relações com a Líbia

A Irlanda protestou formalmente contra a Líbia e ameaçou cortar relações diplomáticas com Tripoli se Muamar Kadhafy repetir a promessa de apoio aos guerrilheiros do Exército Republicano Irlandês (IRA).

O ministro irlandês dos Negócios Estrangeiros, Peter Barry, salientou que a promessa feita por Kadhafy, em entrevista à Televisão irlandesa, é «a mais explícita expressão de apoio ao IRA feita até hoje por um dirigente estrangeiro».

Peter Barry disse ter dado instruções ao embaixador irlandês em Roma, também acreditado perante a Líbia, para apresentar a nota de protesto a Tripoli: «nos termos mais duros possíveis».

A indignação do ministro refere-se a declarações feitas por Muamar Kadhafy à Televisão, segundo as quais, se fosse irlandês consideraria o Ulster (Irlanda do Norte) uma província colonizada.

«É terrível que o dirigente de um país com o qual desejamos manter relações amistosas interfira da maneira como o fez e incite os jovens a participar no que tem sido classificado de luta armada» — acrescentou.

Novo rastilho no conflito das Malvinas

Forças Armadas ar em "alerta máximo

O presidente Raul Alfonsin, da Argentina, acusou o Reino Unido de provocar «uma ameaça certa à manutenção da paz e da segurança internacionais» e declarou o «alerta máximo» das forças argentinas no Atlântico Sul.

A ordem de alerta para as unidades militares argentinas foi dada ontem à noite, depois de uma reunião do presidente Raul Alfonsin com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Dante Caputo, e com os chefes dos Estados-Maiores do Exército, da Marinha e da Força Aérea.

Alfonsin convocou um Conselho de Ministros extraordinário logo depois de ter sido conhecida em Buenos Aires a decisão do Reino Unido de declarar uma «zona de protecção pesqueira», de 150 milhas, ao redor das ilhas Malvinas, também conhecidas por Falkland, cuja soberania é disputada pelos dois países desde 1833.

O ministro Caputo disse à agência noticiosa espanhola EFE que a decisão de Londres significa «um acto de usurpação de território e mar argentinos», o que qualificou de «atitude muito grave e motivo de uma séria preocupação do Governo argentino».

A decisão de declarar «uma zona de conservação e administração de 150 milhas, dentro da actual zona exclusiva de 200 milhas» em torno das Malvinas, foi anunciada ontem no Parlamento de Londres pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Geoffrey Howe.

O ministro acusou a Argentina de estar a fazer «uma pa-

Governo de Ghandi enfrenta onda de violência

O primeiro-ministro indiano, Rajiv Ghandi, enfrenta actualmente uma onda de violência semelhante à que se verificava quando do assassínio da sua mãe e antecessora no Governo, Indira Ghandi, em Outubro de 1984.

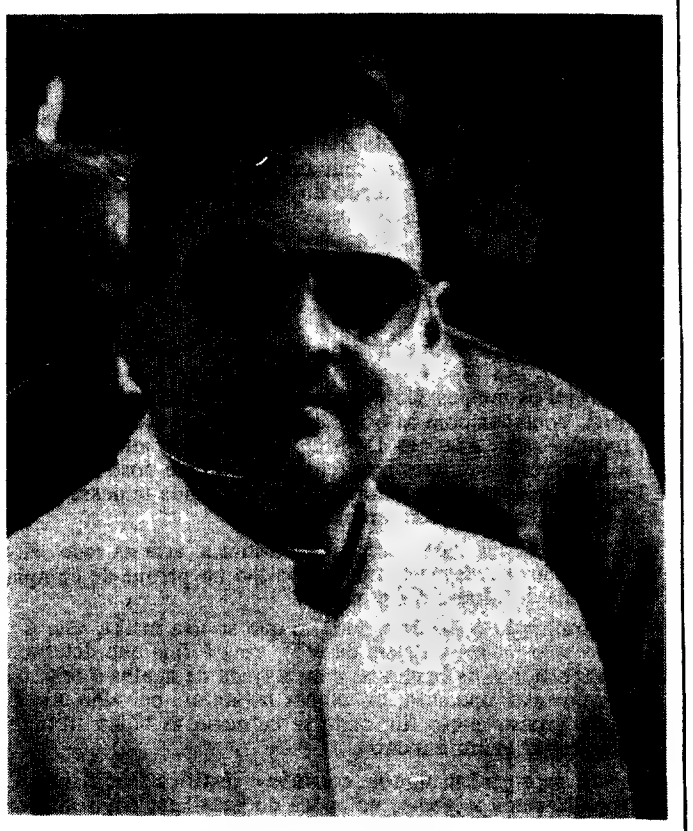
O Estado do Punjabarde, no Caxemira aumenta a tensão e outros conflitos regionais, étnicos e religiosos que preocuparam o Governo de Indira Ghandi continuam a actuar como forças centrífugas, a ameaçar a unidade indiana. O Governo indiano instaurou o recolher obrigatório em Amritsar, cidade santa dos sikhs, para onde extremistas sikhs convocaram manifestações antigovernamentais para assinalar o segundo aniversário da morte do «mártir» Beant Singh.

Beant Singh foi um dos guarda-costas de Indira Gandhi que a 31 de Outubro participou no atentado que vitimou a primeira-minsitra e mãe do actual chefe do Governo de Nova Deli.

Vinte pessoas morreram no Estado do Punjab, cuja capital é Amritsar, nos últimos cinco dias, vítimas de actos terroristas.

Entre os mortos contam-se um dirigente do partido moderado sikh «Akali Dal», dois sacerdotes sikhs e um polícia.

Os extremistas convocaram uma concentração para o Templo Dourado de Amritsar, o principal santuário dos sikhs que, desde Maio, está sob controlo da Polícia.



Cerca de vinte estudantes membros da organização extremista de estudantes sikhs que participaram na manifestação foram detidos.

O principal ministro do Punjab, Suryit Singh Barnala, disse que 60.000 polícias vigiam aquele Estado e em especial as zonas fronteiriças com o Paquistão.

Barnala pediu reforços policiais a Nova Deli a 24 de Outubro, no dia em que um comando extremista sikh assaltou a aldeia de Juban, no Estado do Punjab, causando nove mortos e mais de vinte feridos.

Vários confrontos seguiram-se na cidade de Hosiapur entre hindus e sikhs, quando hindus do grupo extremista Shev Sena atacaram os comerciantes sukh que se recusavam a participar numa greve em sinal de pesar pelas vítimas de Juban.

rgentinas
o"

trulhagem agressiva para alem das 200 milhas da Patagónia e dentro das 200 milhas das Falkland (Malvinas)».

Depois de classificar a atitude de Argentina como «uma demonstração de indiferença relativamente às necessidades de conservação» das ilhas, Geoffrey Howe anunciou que a medida, que entra em vigor a partir de 1 de Fevereiro próximo, foi tomada em consonância com o governador do arquipélago.

Ela deve-se ainda à «grande preocupação» suscitada pelo «grave impacto» do crescente aumento da faina piscatória nas águas que rodeiam as Malvinas — acrescentou.

Howe afirmou que as autoridades locais (das Malvinas) utilizarão barcos e aviões civis para garantir a protecção da zona de conservação, mas advertiu também que a Grã-Bretanha «poderá fazer uso da força armada, em circunstâncias adequadas, nas águas que rodeiam as Fallkland».

Dennis Healy, o porta-voz da oposição trabalhista para os Negócios Estrangeiros, acusou Geoffrey Howe de estar a dificultar ainda mais as negociações com a Argentina.

A decisão governamental ontem anunciada, segundo Healey, «faz atolar ainda mais o Governo de Sua Majestade no pantanal das Falkland».

Conflito Grã-Bretanha-Síria

Londres encerra Embaixada em Damasco

Familiares de diplomatas britânicos começaram a abandonar Damasco, na sequência do corte de relações da Grã-Bretanha com a Síria.

As mulheres de dois diplomatas e três dos seus filhos partiram ontem para Londres via Francforte dois outros grupos devem deixar hoje Damasco por «ferry boat» até à Grécia e por terra para a Turquia.

A maioria dos 64 adultos e 10 crianças ligados à missão britânica partirá amanhã com o embaixador Roger Tomkys, seguindo de avião para Amsterdão, uma vez que as ligações aéreas entre Londres e Damasco foram cortadas.

A partir do encerramento da embaixada britânica em Damasco, na passada sexta-feira, os interesses de Londres em Damasco passarão a ser representados pela Embaixada australiana — segundo fontes em Damasco que pediram o anonimato.

A Grã-Bretanha cortou relações diplomáticas com a Síria na sexta-feira, depois de o ministro dos Negócios Estrangeiros, Geoffrey Howe, ter declarado que Londres tinha «provas conclusivas» sobre a cumplicidade síria numa tentativa de fazer explodir um avião israelita, em Abril passado, no aeroporto de Heathrow.

O ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, Farouk Al-Sharaa, em entrevista concedida à cadeia de televisão norte-americana ABC disse que o Governo britânico deveria apresentar provas do alegado envolvimento sírio no caso.

Um jordano, Nezar Hindawi, foi condenado em Londres na sexta-feira por ter colocado uma bomba na bagagem da namorada, que ia seguir no avião israelita. A Grã-Bretanha afirma que ele fez isso por ordem síria.

«Respeitamos o veredicto britânico, mas rejeitamos energicamente a ligação desse veredicto com o Estado da Síria» declarou Al-Sharaa, reafirmando que os funcionários sírios ameaçaram entregar Hindawi à Polícia britânica quando o extremista se dirigiu à embaixada síria em Londres.

«Mais cedo ou mais tarde, os britânicos vão compreender que o seu Governo os conduziu para uma campanha estúpida sem qualquer prova sólida. É apenas uma farsa política» — acrescentou o ministro sírio.

Entretanto, o Líbano aceitou ser o encarregado dos Negócios da Síria na Grã-Bretanha, dado o corte de relações diplomáticas de Londres com Damasco — noticiou a agência oficial libanesa.

A agência acrescenta que o Governo libanês acedeu à solicitação síria e que o secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros libanês deu instruções ao seu embaixador em Londres para efectuar as diligências necessárias.

França nega acordo

O ministro francês dos Negócios Estrangeiros negou, entretanto, notícias saídas na Imprensa, segundo as quais a França celebrou uma trégua com uma família libanesa que a Polícia responsabilizou por uma onda de atentados bombistas em Paris o mês passado.

«Não há acordo. Estou aborrecido pela contínua campanha de desinformação de alguma Imprensa», disse Jean-Bernard Raimond numa entrevista à televisão.

Em Harare, foram várias as manifestações contra a África do Sul

Países africanos insistem

Desastre que vitimou Machel foi provocado por Pretória

Onze dias após a morte de Samora Machel, e terminadas que são as cerimónias fúnebres, as atenções internacionais voltam a centrar-se nas causas do desastre aéreo que vitimou o presidente moçambicano e nas previsões em torno da sua sucessão. Enquanto os lideres africanos, acompanhados pela URSS, multiplicam as suas acusações contra a África do Sul, os Estados Unidos afirmaram já não ter provas que impliquem Pretória no desastre do passado dia 19. Entretanto, os jornais citam testemunhas cujas declarações apontam para a preparação antecipada do desastre e para uma possível negligência da África do Sul na ajuda prestada aos sobreviventes.

Na sua edição de ontem, o jornal zimbabweano «The Herald» retomava a hipótese de o avião que transportava o presidente moçambicano ter sido desviado da sua rota por um radar colocado do lado sul-africano da fronteira com Moçambique.

Num artigo intitulado «Radar de baliza falso esteve na origem do despenhamento», o jornal revela que a delegação de uma agência noticiosa estrangeira em Joanesburgo recebeu na véspera do desastre um telefonema anónimo de um indivíduo que disse ser da Força Aérea sul-africana e que afirmou que se encontrava instalado um radar perto da fronteira com Moçambique, com o objectivo de desviar um avião presidencial da sua rota.

O artigo indica que os serviços de controlo de tráfego aéreo sul-africano acompanharam a aeronave desde a sua partida de Lusaca, e questiona porque é que não alertaram a tripulação de que se havia desviado da sua rota quando entrou em território sul-africano.

O jornal acrescenta que a zona em que o avião entrou é escrupulosamente vigiada pelos serviços de controlo aéreo da África do Sul. Aquele diário adverte ainda que devido aos recordes do regime no campo da desinformação e truques sujos, a comissão de inquérito terá de manter os olhos bem abertos e tratar as provas com especial cuidado. De facto, não se pode «excluir a hipótese de as provas terem sido já falsificadas», acrescenta.

Por outro lado, « The Herald» recorda testemunhas citadas por um jornal sul-africano segundo as quais o presidente moçambicano ainda estaria vivo quando a polícia sul-africana chegou ao local do desastre, para afirmar que Machel ainda podia estar vivo se não lhe tivesse sido negada assistência.

Entretanto, funcionários sul-africanos deslocaram-se de novo ao local em que se despenhou o avião presidencial para se avistarem pela segunda vez com peritos soviéticos. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, afirmou que apesar do único sobrevivente da tripulação soviética ter já partido para Maputo, pode ser chamado a regressar para testemunhar no inquérito ao desastre.

« Vitimado pelo apartheid»

A Rádio Moscovo afirmou, por seu lado, que tudo aponta para uma cumplicidade sul-africana na morte de Samora Machel. Num comentário em inglês, a emissora considerou muito estranho que o avião, ao aproximar-se de Maputo tivesse mudado subitamente de rumo. É também estranho, acrescentou, que a polícia sul-africana não tivesse ajudado os feridos, verificando apenas se Machel estava morto e recolhendo documentos, pastas diplomáticas e «provavelmente mais alguma coisa».

Em Washington, o Departamento de Estado disse ontem não ter provas que impliquem a África do Sul na morte de Samora Machel. O porta-voz do Departamento, Charles Redman, acrescentou que estavam a estudar um pedido do governo sul-africano para enviar uma equipa de peritos norte-americanos com a missão de estudar o registo de voo do avião, mas que não tinha sido tomada ainda nenhuma decisão.

Entretanto, terminou em Maputo uma cimeira dos países da Linha da Frente, que considerou que Machel «caiu vitimado pelo apartheid».

Em declarações aos jornalistas, o presidente da Linha da Frente e da Zâmbia, Kenneth Kaunda, disse que para ele, como para outros países da região, há dados circunstanciais que apontam, até prova em contrário, para a implicação sul-africana.

Também o secretário-geral da Commonwealth, sir Shridat Ramphal, responsabilizou ontem Pretória pela morte do presidente moçambicano.

Sucessão em marcha

Os 130 membros do comité Central da Frelimo estão convocados para se reunir no dia 3 de Novembro. Segundo a agência IPS, o primeiro ponto da ordem de trabalhos será considerar as recomendações do bureau político sobre a sucessão de Machel.

No entanto, Karl Maier, da mesma agência, acrescentou que até se conhecer o nome do próximo presidente da Frelimo poderiam ainda passar alguns dias, já que o Comité Central tem que pronunciar-se sobre outras questões urgentes.

A maioria dos observadores citados pelo enviado da IPS a Maputo admite que o actual ministro dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, possa vir a assumir a Presidência do partido Frelimo, à qual está inerente a Presidência da República Popular de Moçambique. Como alternativa, foi mencionada a hipótese de um conselho presidencial de três elementos.

Joaquim Chissano recusou-se, no entanto, a abrir a boca a respeito da sucessão do presidente. À saída da cimeira dos Estados da Linha da Frente, Chissano foi cercado por jornalistas que lhe fizeram repetidas perguntas sobre este assunto. Em resposta, o ministro sorriu e declarou que tinha a boca selada, passando a mão sobre os lábios.

A sucessão de Samora Machel é também abordada pela jornalista Manuela Ferreira da agência NP num telex datado de hoje.

A jornalista recorda que quando o presidente angolano Agostinho Neto morreu, em 1979, os analistas de assuntos africanos apontaram como certos vários nomes. No entamnto, diz, no que se refere a Moçambique, «nenhum analista, seja qual for a latitude em que se sedia a sua redacção, ousa apontar como certo um nome de um sucessor».

Como justificação desta atitude cautelosa, a jornalista afirma que «os segredos da Frelimo sempre foram bem guardados e o confidencialismo mantem-se como uma das características mais peculiares do bureau político».

Hoje, no SITESE

Eleições com lista única no maior sindicato português

Trabalhadores de escritórios, comércio e serviços filiados no maior sindicato português, o Sitese, vão hoje às urnas para plebiscitar a única lista candidata à direcção.

O cabeça da única lista presente nestas eleições é Alberto Covas, já presidente em exercício e, durante anos, vice-presidente do Sindicato quando era seu presidente o socialista António Janeiro, falecido entretanto.

A lista, de acordo com os seus promotores, e «avalizada» por cerca de 3500 sócios subscritores de um abaixo-assinado de apoio e, de acordo com Alberto Covas «todo o espectro político» estará representado na nova direcção.

Nos últimos dias trabalhadores sociais-democratas organizados no seio do PSD, acusaram a direcção do Sitese de ter colocado o Sindicato «à beira da falência».

Elementos da Tesiresd, uma estrutura sindical entretanto extinta e substituída pela Asiresd — Associação dos Sindicalistas Reformadores e Sociais-Democratas — acusam, agora, a direcção do Sindicato de não pagar quotas à UGT há cerca de um ano e ter já deixado ir à falência a «Cooperescritórios», uma cooperativa de consumo dos trabalhadores do sector.

A Tesiresd afirma, igualmente, que de 65 000 associados em 1983 o Sitese passou para 23 000 associados em 1986.

Entretando, dirigentes sindicais do PSD integrados na UGT como Rui Oliveira e Costa e a própria UGT manifestaram a sua solidariedade ao Sitese e afirmam não querer entrar em polémica «com organizações partidárias não representativas».

São inconstitucionais alguns artigos do decreto regulamentar do IVA

O decreto regulamentar do código do IVA cria novos impostos e isenções que são matéria da exclusiva competência da Assembleia da República, afirma o Tribunal Constitucional que, por isso mesmo declarou inconstitucionais alguns artigos deste decreto recentemente aprovado pelo Conselho de Ministros.

O pedido de parecer ao Tribunal Constitucional foi requerido pela Presidência da República.

São inconstitucionais as isenções do IVA respeitantes a bens destinados à exportação e que sofram em território nacional «uma reparação, transformação ou adaptação, ou qualquer outro trabalho, efectuado por terceiro, agindo por conta do adquirente estrangeiro».

Foi ainda considerado inconstitucional um outro artigo do mesmo decreto que se refere às isenções do IVA na «exportação» de bens destinados a fins privados.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA)
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$80	52$80
ALEMANHA FED. (marco)	72$60	73$80
ÁUSTRIA (xelim)	10$25	10$45
BÉLGICA (franco)	3$289	3$539
BRASIL (cruzado)	3$850	6$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106$00	108$50
(notas de 5 a 1000)	106$50	109$00
DINAMARCA (coroa)	19$30	19$70
ESPANHA (peseta)	1$054	1$174
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$40	150$90
(notas de 5 a 1000)	147$90	151$40
FINLÂNDIA (marka)	29$80	30$40
FRANÇA (franco)	22$25	22$95
HOLANDA (florim)	64$25	65$35
IRLANDA (libra)	198$85	202$85
ITÁLIA (lira)	$095	$110
JAPÃO (iene)	$875	$930
NORUEGA (coroa)	19$85	20$35
REINO UNIDO (libra)	208$20	212$70
SUÉCIA (coroa)	21$20	21$70
SUÍÇA (franco)	87$95	89$45
VENEZUELA (bolívar)	6$25	7$25

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Depreende-se do estudo de conjuntura do BPA

Retoma da actividade económica não passa de expectativa

As expectativas favoráveis dos agentes económicos reforçam a ideia de uma retoma da actividade económica no país este ano, num processo iniciado em 1985 — indica o estudo da conjuntura, agora divulgado pelo Banco Português do Atlântico e referido a Setembro.

A recuperação, segundo o estudo do BPA, ficou a dever-se ao continuado dinamismo da procura externa e à reanimação da procura interna — invertendo a evolução registada nos dois últimos anos — determinada pelo aumento do rendimento disponível dos particulares.

Contudo, acrescenta o documento, o crescimento da procura global não se transmitiu à produção de forma integral e imediata devido aos elevados níveis de «stocks» existentes, contribuindo para um perído de certa atonia no final de 1985 e início deste ano.

Quanto à produção, o ano de 1985 traduziu já o início de um processo de recuperação da actividade industrial, em termos tais que a produção da indústria transformadora apresentou um crescimento médio da ordem dos 4,5 por cento (depois de uma queda de 1,1 por cento em 1984).

Após um compasso de espera que se estendeu de finais de 1985 até aos primeiros meses do corrente ano, os dados mais recentes relativos à produção industrial apontam para uma nova animação daquela actividade, refere o BPA.

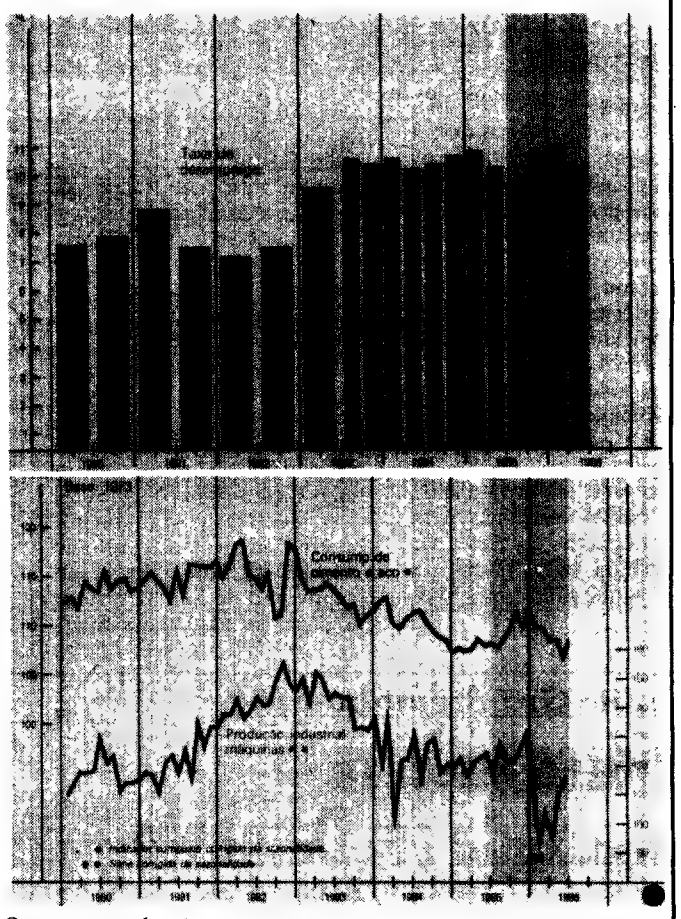
O documento assinala que a taxa de desemprego desceu no segundo trimestre do ano para 10,3 por cento, contra 11,1 por cento no primeiro trimestre.

Ao mesmo tempo, tem-se verificado o aumento das ofertas do emprego, a redução do número de pedidos de emprego não satisfeitos e as respostas mais favoráveis dos empresários relativamente à evolução do emprego na indústria transformadora.

O investimento, por seu turno, não revelava ainda, no primeiro semestre do ano, «uma clara recuperação desta componente da procura interna» e os indicadores relativos ao consumo de cimento e aço e à produção industrial de máquinas denotam mesmo uma evolução pouco favorável.

O estudo do Banco admite, contudo, a dinamização do investimento na segunda metade do ano, tendo em conta as opiniões francamente favoráveis dos empresários relativamente à procura e produção de bens de investimento, o acréscimo do número líquido de sociedades constituídas e a procura intensa de crédito para aquisição de casa própria.

A recuperação do consumo privado é também admitida pelo documento, que sublinha dever registar-se este ano «um nítido ganho do poder de compra7 e um crescimento dos salários reais.



O consumo de cimento e aço (gráfico superior) não avaliza entusiasmos quanto à retoma da actividade económica. Coloca-a até em dúvida. Já a produção industrial de máquinas acusa melhoria depois de tocar os fundos da escala no primeiro trimestre. Também a taxa de desemprego baixou ligeiramente no segundo trimestre deste ano

Sindicatos Químicos preparam Congresso

CNP não se pode reduzir a uma questão financeira

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacêuticas de Portugal (FSTIQFP) pronunciou-se em desacordo com os critérios utilizados pelo Governo para aferir a validade do investimento na Companhia Nacional de Petroquímica (CNP).

Durante um encontro com os jornalistas para divulgar os objectivos do 4ºCongresso daquela federação a realizar em 29 e 30 de Novembro, os sindicalistas afirmaram que o Governo mostra os elevados passivos financeiros da empresa com o fim de a vender com o argumento de assim recuperar parte dos «maus investimentos», termo utilizado pelo Ministro das Finanças, Miguel Cadilhe.

«Em relação ao passivo financeiro, não há volta a dar», afirmou Luís Ferreira, técnico do Gabinete de Estudos da federação,« O Governo deve assumir o passivo, quer reprivatize, quer mantenha o investimento na Petroquímica». Passivo financeiro decorrente da imposição por governos anteriores de recurso ao crédito externo, como fonte de captação de divisas para efeitos de equilíbrios macroeconómicos, mas cuja responsabilidade é assim transferida para a empresa.

Delfim Mendes, dirigente da federação, afirmou que, em laboração normal, a CNP é lucrativa, com lucros estimados para este ano entre 8 a 10 milhões de contos, critério que acrescentou ser insuficiente para aferir a qualidade dos investimentos. Para os sindicatos, a decisão sobre os investimentos deve ter em conta «a produção de riqueza, a diminuição da dependência externa, a influência nos outros ramos a ele relacionados, a criação de postos de trabalho». Delfim Mendes acrescentou não ser opinião da federação que «as unidades a jusante têm de ser propriedade pública», sublinhando haver descoordenação entre as Empresas Públicas. Foi dado o exemplo da CNP que importa nafta e exporta resíduo vácuo, enquanto a Petrogal, encontrando-se uma ao lado da outra, exporta nafta e importa resíduo vácuo.

Congresso debate emprego

Os casos referidos, segundo aquele dirigente, são apenas alguns a ser debatidos no 4ºCongresso da Federação dos Sindicatos Químicos, onde 300 delegados de 1200 empresas discutirão soluções concretas, tanto macro-económicas como empresa a empresa, para o desemprego, a precaridade do emprego e melhoria das condições de vida e de trabalho. Segundo dados facultados, a taxa de investimento tem vindo a decrescer, os salários representam apenas metade do valor criado e em 10 anos foram destruídos mais de um quinto dos postos de trabalho(cerca de 10 000), prevendo-se que até 1990 se destruam mais 5 000, em que a maior parte recai sobre a Quimigal e Petrogal. No sector químico, existem mais de 8 000 trabalhadores com salários em atraso, num total de 1,5 milhões de contos de dívida e 7 a 10% da mão-de-obra está com contratos a prazo, alargando-se cada vez mais, segundo aquela federação, o trabalho juvenil, à peça, à hora e de subcontratação, este já estendido aos trabalhos de laboratório, correspondendo já a 3 000 trabalhadores o número total de horas prestadas. As liberdades e a organização sindicais serão também abordadas, prevendo-se o alargamento da coordenação a nível internacional, dado tratar-se num sector onde as sociedades transnacionais detêm o monopólio de alguns ramos de actividade deste sector, como é o caso da indústria farmacêutica, cosméticos, detergentes e pneus.

Ténis: Cordeiro/Silva vencem torneio de pares

Prossegue o Circuito Satélite, que tem vindo a decorrer na Zona Sul do País: após a disputa do seu 2.º torneio, desta vez sob a égide do jornal «Tempo», que decorreu nos «courts» de terra do Tróia Tennis Club.

Se o anterior Open RTP tinha sido caracterizado pelo aparecimento de valores desconhecidos (a quem chamámos «jovens lobos») que bateram o pé aos mais conhecidos, o segundo torneio, agora concluído, não pode deixar de ser apelidado (parafraseando mais uma vez o famoso desenhista Jean Graton) como «a revolta dos reis».

Não tendo gostado da partida que lhes fora pregada no Jamor, os tenistas de maior cotação internacional que a este circuito compareceram, ficaram de orgulho ferido, não querendo deixar os seus créditos por mãos alheias (leia-se raquetes alheias), mal lhes fosse dada segunda oportunidade. Apraz-nos, aqui registar que, de entre estes últimos, figuram os portugueses João Cunha e Silva e Pedro Cordeiro, que novamente formando equipa, fizeram das «tripas coração», vencendo a prova de pares, mesmo tendo de jogar as «meias» e a final no mesmo dia. Após terem afastado nos «quartos» a dupla «Flinstoe/Mirard, os portugueses encontraram pela frente o par suíço, que os derrotara há uma semana. Desta vez, porém, a vitória sorriu às nossas cores, constituindo um forte tónico que permitiu aos atletas lusos atingirem a final com um elevadíssimo moral. A prova de fogo estava, no entanto, ainda reservada para o derradeiro e decisivo encontro. Aí, tiveram frente-a-frente (nem mais nem menos) os dinamarqueses Larsen/Schmidt, actuais líderes da classificação do circuito, após vitória no Jamor e serem finalistas em Tróia. Com actuações nervosas de ambos os lados, assistiu-se a quebras de serviço logo aos 1.º e 2.º jogos, tendo sido os dinamarqueses os 1.ºs a servir. No entanto, o conjunto português começou logo a evidenciar maiores capacidades, ameaçando um «break» ao 3.º jogo e concretizando-o ao 5.º jogo. Aconteceu de seguida o 4-2 e, apesar da boa resposta dos adversários, os portugueses acabaram por assegurar a 1.ª partida, por 6/4. O 2.º «set» iniciou-se com forte pressão de Silva/Cordeiro, que rapidamente atingiram o 2-0, não conseguindo contudo manter o ritmo competitivo, logrando então os dinamarqueses empatarem a partida. O jogo continuaria vivo e emocionante até aos 5-5, para no décimo jogo, os portugueses «breakarem» por fim os opositores, correndo então de vez para uma justíssima e suada vitória no segundo e derradeiro «set», por 7/5. Foi (pois) uma saborosa vitória arrancada a ferros, que bem poderá significar uma presença no «masters», a disputar dentro de três semanas, na capital.

Na prova de singulares, a vitória sorriu ao argentino Eduardo Masso (cabeça de série n.º 1) que bateu na final o sueco Fredrik Rosenquist (cabeça de série n.º 6) pelos parciais de 6/4 e 6/1, revelando ao longo de toda a semana uma autoridade que se reflectiria nos fáceis resultados com que venceu as suas partidas.

De notar (como curiosidades) que, desta vez, apenas um «qualifyer» atingiu as meias finais, ao contrário do que sucedera no Estádio Nacional, onde dominaram a seu bel-prazer: E o caprichoso sorteio que colocou frente-a-frente, logo na 2.ª ronda, os finalistas do RTP, tendo desta vez saído vencedor o austríaco, que viria (porém) a ser derrotado na eliminatória seguinte pelo argentino, a quem vencera há uma semana, no Jamor. Foi, como se viu, uma semana de ajustes de contas.

Os portugueses

Os nosso atletas tiveram neste torneio, uma participação muito mais positiva, mostrando o que realmente os separa dos estrangeiros presentes é a rodagem de alta competição. Assim, e para além da já referida vitória em pares — a abrir uma excelente perspectiva para a 1.ª eliminatória da Taça Davis, frente ao Mónaco — temos que realçar a excelente presença do campeão nacional, que venceu o porto-riquenho Juan Rios (6/3; 5/7 e 6/2) numa verdadeira maratona de três horas e um quarto, perdendo nos quartos-de-final frente ao semifinalista Thomas Nydhal, por dois caprichosos «tie-breaks», com os parciais de 7/6 (10-8); 3/6 e 7/6 (7-0).

«Selecções do Reader's Digest»

Entretanto, processa-se o 3.º Torneio do Satélite, nos «rápidos» da Quinta da Marinha (em Cascais) que tem como principais aliciantes, a alteração do piso e a modificação dos «cabeças-de-série», uma vez que passou a ser considerada a classificação do Satélite, em vez dos pontos ATP, transmintindo maiorveracidade ao torneio.

Isto afecta directamente os jogadores nacionais: por um lado, Cunha e Silva perdeu o estatuto de «cabeça-de-série», por outro, Pedro Cordeiro passou a ter entrada directa no quadro principal, sem necessitar de «Wild Card».

Assunção Ribeiro

O par português Cunha e Silva/Pedro Cordeiro venceu a dupla Branko Horvat (Jugoslávia)/Axel Hornung (RFA), por 6-4 e 6-2, na prova de pares do terceiro torneio do circuito satélite, em Cascais. Com este resultado a dupla portuguesa passou aos quartos-de-final da competição, depois de (3.ª feira) terem sido eliminados no torneio de singulares.

Outros resultados da mesma jornada de pares: Per Henricsson/Anders Henricsson (Suécia), venceram Kenet Schmidt/John Larsen (Dinamarca), por 6-4, 6-3; Patrizio Parrini/Luca Botazzi (Itália) venceu Ruben Lamothe (Haiti)/Peter Russel (Grã-Bretanha), 4-6, 6-1, 6-2.

Em Berna, para a Europa: Suíça, 1-Portugal, 1

Emigrantes obrigam "seabrinhas" ao empate

Cerca de 11 mil espectadores viram (lá) e centenas de milhar espreitaram (por cá, na RTP): um subtil toque de calcanhar de Manuel Fernandes, a quatro minutos do fim, permitiu a Portugal empatar a uma bola frente à Suíça, em encontro de futebol do grupo 2 da fase de qualificação para o «europeu». Os suíços foram os primeiros a marcar logo aos 6 minutos por intermédio de Bregy, num «livre directo» desferido de fora da grande área e Manuel Fernandes empatou (aos 86 minutos) ao desviar, com um toque forte remate de Adão.

Num jogo de nervos para as duas equipas, com um golo na princípio e outro no fim do encontro, Suíça e Portugal bateram-se por um resultado que lhes permitisse continuar na luta pela Europa, ao ponto de terem realizado um razoável espectáculo. Com este empate, arrancado a ferros nos últimos minutos da partida, os «Seabrinhas» conquistaram o seu segundo ponto, depois do empate (no Jamor) frente à Suécia: e mantêm a 2.ª posição no grupo 2. A Suíça perdeu uma boa oportunidade de, no seu próprio terreno, conseguir amealhar os pontos que levassem a ultrapassar os portugueses, mas o toque de Manuel Fernandes colocou justiça no resultado.

Os suíços (treinados por Jeandupeux) iniciaram o encontro dispostos a arrumar as pretensões dos portugueses, mas os seus objectivos revelaram-se traídos pela boa esquematização táctica utilizada por Portugal.

Uma desatenção de Zé Beto (falha imperdoável num guardião que pretende ser «o melhor deste país») e a deficiente organização da barreira lusitana, abriram alas ao fortíssimo remate de Bregy, na sequência de «livre directo» a castigar uma falta de Alberto, na zona frontal à baliza. O golo, obtido logo aos seis minutos, modificou por completo o espelho do encontro; e a defesa portuguesa passou por momentos de grande aflição, podendo (inclusive) ter sofrido mais um tento. A velocidade imposta pelos avançados suíços desnorteava por completo a defesa portuguesa, que cometeu inúmeros deslizes, nomeadamente Zé Beto (muito inseguro) e Fernando Mendes (em noite de quase desacerto total).

Aos 9 minutos, Aberto salvou («inextremis») o possível 2.º golo dos helvéticos (com Zé Beto fora dos postes!) e a situação repetiu-se até ao final do primeiro quarto de hora, quando se deu a reviravolta na balança do espectáculo. As duas substituições operadas na turma portuguesa, uma táctica e outra forçada, acabaram por modificar o resumo dos acontecimentos: entradas de Coelho e Mário Jorge, a renderem Shéu e o lesionado Nunes.

O domínio passou a pertencer à selecção treinada por Juca, rubricando boa exibição, mas falhando no capítulo da finalização.

Aos 20 minutos, Adão aproveitou a falha de um defesa suíço mas rematou para as nuvens e, uma dezena de minutos depois, Coelho (na zona frontal à baliza) atirou forte, mas rente ao poste à guarda de Brunner. Aos 36 minutos, o mesmo Coelho (que realizou uma boa exibição) voltou a escapar-se à defesa suíça: mas, no último instante, um defesa adversário decidiu travá-lo pela camisola, sem que o árbitro mostrasse o cartão amarelo ao nosso adversário.

Na 2.ª parte, repetiu-se o domínio português que, aos poucos, se foi tornando mais intenso, com Jaime a perder (77 minutos) a oportunidade mais flagrante da turma portuguesa de atingir a igualdade. Um minuto depois, Coelho rematou forte mas ao lado e oito minutos depois, já com toda a equipa suíça dentro da sua grande área, Manuel Fernandes deu o melhor seguimento a um potente remate de Adão.

Na turma portuguesa é de justiça salientar o labor de Coelho e Alberto, bem acompanhados por Eduardo Luís e Dito, Mário Jorge e Jaime, sendo absolutamente necessário rever a defesa, de molde a evitar lances em que Zé Beto **anda aos malmequeres** ou a barreira que o deveria proteger saiu para fazer compras... A Europa vai agora afastar-se durante quatro meses, pois Portugal só regressa ao campeonato em Fevereiro, para receber a Itália. Oxalá, nessa altura, a «selecção portuguesa» integre (realmente) os melhores valores de que dispómos.

O técnico suíço Daniel Jeandupeux afirma que o golo de manuel Fernandes foi obtido em posição irregular e «responsabilizou» os milhares de emigrantes portugueses que acorreram ao Estádio Wankdorf e «empurrando» a equipa luso pelo resultado final de 1-1.

Manuel Fernandes, «capitão» da equipa e autor do golo do empate, diz que o público **Foi maravilhoso e em grande parte responsável pela recuperação. Em nome da equipa quero agradecer e dedicar o resultado obtido a este incansável público que veio a Berna,** acrescentou o ponta-de-lança português.

Para Rui Seabra (seleccionador federativo) **o golo sofrido a frio foi o grande problema que a selecção teve que enfrentar, mas o mérito do resultado não sofre discussão: e poderíamos mesmo ter ganho, pelo que jogamos na 2.ª parte. Só foi pena não termos conseguido marcar mais cedo...**

Jeandupeux sublinhou, por seu turno: **o excelente começo de jogo da minha equipa, teve ocasiões que não soube concretizar.** Depois (reconheceu o técnico helvético) começaram as dificuldades, com a perda do controlo da bola.

Classificação actual do Grupo 2 da fase de qualificação para o europeu de futebol:

	J	V	E	D	G	P
Suécia	2	1	1	0	3-1	3
Portugal	2	0	2	0	2-2	2
Suíça	2	0	1	1	1-3	1

As selecções de Malta e da Itália ainda não realizaram qualquer encontro.

«Obrigado, amigos!» *agradecimento dos «seabrinhas» aos compatriotas emigrantes*

Sob a direcção de Siegfried Kirshen (RDA) alinharam:

Suíça: Brunner; Marini, Egli, Weber e Ryf; Geiger, Hermann, Bregy e Bickel (Maissen, aos 61 m); Halter (Cina, aos 76 m) e Beat Sutter.

Portugal: Zé Beto; Dito; Veloso, Eduardo Luís, Alberto e Fernando Mendes; Jaime, Nunes (Mário Jorge, aos 31 m), Shéu (Coelho, aos 17 m) e Adão; Manuel Fernandes.

Cartão amarelo a Fernando Mendes. Golos: Bregy (6 m) e Manuel Fernandes (86).

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

CONVOCATÓRIA

De harmonia com o disposto nos n.os 2 e 4 do Art.º 33.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO a reunir-se em sessões ordinória e extraordinária, no dia 14 de Novembro p.f., respectivamente às 20.00 e 20.30 horas, na sede do Ateneu Comercial de Lisboa, Rua das Portas de Santo Antão, 110, em Lisboa, com as seguintes:

ORDENS DE TRABALHOS

Assembleia Geral Ordinária

– Apreciar e proceder à votação do orçamento e do programa de acção referentes ao ano de 1987, bem como do respectivo parecer do Conselho Fiscal.

Assembleia Geral Extraordinária

– Deliberar sobrepropostas da Direcção, e respectivos pareceres do Conselho Fiscal, visando:
  – O aumento do valor da quota mínima dos associados;
  – A alienação de bens imóveis;
  – O repúdio de deixas testamentárias com encargos de conservação de jazigos.

Não havendo às horas indicadas número legal de presenças (mais de metade dos associados da instituição), as Assembleias realizar-se-ão, **em segunda convocação,** uma hora depois, ou seja, a ordinária às 21.00 e a extraordinária às 21.30 horas, no mesmo local e com iguais ordens de trabalhos, conforme o que preceitua o n.º 4 do art.º 32.º dos Estatutos.

Lisboa, 30 de Outubro de 1986

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Fernando da Silva Costa

Futebol europeu: quatro ganharam a zero

Para além do Suíça - Portugal, outros jogos com vista à qualificação europeia tiveram lugar:

• Grupo 3: União Soviética - Noruega, 4-0 e RDA - Islândia, 2-0.

	JVED G P
URRS	3 2 1 0 7-1 5
RDA	2 1 1 0 2-0 3
Islândia	3 0 2 1 1-3 2
França	2 0 1 1 0-2 1
Noruega	2 0 1 1 0-4 1

Próximos jogos: 19 Novembro: RDA - França; 29 de Abril 87: França - Islândia e URSS - RDA.

• Grupo 4: Jugoslávia - Turquia, 4-0.

	JVED G P
Jugoslávia	1 1 0 0 4-0 2
Inglaterra	1 1 0 0 3-0 2
Irlanda Norte	1 0 0 1 0-3 0
Turquia	1 0 0 1 0-4 0

Próximos jogos: 12 Novembro: Inglaterra-Jugoslávia e Turquia-Irlanda do Norte.

• Grupo 6: Dinamarca - Finlândia, 1-0.

	JVED G P
Checoslováquia	1 1 0 0 3-0 2
Dinamarca	1 1 0 0 1-0 2
Finlândia	1 0 0 1 0-1 0
País Gales	1 0 0 1 0-3 0

Próximos jogos: 12 Novembro: Checoslováquia-Dinamarca; 1 Abril-87: País de Gales-Finlândia.

Particular

Jogo particular: Áustria, 4-Alemanha Federal, 1.

«Olímpicos»

Para o torneio olímpico: Checoslováquia, 2-Bélgica, 0.

«Esperanças»: Espanha campeã

A selecção espanhola de futebol de «Esperanças» é campeã da Europa da categoria, ao vencer a Itália, após recurso a grandes penalidades. O encontro teve lugar no Estádio Jose Zorrilla (Valladolid) e no final dos 90 minutos regulamentares a Espanha vencia por 2-1, resultado igual ao conseguido pelos transalpinos no encontro da 1.ª «mão», em Itália. Com um empate (3-3) no conjunto das duas «mãos», tornou-se necessário recorrer à marcação de grandes penalidades, tendo a Itália falhado a transformação dos três primeiros pontapés, enquanto a Espanha convertia em outros tantos golos os que lhe coube apontar.

Taça: Lousada passa

O Lousada afastou o Valpaços da Taça de Portugal em futebol, através da marcação de pontapés de grande penalidade, em jogo de desempate da 1.ª eliminatória daquela competição. O encontro entre as duas equipas da 3.ª divisão decorreu no Campo da Cruz (em Valpaços) após (no domingo, em Lousada) se ter registado empate a um golo no fim do tempo regulamentar, que se manteve no prolongamento. Ontem, as duas equipas estavam empatadas sem golos no fim dos 90 minutos e o marcador manteve-se em branco após o prolongamento de meia hora, que tasmbém teve lugar. Na marcação de pontapés da marca de grande penalidade, o Lousada transformou cinco, contra quatro do Valpaços.

Atenção, Boavista

O Rangers empatou a zero golos no campo do Dundee United, em encontro do campeonato escocês de futebol da 1.ª divisão. Os homens de Glasgow são adversários do Boavista na Taça UEFA.

«Taça dos Libertadores»

O River Plate, (Argentina) conquistou a «Taça dos Libertadores da América» ao derrotar (1-0) o campeão colombiano, o América, no jogo da segunda mão da final.

Informação desportiva: há coisas novas no ar

Informação desportiva em alvoroço, por força de uma série de alterações que batem à porta da RTP, da Rádio Comercial e da Antena Um.

O sector desportivo da Televisão passa a ser dirigido pelo jornalista Afonso Rato (em detrimento de Bessa Tavares) permanecendo Pedro Mariano como «pivot» do «Domingo Desportivo», ao lado de Ribeiro Cristóvão. Não se conhece ainda o lugar que poderá ser ocupado por Bessa Tavares, fora da secção que chefiava.

Na Rádio Comercial, ao pedido de transferência para o Algarve assinado por Fernando Correia, a chefia do Núcleo de Desporto (embora directamente dependente do director de programas Pedro Castelo) foi confiada a Artur Agostinho que, até ao momento, em nada alterou o que estava estabelecido pelo antecessor, que (desejando radicar-se no Algarve) ficaria como relator de jogos de futebol que se realizassem naquela província. Simplesmente, a recém-empossada direcção da Rádio Algarve não parece disposta a aceitar a colaboração de Fernando Correia que, como realizador de 1.ª classe, deseja comandar um programa de amplitude.

Ao mesmo tempo, perante esta situação de impasse, Fernando Correia recebeu convite (de José Manuel Nunes) para se integrar na equipa desportiva da Antena Um: enquanto a proposta é estudada, o jornalista David Borges muda, do Quelhas para a Sampaio Pina, deixando a turma chefiada por Costa Martins e passando, para além de integrar o bloco do Núcleo de Desporto da Comercial, a dirigir a programação desportiva que João Martins produz, nas noites de domingo, lugar em que substitui Gabriel Alves, que também deixa a equipa comandada por Artur Agostinho para (até ver) se dedicar à RTP.

Quer dizer: ontem, com o Suíça-Portugal, David Borges deve ter-se despedido da Antena Um, ficando no ar a dúvida sobre quem passará a chefiar o departamento desportivo da emissora do Quelhas, oscilando as hipóteses entre a continuidade de Costa Martins ou a sua rendição por Fernando Correia, caso não mantenha o propósito de, nos tempos mais próximos, residir no Algarve.

Resta acrescentar que, na Sampaio Pina. Artur Agostinho vai encetar profunda remodelação nas estruturas do Núcleo de Desporto, sendo natural a entrada de um ou dois elementos para revigoramento do sector. Nesse sentido, já haveria luz verde de João David Nunes e Pedro Castelo que (com Jaime Fernandes) superintendem na Rádio Comercial e que (eufórica) se prepara para anunciar que um completo estudo de mercado acaba de lhe conceder, por larga margem, vantagem auditiva sobre as duas concorrentes mais directas no tocante a desporto. Um pormenor que explica esse triunfo: a popularidade de Jorge Perestrelo, o relator desportivo mais espectacular destas paragens.

Microscópio

Faro: estádio melhorado

O Estádio de S. Luís (em Faro) está a ser objecto de beneficiações, visando receber em melhores condições os espectadores e utentes dos seus serviços.

Na sequência da outorga do estádio (pela Câmara Municipal de Faro) ao Sporting Farense, foram efectuadas remodelações no sector dos camarotes afectos à bancada central. Seguiu-se a construção, sobre a zona dos balneários, de uma sala de Imprensa, dois amplos camarotes para convidads especiais e três cabinas destinadas às rádios locais.

Nos próximos dias, será efectuada a cobertura metálica das bancadas laterais

Nosso râguebi está de luto

Morreu ontem o dr. Américo Caetano Nunes, com 66 anos, antigo «internacional» de râguebi, figura de prestígio entre os praticantes da modalidade. Durante muitos anos foi atleta em representação do Ginásio Clube Português, Sporting e Desportivo de Direito, exercendo a função de treinador das equipas de Direito, Benfica e S. Miguel. Era pai do jogador João Caetano Nunes (de Direito), e o funeral efectuou-se hoje, da Igreja do Campo Grande para o cemitério de Benfica. À família enlutada, a expressão do nosso pesar.

Modalidades

Federação de Ginástica

Realiza-se no próximo dia 31 do corrente no Complexo Desportivo da Lapa (antigo IND) uma sessão extraordinária do congresso da Federação Portugesa de Ginástica, com a seguinte ordem de trabalhos:

— apreciação de proposta de atribuição a título póstumo, ao professor Manuel Correia Robalo Gouveia, do mais alto galardão da FPG a Medalha de «Valor, Mérito e Bons Serviços».

— apreciação de proposta de alteração estatutária emanada do Cons. Directivo da FPG.

— apreciação de proposta emanada do Cons. Directivo da FPG referente a uma acção nacional a desenvolver no âmbito da formação e apreciação de um requerimento apresentado pelo ISEF AGON/Clube.

A anteceder a esta sessão, os congressistas reunir-se-ão para discutir e votar o relatório e contas do ano de 1985, do Conselho Directivo da FPG e respectivo parecer da Comissão Revisora das Contas.

Totobola: a nossa aposta

Concurso n.º 83/86
5. Novembro 86

Porto-Viktovice	1
Juventus-Real Madrid	1
Áustria Viena-Bayern	1
S. Bucareste-Anderlecht	X
Dínamo Kiev-Celtic	1
Dínamo Berlim-Brondby	1
Bordéus-Benfica	X
Wsrexham-Saragoça	1
Olympikos-Ajax	1
Boavista-Glasgow Rangers	1
At. Madrid-Guimarães	1
Sporting-Barcelona	1
Toulouse-Sp. Moscovo	2

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 44, DE 2 DE NOVEMBRO DE 1986

O Diário: 1X1 X11 121 2X1X; Diário de Lisboa: XXX 111 2X1 X1X1; O Jornal de Felgueiras: 1X1 111 111 XX11; Notícias de Felgueiras: XX1 1X1 111 XX11; Dribling: 111 X11 1XX1 211X; Eu Sei Tudo: 1X1 2X1 2X1 2111; Notciais de Évora: 1X1 111 XX1 X1X1; Penalti: 111 211 211 2111; O Jornal de Amarante: 111 111 1X1 1111; Rádio Totobola: 1X1 121 2X1 21XX; Jornal Gazeta das Caldas: 1X1 111 1X1 X1X1; O Jornal da Lixa: 2X1 111 X11 X111; Gente Gira: 121 X11 1X1 2X21; Ecos do Cacia: 121 1X1 X11 X111; Litoral: 221 111 X11 X11X; Sintonia Desportiva: 1X1 121 1XX 2XXX; Canal Mais: 1X1 1X1 221 1X21; Grande Sábado: 121 X21 XX1 12XX; Bola ao Centro: 1X1 1X1 X21 2X2X; Fora de Jogo: 1X1 X11 XX1 X1X2; Fotogramas: 121 121 X21 22X1; Música com Elas: 111 1X1 X21 11X1; Programa da Manhã: X21 X21 X21 2XX2; Boomerangue: 1X1 12X1 X21 X121; Correio de Coimbra: 1X1 1X1 111 X111; Voz das Beiras: 221 X2X 211 X1X1; Jornal «Notícias de Gouveia»: 1X12 121 1X1 12X1; RDP/Tempo de Desporto: 121 X1X 11X 11XX; RDP-/Secção Desportiva: 1X1 X11 X21 XX11; RDP/Manhã Manhã: 111 1X1 1X1 1211; RDP/Clube da Manhã: XXX 111 X1X X2X1; RR-Desporto: 111 111 111 X111; RR/Diário do Desporto: 1X1 1X1 1X1 11XX; RR-Bola Branca: 111 X11 X11 1X11; Desporto Regional: 111 111 X11 X111; Snack-Bar: X21 1X1 X11 X111; Pista de Dança: 1X1 XX1 1X1 11X1; Jornal Notícias de Guimarães: 1X1 X21 2X1 1X11; Reconquista: 121 111 111 1111; O Mensageiro: 121 1X1 1X1 X122; Pôr do Sol: X21 1X1 1X1 XX11; Fim-de--Semana Desportivo: 121 X11 111 11X1; Panorama Desportivo: 1X1 121 X11 X111; Voz de Lamego: 121 111 11X 21X1; Jornal Defesa de Espinho: 121 1X1 22X 21X1; Notícias do Douro: 1X1 11X 111 21X1; Totobola em Linhas de Elvas: 111 111 X11 X121; O Algarve: 121 111 221 X111; Jornal da Beira: 121 111 221 X111; A Voz do Domingo: 111 111 X11 1111; Rádio Altitude/Som da Madrugada: 121 11X X11 X11X; Rádio Altitude/Informação Desportiva: XX1 111 X11 X111; Jornal de Sintra: 1X1 112 111 X111; Jornal do Fundão: 121 1XX X11 1111; O Distrito de Portalegre: 121 121 X111 X1X1; Voz do Ave: 121 X11 1X1 1111; Rádio Sports: 1X1 211 221 1111; Maria da Fonte: 1X1 1X1 X11 XX11; Correio do Vouga: 121 111 X11 2111; Folha do Domingo: 121 1XX 111 X11X; O Emigrante: XX1 X1X XX1 21XX; Jornal «A Defesa»: 1X1 1XX 1XX X111; RDP/Antena 1: 1X1 122 X11 2XX1; Notícias de Viseu: 22X 111 2X1 XXX1; Diário de Viseu: 1X1 111 XX1 1X21; Gazeta de Felgueiras: 121 1X1 11X 2111; RDP/Rádio Guarda: 1X1 XX1 212 1X21; Jornal «Estrela da Manhã»: 111 1XX 111 X111; Diário de Coimbra: 1X1 X11 111 X111; Arte de Bem Madrugar: 1X1 X11 121 2111; Comércio de Leixões: 1X1 X11 X11 1111; De Tudo Um Pouco: 1X1 X11 111 1111; Jornal de Gaia: XX1 2X1 111 2X11; Jornal da Graça: 121 1X1 2X2 X12X; Jornal de Notícias: 1X1 XX1 XX1 X1X1; O Primeiro de Janeiro: 1X1 1X1 X1X 21XX; Quadrante Norte: 111 111 XX1 211X; Repórter do Dia: 1X1 111 111 X111; Resenha Desportiva: 1X1 XX1 211 XX11; Alvo Desportivo: 1X1 111 X11 2X11; Rádio Alvo: 111 X11 21X X211; Alvo: 1X1 111 1X1 21X1; Alvo Suplemento: 111 X11 111 XX11; A Voz dos Ridículos: 111 111 211 2111; Rádio Placard: X21 X11 X21 X21X; Estúdio 64: 121 211 X12 11X1.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Porto-Sporting	72	10	4	10	1	1
2. Varzim-Belenenses	15	43	28	2	6	4
3. Guimarães-Chaves	83	3	0	11	1	1
4. Elvas-Salgueiros	56	25	5	8	3	1
5. Farense-Académica	48	27	11	7	4	1
6. Marítimo-Portimonense	75	9	2	10	1	1
7. Valdevez-Vianense	32	36	18	4	5	3
8. Infesta-U.Lamas	45	27	14	6	4	2
9. O. do Bairro-Marialvas	74	9	3	10	1	1
10. Lousanense-Caldas	22	40	24	3	6	3
11. B.C. Branco-Alcobaça	58	21	7	8	3	1
12. Cacém-Vilafranquense	49	28	9	7	4	1
13. Juventude-Louletano	67	16	3	9	2	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
1X1 111 X11 X111

Futebol feminino incrementa-se

Lutando contra o imobilismo, quebrando a monotonia que tem retardado a vida portuguesa em diversos sectores de actividade (e, no campo desportivo, obriga a persistente luta com a rotina) o futebol feminino vai ganhando asas. Embora continue marginalizado ou depreciado pela entidade federativa. Vivendo quase exclusivamente doesforço de alguns clubes (especialmente de associados com visão rasgada) vai tentando encontrar um caminho europeu. E, à falta de continuidade eficiente de torneios oficiais, as colectividades realizam duelos particulares, como o que vai acontecer, domingo próximo, pelas 15 horas, no Bessa: jogo entre o Boavista (potência de 1.º escalão) e o Grupo Sportivo de Carcavelos. Na véspera, pelas 17 horas, um bom aperitivo: as meninas da Linha do Estoril visitam Leça do Balio, para outro confronto futebolístico.

Hoje na estrada: "Rali do Algarve"

A última prova do calendário nacional de ralis (Rali do Algarve) vai hoje para a estrada, organizado pelo Racal Clube de Silves, entidade responsável desde a sua existência. Com um percurso de 944,22 km, divididos em três etapas e cinco secções, o Rali do Algarve, pontuável também para o «europeu» da especialidade com o coeficiente 2, conta com 20 provas de classificação.

Contrariamente às edições anteriores, a prova algarvia não conta com um grande número de inscritos (apenas 63 concorrentes constam da lista de inscrições) e, alguns poderão não alinhar logo às 20 horas de armação de Pera (partida para a 1.ª etapa) já que constava no fecho desta edição que um ou outro piloto estrangeiro não compareceria às verificações técnicas.

De facto, o rali do Algarve não vai ter a emoção e o despique de anos anteriores já que todos os títulos (absoluto, turismo e produção) — já estão entregues a Joaquim Moutinho, Jorge Ortigão e António Coutinho, respectivamente. Pedro Sena e António Segurado ainda tentaram discutir os títulos que faltavam entregar esta época, participando no passado fim-de-semana no Rali da Catalunha: mas, os resultados alcançados pelos pilotos portugueses no país vizinho não foram os suficientes para que hoje pudessem participar com uma «esperança» de alcançar o ceptro. Por outro lado, também o «europeu» está de certa forma entregue a Fabrizio Tabaton, que levou o seu «Lancia Delta S4» 1.ª posição no Rali da Catalunha, deixando Patrick Snijers a 40 pontos.

Assim, a grande expectativa criada em torno de Snijers, que iria alinhar no seu habitual Lancia Rali acabou por ser gorada dada a ausência do piloto belga.

Apenas os jugoslavos Kuzmic/Rudi Sali (em Renault 5 Turbo) poderão ganhar algo com esta prova portuguesa (caso tenham comparecido nas verificações técnicas) uma vez que podem ainda ascender ao grupo de pilotos prioritários, caso a vitória lhes venha a sorrir. Deste modo, o Rali do Algarve vai ter (somente) o entusiasmo dos pilotos nacionais que, por certo, não deixarão de proporcionar um bom espectáculo aos adeptos do desporto automóvel ao longo das classificativas algarvias.

«Gostaria de inscrever o meu nome no 'palmarés' do Rali do Algarve e é por isso que vou lutar» refere Joaquim Moutinho enquanto Joaquim Santos salienta que «repetir a proeza do ano passado é o nosso objectivo». Carlos Bica (em Lancia Rally 037) disse «vencer o Rali do Algarve seria um prémio para compensar os azares ao longo da temporada».

No que diz respeito aos restantes agrupamentos, apontar favoritos é demasiado arriscado uma vez que o traçado é bastante selectivo e as surpresas irão surgir a partir de hoje até sábado às 22 horas ou seja quando os sobreviventes chegarem de novo a Armação de Pêra.

Para João Aires (o director da prova) «tudo faremos para que o nosso rali seja excelente a fim de nos candidatarmos à subida de coeficiente no Campeonato Europeu». O Rali do Algarve foi este ano encurtado pelas normas internacionais mas «já tenderia para isso, tendo em vista torná-lo mais económico». Apesar de nada existir para conquistar em termos de campeonato, tudo leva a crer que esta edição do Rali do Algarve seja muito competitiva, até porque, com a elevada ausência de pilotos estrangeiros, os concorrentes nacionais irão medir as «derradeiras» forças desta época.

Tiago Alexandre

Esta noite, em Paço de Arcos

Portugal-Espanha em futebol de salão

Festa rija para o futebol de salão: esta noite (21 horas) no Pavilhão do Paço de Arcos, processa-se um Portugal-Espanha integrado no festival desportivo organizado pela Associação de Lisboa de Futebol de Salão, em colaboração com a Câmara Municipal de Oeiras e Junta de Freguesia de Paço de Arcos.

Programa do festival: Selecção de Lisboa-Selecção de Oeiras (21 horas, em futebol de salão — 12/14 anos); patinagem artística e distribuição de prémios do recentemente terminado Troféu Rei Eusébio em futebol de salão (22.30) e Portugal-Espanha (22.45 em futebol de salão). A selecção de Espanha tem como seleccionador Juan Montero e como adjunto Félix Aranda. Integra os seguintes elementos: Toño (Torrejón) e Varela (Interviu); Nacho (Torrejón), Lozano e Quique (Toledo), Llorens e Serra (Distrito), Agustin, Hilário e Álvaro (Interviu) e Martin Isabel (Casasegovia).

Por sua vez, a turma portuguesa tem como treinador Carlos Dionísio, e Luís Rodrigues como adjunto e contará com os seguintes jogadores: Adérito (Páteo Alfacinha) e Fernando Santos (Bepaliz); Jorge Almeida e Veira Dias (Bepaliz); Hélio Matos, Filinto Silva e Carlos Alegre («Correio da Manhã»), José Faria e Carlos Oliveira (Páteo Alfacinha), Joaquim Marques (Os Académicos) e Fernando Teixeira (Palácio). Completam a nossa representação Massimo Forte (presidente da Associação), Fernando Louro (delegado) e os massagistas, Rui Gaspar e Pedro.

Para este 1.º Portugal-Espanha, a arbitragem estará a cargo de Raul Martins e Honorato Santos (internacionais da FIFUSA) e Maranhas de Abreu.

"Mundial" de andebol

Nossas raparigas em Espanha

A selecção portuguesa feminina de andebol partiu hoje para Valência (Espanha) onde amanhã faz a sua estreia num campeonato do Mundo, defrontando na jornada inaugural a Islândia. Portugal integra a série «A» da fase preliminar do «mundial» feminino, grupo «C» (eliminatória europeia), de que fazem também parte Áustria, Dinamarca, Islândia e Finlândia. A série «B» é constituída pela Suécia, Suíça, Itália, Espanha e Grã-Bretanha.

A qualificação da equipa portuguesa para a fase final da competição (a decidir pelos dois primeiros classificados de cada grupo) é uma hipótese remota, dada a maior experiência internacional e superior técnica de equipas como a Áustria, a Dinamarca e a Islândia, que já pertenceram ao escalão «B» mundial. Por outro lado, na opinião da técnica principal da equipa portuguesa (Fátima Monge da Silva) a série «A» **é a mais forte das duas, o que torna ainda mais problemática uma estreia auspiciosa da selecção das quinas.**

A turma nacional é formada pelas guarda-redes Irene Henriques (Benfica), Conceição Rufino (Associação Desportiva de Oeiras, ADO) e Elsa Oliveira (Sport Madeira) e pelas jogadoras de campo Esmeralda Martins, Vitória Caineta, Paula Espírito Santo, Cristina Caetano, Ana Sobral e Célia Matos (Benfica), Júlia Calado, Judite Paris e Alice Leitão (Ginásio do Sul), Maria José Carvalho e Paula Biscaia (Académico do Porto), Margarida Barriga (ADO) e Assunção Magro (Paço d'Arcos).

A comitiva portuguesa é chefiada por Américo Ramalhete e integra ainda o dr. Artur Castro, o fisioterapeuta dr. Luís Rocha, além da técnica Fátima Monge da Silva e da sua adjunta, Isabel Cruz.

A fase preliminar do «mundial» realiza-se de amanhã a 5 de Novembro.

O calendário dos jogos de Portugal, na fase preliminar, é o seguinte: 31 Out. — Islândia-Portugal (em Burriana); 1 Nov. — Portugal-Áustria (em Bechi); 2 Nov. — Finlândia-Portugal (em Villarreal); 4 Nov. — Portugal-Dinamarca (em Onda).

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE LISBOA

ANÚNCIO

Pela 4.ª secção de Processos da repartição Judicial do Tribunal da Relação de Lisboa, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando LEOPOLDO O'DONNEL Y LAGUNO, súbito espanhol natural de Málaga, nunca tendo residido em Portugal, e com ultima residência conhecida no PASCO CASTELHANA, 206, em Madrid, Espanha, para no prazo de DEZ DIAS, decorridos que sejam o dos éditos, deduzir, querendo, oposição que tiver por convemente nos Autos de Revisão de Sentença Estrangeira, em relação à sentença proferida pelo Tribunal de 1.ª Instância n.º 22 de Madrid, datada de 10/7/1984, que decretou o divórcio entre o citando e a requerida Maria José Franco da Silva, residente na Rua Morais Soares n.º 41, 3.º Frente em Lisboa, e em que esta requerente pede que aquela sentença depois de vista e confirmada, produza todos os efeitos em Portugal.

A referida Revisão de Sentença Estrangeira, requerida ao abrigo dos art.ºs 1094.º e segs. do C. de Processo Cível, corre seus termos pela 4.ª secção judicial onde tem o n.º 4771, na secretaria encontra-se o duplicado da petição onde tudo melhor consta para ser entregue a quem de direito a solicitar.

Lisboa, 20 de Outubro de 1986

O Juiz Desembargador
(a) LUÍS VAZ DE SEQUEIRA
A Escriturária Judicial
(a) MARIA TERESA SANTOS

«DL» 30/10/86 — 1.ª Pub.

GANHAR MILHÕES COM UMA ESFEROGRÁFICA, SÓ NO... JACKPOT

No último sorteio do Totoloto, foram distribuídos pelos 2.º, 3.º, 4.º e 5.º premiados 170 252 000$00.

Ficaram por distribuir por não ter havido Totalista 56 750 000$00. Assim, esta semana, haverá

JACKPOT, quer dizer, mais 120 000 000$00* à espera da sua esferográfica.

totoloto

É FÁCIL É BARATO DÁ MILHÕES

Europeu junior de hóquei em patins

Portugueses entraram de rompante

A selecção nacional de juniores, em hóquei sobre patins, começou muito bem a sua escalada para o título europeu, no campeonato que desde ontem decorrre em Anadia: venceu a França por 9-1, na jornada de abertura do torneio. Ao intervalo o resultado era 3-1, para Portugal.

Sob direcção do árbitro italiano Aldovieri, as equipas alinharam e marcaram:

Portugal: Paulo Freitas, José Júlio, Rui Neto (2), Pedro Alves (3), Pedro Silva, João Carlos, Rui Lopes (2), Paulo Castanheira e Eduardo Pinheiro (2).

França: Dominiane Raonet, Regio Vermeuleu, Laurent Lamorese, Hervé Lucas (1), Castering, Philipe Leipe e François Dinaison.

Portugal realizou uma excelente exibição e dominou completamente a frágil selecção francesa (9-1): praticando um hóquei muito rápido acutilante, a selecção das quinas deu excelentes indicações quanto ao seu comportamento na competição. Apresentou um conjunto muito homogéneo, com um lote de jogadores de grande craveira técnica, que lhe permite acalentear as maiores aspirações neste campeonato.

No jogo com a França, os jovens portugueses revelaram ainda, para além do apuro técnico, uma maturidade competitiva de bom nível. Num conjunto que se revelou muito equilibrado em termos de valores individuais, acabou por salientar-se o avançado Pedro Alves, (pelos três golos que marcou) e o médio Castanheira (pela autoridade e pujança que imprimiu à sua exibição).

O árbitro italiano Aldovieir efectuou uma boa exibição. O público bairradino, que enchia por completo o pavilhão, deu um grande apoio à selecção portuguesa, prenunciando um comportamento entusiasta para os jogos grandes.

Ainda nesta ronda de abertura, outros desfechos: Holanda, 4-Inglaterra, 1; Espanha, 3-Alemanha Federal, 2 e Itália, 10-Suíça, 2. Eis os protagonistas dos vários embates:

• Sob a direcção do português Aníbal Santos, alinharam:

Inglaterra: Ian Philip, Paul Richard, Philip Morgan, Nicholas James e David Finnis. A selecção inglesa utilizou também Kurt Holmes.

Holanda: Franck Hartkamp, Tonny Oungen, Arianus Gerwen, De Wit e Renco Orange. A selecção holandesa utilizou ainda Mark Heuvel.

Marcadores: os golos holandeses foram marcados por Oungen (2), Orange e De Wit. Pela Inglaterra marcou Paul Richard.

• Com arbitragem de Brulhart (Suíça) actuaram:

Espanha: Casas, Calajell, Ros, Lopez, Polo (2) e Benito (1).

RFA: Dahms, Weber, Schiffmann, Schepanski (1), Knop. Thiel e Schmidt (1).

• Sob a direcção do árbitro português Vieira Rocha, alinharam:

Itália: Roberto Sacco, Enrico Barbani (1), Francesco Amato (2), Andrea Santangelo, António Frasca (2), Enrico Mariotti (1) e Massino Mava (4).

Suíça: Serge Lanz, Kummer Cristoph (1), Michel Bruttin, Ivan Horak, Daniel Frutizer e Thierry Ciard (1).

Destacam-se já como possíveis favoritas ao título europeu, para além da selecção portuguesa, a actual detentora do trono (a Itália) e as equipas da Espanha e da República Federal Alemã.

Os portugueses demonstraram que são possuídores de um contra-ataque rápido, encontram-se numa boa forma física e têm bons valores a nível técnico.

A selecção italiana, apesar do seu opositor ser fragil, deu a conhecer que está no campeonato para reconquistar o título europeu.

Os espanhóis tiveram logo na 1.ª jornada um jogo difícil: mas graças ao aproveitamento de uma oportunidade mesmo no final da partida, passaram a barriera.

A RFA é já a grande surpresa deste campeonato, tendo demonstrado que possui bons elementos, preparação física suficiente e velocidade que chegue para fazer frente aos que inicialmente são dados como favoritos.

Jogos para hoje: RFA-França; Holanda-Itália; Inglaterra-Portugal e Suíça-Espanha. Terçeira jornada: Suíça-Inglaterra, (20 h); Espanha-Holanda, (21 h) e França-Itália, (23 h).

Manuel Zeferino de volta ao Sporting

Aclara-se o horizonte do ciclismo sportinguista, depois da voluntária abdicação do técnico Emídio Pinto que, por deveres de maior profissionalismo (na Doca e Porto de Leixões) cedeu o posto a Francisco Valada, um antigo vencedor da Volta a Portugal que não tem aparecido no primeiro plano da modalidade.

Numa secção que (após a saída do dirigente Fiel Farinha) ficou entregue ao ten.-cor. Cunha Bispo e a Manuel Maduro parece certa a continuidade de Marco Chagas, José Xavier, Jacinto Paulinho, Joaquim Gomes, Serafim Vieira e Paulo Ferreira, estando calculado o regresso de Manuel Zeferino, acompanhado por Américo Silva, Luís Domingos e Vítor Rodrigues. Quanto a Manuel Cunha (que já firmara compromisso escrito como o símbolo de Alvalade) o atleta acabou por preferir alinhar no Torriense: como as fichas de inscrição federativa apenas serão entregues aos clubes no dia 7 de Novembro, todas as transferências são ainda possíveis.

Zeferino: regresso a Alvalade

Bibliografia

Fogo de campo

Está em distribuição o «Fogo de campo», boletim informativo do Clube de Campismo do Concelho de Almada (de edição trimestral) dedicado ao 38.º aniversário da colectividade almadense. Dirigido por Mário Armando Fernandes Rodrigues, o «Fogo de campo» revela que os futebolistas Paulo Futre e Rui Pedro são campistas apaixonados e insere, na sua colaboração, um artigo evocativo do actor António Silva, da autoria do jornalista Rodrigues Borges, nosso camarada de Redacção.

6º Salão de Velharias da Costa do Estoril

Pavilhão dos Congressos do Estoril

31 Out. a 9 Nov.

Semana • 18-24h
Sáb. e Dom.•15-24h

design: a. ventura

Organização:
Junta de Turismo da Costa do Estoril

Informação COMERCIAL

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 10 de Novembro de 1986, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração de um pavilhão na estação de Lisboa (Rossio).

A anuidade mínima a oferecer é de 400 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 67 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Lisboa (Rossio)

Serviço Comercial da Região Centro
Lisboa (Santa Apolónia)

Direcção Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida à Direcção Comercial (Passageiros) dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Lisboa (Rossio).»

Caminhos de Ferro Portugueses

BENFICA
BORDÉUS
DE 4 A 6 NOV.º
10 400$00
VIAGEM EM PULLMAN
«LUXO»
LUSANOVA TURISMO
AV. JOÃO XXI, 9-A – M. MONIZ, 6-A
Telefones 89 43 11 - 89 44 80

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

16.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Ordinária n.º 7685 1.ª secção

Exequentes – COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P.

Executado – CIM – CACÉM INDUSTRIAL METALÚRGICO, LDA., com sede na Estrada de Paço de Arcos, n.os 39 a 41, no Cacém-Sintra.

Lisboa, 17 de Outubro de 1986

O JUIZ DE DIREITO,
a) Armando Mário dos Santos Lourenço

PO ESCRIVÃO DE DIREITO,
Amílcar Augusto Abrantes

"D.L." 30/10/86 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR GUILHERME AUGUSTO DA IGREJA, Juiz de Direito do 5.º Juízo Cível de Lisboa — 2.ª Secção

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e segunda secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Maria das Dores Costa Oliveira, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Companhia de Seguros Império EP, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 24 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito
Guilherme Augusto da Igreja

O Escriturário Judicial
José Manuel Simões Lopes

AUTOS DE EXECUÇÃO DE SETENÇA N.º 6903-B-2.ª secção. EXEQUENTE: – COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO EP. EXECUTADA: – MARIA DAS DORES COSTA OLIVEIRA

«DL» — 30/10/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA
3.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de setença n.º 8982/B, 1.ª Secção. Exequentes – Companhia de Seguros Império, EP. Executado – Sertachã – Máquinas, Mármores e Gados, Ld.ª, com sede na Rua Dr. António José de Almeida, 24, Vila Viçosa.

Lisboa, 22 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito
Francisco José Cepeda Bruto da Costa

O Escrivão Adjunto
António José da Silva Martins

«DL» — 30/10/86 — 1.ª Pub.

Em Almada, de 31 de Outubro a 15 de Novembro

O melhor da Pintura angolana na Oficina de Cultura

A Oficina de Cultura, salão de exposições da Câmara Municipal de Almada, vai acolher de 31 de Outubro a 15 de Novembro, meia centena de obras do notável pintor angolano A. Vaz de Carvalho.

Versátil, pouco moldado a escolas e rebelde a classificações simplistas, a temática deste artista admite o lirismo dos ocasos, o figurativo de testemunho social, o geometrismo, o gestualismo de pequenas dimensões, e a abstracção de realidades africanas, duma África omnipresente, profunda e comovidamente interiorizada. «Musseque», «bairro com acácia rubra», «orla da floresta», «poente africano», «ansiedade e fuga», «libertação», «ballet», «crepúsculo», são alguns dos títulos dos seus óleos, acrílicos, pastéis, aguarelas, lápis, em técnicas mistas com frequentes intervenções da colagem.

Amílcar Vaz Carvalho, nasceu em Luanda, onde estudou e obteve o diploma de topógrafo. Em 1958 faz a primeira exposição individual no Palácio do Comércio, em Luanda, onde se apresenta, também individualmente, em 1959.

Nos anos seguintes, aparece com regularidade: na Associação Cultural do Instituto de Angola, no Museu de Angola, na Associação Comercial de Malange, no Salão Nobre do Governo do Distrito de Uíje. Na colectiva «Luanda vista pelos seus artistas plásticos», realizada em 1959 na cidade de Luanda, é distinguido com os 1.º e 2.º prémios de pintura. E no «6.º Salão de Artes Plásticas» de Sá da Bandeira (1960) obtém os 1.ºs prémios de pintura a óleo, aguarela, e desenho. Ainda em 1960 vem para Portugal como bolseiro, a convite das autoridades angolanas, e matricula-se na Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde permanece muito pouco tempo. Depois de uma breve visita de estudo a Espanha, regressa a Portugal e expõe em Castelo Branco e na Covilhã.

De 1960 a 1968, a actividade de Vaz de Carvalho é muito intensa. 1968 é o ano em que expõe em Lisboa, no Palácio Foz, com o patrocínio do Ministério do Ultramar, e em que é descoberto como «pintor subversivo», pelos ideólogos do fascismo. Convidado a expor na Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, não pode realizar essa exposição por os seus quadros terem sido impedidos de sair do Palácio Foz. Esses quadros só lhe foram devolvidos em 1975, parcialmente destruídos. Passa a ser um «pintor maldito» e mergulha no anonimato de que só sai em 1975.

Em 1975 inicia uma nova fase da sua vida artística e colabora em pinturas murais, cartazes e ilustrações. Faz viagens de estudo a galerias e museus da Europa. Participa, em 1976, na exposição colectiva Primeiro de Maio, em Luanda. Em 1977 expõe no 2.º Festival de Artes Negro-Africanas, em Lagos (Nigéria), e na exposição colectiva Artes Plásticas de Pintores Angolanos, na República Democrática de S. Tomé e Príncipe.

É convidado pela Secretaria de Estado da Cultura de Angola para professor da cadeira de pintura da Escola Experimental de Instrutores de Artes Plásticas de Luanda. É, ainda em 1977, o fundador e membro da Comissão Directiva da União Nacional de Artistas Plásticos. Em 1978 participa no Salão Internacional de Arte do XI Festival Mundial da Juventude e Estudantes, em Havana (Cuba).

Está presente no Salão de Arte Angolana em Moscovo (URSS). A convite da União Nacional dos Trabalhadores de Angola (UNTA), pinta a tela «Trabalhadores» para a Federação Sindical Mundial do Trabalho, em Praga (Checoslováquia). Ainda em 1978, ilustra o livro de contos infantis «A Formação de Uma Estrela e Outros Contos na Terra», da escritora Eugénia Neto.

Em 1979 participa em exposições colectivas, em Luanda, em Bruxelas, em Budapeste, Bucareste, Belgrado, e é convidado pela Secretaria de Estado da Cultura de Angola para se deslocar, como observador à XV Bienal Internacional de S. Paulo (Brasil).

Recebe, em 1980, o 1.º prémio no concurso para a elaboração do selo alusivo ao V Aniversário da Independência de Angola, e participa na exposição colectiva Arte Angolana, em Luanda.

Em visitas de estudo percorre os museus e galerias de arte da URSS, Polónia, Bulgária e Itália. A convite da Secretaria de Estado de Educação Física e Desportos, elabora as maquetas para as medalhas do 25.º aniversário da corrida de S. Silvestre e do Meeting Internacional de Luanda. E a convite dos Serviços de Filatelia dos CTTA desenha, em 1981, os selos alusivos aos 2.ºs Jogos da África Central. Por iniciativa da União dos Pintores da RDA, desloca-se, em 1982, a Berlim e Dresden para assistir à inauguração da IX Exposição Nacional de Arte.

Os serviços de Filatelia dos CTTA reproduzem, em selos alusivos ao V Aniversário da admissão de Angola na ONU, duas obras deste artista.

As suas obras encontram-se em muitas colecções particulares e museus dos seguintes países: Alemanha Federal, Angola, Bélgica, Brasil, Bulgária, Checoslováquia, Costa do Marfim, Cuba, Egipto, Espanha, EU América, França, Hungria, Itália, Japão, Jugoslávia, Moçambique, Polónia, Portugal, RDA, Roménia, Suécia e URSS.

O conjunto de obras de A. Vaz de Carvalho que constitui esta notável exposição pode ser apreciado nos dias de semana (com excepção das 2.ªs feiras, em que a Oficina de Cultura está encerrada) das 14 às 23 horas; sábados e domingos, das 15 às 23 horas.

No acto inaugural — dia 1 de Novembro, às 16 horas — o artista e a Câmara Municipal representada ao mais alto nível, receberão o embaixador em Portugal da República Popular de Angola (presença ainda não confirmada); adidos culturais das representações diplomáticas no nosso país; representantes das autarquias dos distritos de Setúbal e de Lisboa, e individualidades ligadas às artes plásticas, à literatura e ao associativismo, e população em geral.

Dança holandesa vem a Lisboa

Por iniciativa do Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte da Fundação Gulbenkian, em colaboração com o Instituto Neerlandês de Teatro, vai realizar-se no período de 4 a 16 de Novembro próximo, na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna, uma Mostra de Dança Holandesa Contemporânea, que é constituída pela apresentação dos grupos Bart Stufy & Company, Introdans, Harry de Wit, Shusaku Takeuchi e Isabelle Guillaume e Kristina de Châtel; vídeos sobre a actual dança holandesa contemporânea e uma exposição de fotografias do coreógrafo-/fotógrafo Hans Van Manen, intitulada «Dance Has Many Faces».

Recentemente, em termos internacionais, a dança contemporânea, não académica, teve um enorme desensolvimento na Holanda, dando origem à aparição de um considerável número de grupos de dança com concepções e estilos totalmente diferentes. A sua qualidade e originalidade começou a ter repercussões mundiais, tendo o Centro Pompidou, de Paris, contribuído para a sua divulgação com a recente organização de um festival.

A diversidade, a inventiva e a qualidade foram os critérios que presidiram à selecção das quatro companhias que irão actuar na Sala Polivalente do C.A.M., dando deste modo oportunidade ao público português de apreciar um panorama mais lato da actual dança holandesa contemporânea.

O programa dos espectáculos

É o seguinte o programa dos espectáculos: Bart Stufy & Company — dias 4 e 5 às 21 e 30 e dia 6, às 18 e 30; Introdans — dias 7 e 8, às 21 e 30 e dia 9, às 15 horas; Harry de Wit, Shusaku Takeuchi e Isabelle Guillaume, dias 11 e 12, às 21 e 30 e dia 13, às 18 e 30; Dans Krisztina de Chatel — dias 14 e 15, às 21 e 30 e dia 16, às 15 horas. Efectuar-se-ão ainda concertos «workshops» por Ed Wubbe, dia 8, às 15 horas e Kristina de Chatel dia 15, às 18 horas.

A exposição de fotografia de Hans Van Manen será inaugurada no dia 4, às 21 horas, no Hall do Centro de Arte Moderna.

O preço dos bilhetes é de 300$00, com o habitual desconto de 50% para estudantes, jovens até 18 anos e portadores de Cartão-Jovem.

O horário da bilheteira, que estará encerrada à 2.ª feira, é de terça-feira a sábado das 10 às 19 horas; domingos das 13 às 19 e nos dias dos espectáculos, uma hora antes do seu início.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º JUÍZO

ANÚNCIO

Acção Sumária n.º 680/85 2.ª Secção
Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P., com sede e domicílio em Lisboa, na Rua Garrett, 56.
Réu ROGA – INDÚSTRIA TRANSFORMADORA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS, LDA., actualmente ausente em parte incerta e com última sede conhecida na Av.ª da República, 20-1.º em Lisboa.
Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, contestarem querendo a acção, na qual a Autora pede a condenação da Ré no pagamento da quantia de esc. 353 153$50, de prémios, não prestação de contas e juros vencidos, bem como os juros vincendos à taxa legal, sobre a quantia de esc. 228 736$50, com custas a seu cargo.

Lisboa, 24 de Outubro de 1986

O JUIZ DE DIREITO,
a) Fernando Henriques Calheiros da Silva Moreira

A Escriturária,
a) Alberta G.E. de Jesus

"D.L." 30/10/86 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 10 279-B
2.ª Secção

FAZ-SE SABER que por este Juízo – 2.ª Secção, e Autos de Execução de Sentença n.º 10 279-B, que Companhia de Seguros Império, E.P., move contra CONSTRUÇÕES METALO MECÂNICAS BERTÃO, LDA., com sede na Rua Afonso de Albuquerque, 60-68, Figueira da Foz, correm éditos de vinte dias contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos, daquela executada, para, no prazo de dez dias, reclamarem, querendo, o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados (bens móveis), desde que gozem de garantia real sobre os mesmos

Lisboa, 17 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,
a) António Manuel Martins Lopes

O Escrivão de Direito,
a) José São Pedro Catarino

"D.L." 30/10/86 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

ANÚNCIO

Acção Sumária
Processo n.º 7822
3.ª Secção

Autora – Comp.ª de Seguros Império, EP

Réu – Manuel de Oliveira Gomes Dara, ausente em parte incerta e com última residência conhecida sita na Rua Timor, 31 – Porto.
Por este Tribunal correm éditos de TRINTA DIAS contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o Réu – MANUEL DE OLIVEIRA GOMES DARA, para de DEZ DIAS findo o prazo dos éditos, contestar o pedido formulado nos Autos supra indicados tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial que nesta secretaria se encontra à disposição do Réu
Para constar se lavrou o anúncio para ser devidamente publicado.

Lisboa, 20 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,
Ilegível

O Escrivão-Adjunto;
Ilegível

"D.L." 30/10/86 – 1.ª Pub.

ANÚNCIO

Proc. 3798/85
3.ª Secção

A DOUTORA MARIA MARGARIDA DE ANDRADE VIEIRA DE ALMEIDA, Juiz de Direito da 3.ª Secção do 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.
Faço saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e 3.ª secção correm éditos de vinte dias, contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos da executada ODIBLOCO – Fábrica de Blocos de Cimento, Ld.ª com sede na Rua Pedro Álvares Cabral – ODIVELAS para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária movida por Companhia de Seguros Império, E.P. com sede na Rua Garrett, 56 – LISBOA, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados

Lisboa, 22 de Outubro de 1986

O Juiz,
Maria Margarida de Andrade Vieira Almeida

O Escrivão Adj.
Sidónio Bilreiro Pereira Gonçalves

"D.L." 30/10/86 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANÚNCIO

O Doutor José Eduardo Luís Manso, Juiz de Direito da Comarca do Seixal;
FAZ SABER que correm éditos de 30 dias, nos Autos de Acção Ordinária em que é Autora NORION A/S e Ré RENATA — Sociedade Comercial & Industrial de Vestuário, Ld.ª, com sede conhecida na Quinta da Galega, Paio Pires, fica a Ré CITADA para em 20 dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, contestar, querendo, os presentes autos, com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pela autora, nos autos n.º 348/84, da 2.ª secção, 2.º Juízo.

Seixal, 7 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,
José Eduardo Luís Manso

O Escrivão-adjunto,
Zaida Edith Cangi de Sousa

«DL» 30/10/86 — 2.º Pub.

CRÓNICA DE TOUROS

Correr nem sempre é melhor

Solilóquio

Praça de Touros de Mérida. Sexta-feira, 5 de Setembro de 1986. Touros de Luis Albarran para Luis Francisco Esplá, Vítor Mendes e «El Soro».

Anedota com cenário africano: Num safari, organizado para turistas, caçadores de trazer por casa, avistam-se por fim os leões, uma data deles. Excitadíssimos, os turistas apontam as espingardas, atiram, falham a pontaria. Tornam a atirar, e outra vez falham a pontaria. E então desatam a fugir, com os leões atrás deles. Sucede que, ntre os caçadores em riscos de s rem caçados, havia um que era coxo, se ia atrasando. E então pôs-se a gritar para os outros, lá na frente: «Não corram, que é pior!»

*****

Aquilo que num safari, passado com leões, tem sabor a anedota, numa arena não tem não senhor. No toureio, pelo contrário, correr é mesmo pior: quando um toureiro corre, cai muitas vezes na anedota, perdida a estética, desordenado o movimento, desfeito o ânimo. Na arena, correr é coisa de touro, próprio do homem é estar quieto. Salvo no caso, conhecido, do tercio de bandarilhas — onde mesmo assim se admiram os toureiros que são capazes de na sorte entrarem andando, e andando dela saírem, e entre o entrar e o sair permanecerem entre as hastes nesse breve instante de quietude que define os verdadeiros maestros, os separa da vulgaridade apressada de tantos.

Mas o tercio de bandarilhas tem o seu lugar; e pode ter, mesmo quando o toureiro corre, e se é pausado e medido esse correr, a sua beleza. Uma beleza que aos matadores se exige mais luzida, e também mais verdadeira, do que quando dos pares se ocupam as quadrilhas, quando o adorno se faz excepção, quantas vezes mal recebida pelos que de ouro se vestem, as ovações à gente de prata sabem-lhes a fel, como se roubadas.

Indo direito ao assunto: uma coisa é o lugar próprio, e devido, do tercio de bandarilhas, onde correr não é pior, como na anedota do safari; e outra coisa é aceitar que nele possa centrar-se o interesse de um festejo, como se pretende fazer com as chamadas corridas de matadores bandarilheiros, que agora se prodigam por todas as feiras taurinas de Espanha, e que as mais das vezes se fazem pesadas: não só porque os três matadores se sentem na obrigação de parear os seis touros, mesmo que saiam tardos ou broncos; mas também pela agravante da moda estabelecida, segundo a qual três desses touros têm de ser bandarilhados em conjunto, os espadas oferecendo pares uns aos outros, num rodopio de estudadas gentilezas, com os correspondentes abraços, e brindes, e recortes, e adornos, e desplantes. E aquilo que, dado uma vez por outra, seria razão para divertida alegria, assim repetido chega a fazer-se solene chateza.

*****

O público, acorrendo em força às bilheteiras em dia de tais festejos, como mais uma vez sucedeu nesta tarde luminosa de Mérida, aprecia contudo o género. Tanto pior, acho eu, para os maestros que nele se deixam fixar, consentem no hábito de que lhes anunciem como prato forte aquilo que da sua arte é sobremesa, de que nela se consumam tempo e atenções que falta lhe hão-de fazer para mais alto chegarem.

Não sei se será por isso que Luis Francisco Esplá andou assim pela arena de Mérida, frio como os «granizados» que sempre se vendem inevitáveis frente à porta principal, frio e sonso apesar das duas orelhas cortadas, com elas não vai levantar esta sua temporada, que oxalá não seja ponto de retrocesso numa carreira de toureio de escola, ressuscitador de sortes e posturas antigas, esquecidas. Já prato forte, autêntico, entre tantos na tarde cravados, foram os pares de Vítor Mendes, a mostrar como nessa arte o português é hoje o maior; infeliz no sorteio (havia duas nódoas negras na nobreza do curro de Luis Albarran, e foram para o de Vila Franca), apenas teve com o capote um quite precioso, por chicuelinas apistadas, baixando suave a mão, apenas sacudida para que o percal desenhasse o arabesco da serpentina de remate, luminosa; e na muleta limitou-a a estar valente, aguentando a incerteza das hastes que ou se metiam ou se ficavam. El Soro, honra lhe seja, nunca se fica, e muito menos com os dois bombons que lhe tocaram em sorte: bombons com quatro orelhas e dois rabos, que o valenciano cortou entre o gáudio do pagode. Ainda antes da vertigem dos pares supersónicos, houvera a alegria de vê-lo em passo gingão, a atravessar a arena direito à porta dos chiqueiros, em frente dela ajoelhar, na terra pousar o capote, esfregar decidido as mãos, como se assim tivesse a larga afarolada maior firmeza. E depois dos tais pares eléctricos, velocidade assim não há touro nem leão capaz de acompanhar, arreou Vicente não sei quantos passes, dúzias deles, à suave bravura dos Albarran. Chegada a hora de no desplante atirar fora o engano vermelho, tão rendido como o touro estava o público, no clamor houve um toque enternecido quando depois da volta triunfal saiu Vicente aos medios, levando pela mão uma menina de vestido cheio de folhos, e à cinta uma faixa branca — branca como a pomba que algures na bancada alguém soltou, foi pousar no parapeito da galeria alta, só com o impulso de mão amiga alcançou o telhado da praça, donde se avista o campo da Estremadura, e o céu azul para onde voou, levando a boa nova do triunfo de El Soro, felizes os que se entusiasmam e alegram com aquilo que a outros não parece beleza, mais belo lhes parece ver uma pomba branca voando no céu.

Visita à Casa dos Patudos

A Casa-Museu dos Patudos, legado de uma importante personalidade republicana, José Relvas, está instalada num belo edifício desenhado por Raul Lino no seu estilo peculiar e situa-se à entrada de Alpiarça. A casa serviu de residência a José Relvas e a sua família e com a morte da sua viúva foi transformada em Museu, de acordo com os desejos daquele. Aliás, antes disso, a questão do testamento correu longamente os tribunais até serem reconhecidos os direitos da CMA, sendo a inauguração do Museu em 15 de Maio de 1960.

José Relvas reuniu na Casa dos Patudos uma colecção de obras de arte de inestimável valor, pinturas, móveis, louça, prata, tapeçaria, etc. Entre a pintura, obras de Domingos António Sequeira, Columbano, Silva Porto, Sousa Pinto, Malhoa, de quem era grande amigo, etc. Trata-se de uma colecção magnífica, das melhores colecções privadas de arte existentes em Portugal que foi, em parte, dilapidada após a morte da viúva de José Relvas, graças à ambição e falta de escrúpulos de certas pessoas que a rodeavam.

Hoje a Casa dos Patudos, que concretizou as suas funções de se abrir para o público interessado, conhece ainda bastantes problemas que devem ser resolvidos com a maior urgência para que esse admirável património não continue a degradar-se. A próxima constituição de uma Associação de Amigos da Casa-Museu dos Patudos pode ajudar a superar os problemas existentes. É isso que se espera.

Aliás, sabemos do interesse e da vontade dos responsáveis autárquicos em contribuir para que esta situação seja ultrapassada.

Para já, impõe-se que certas práticas sejam proibidas, como, por exemplo, a da Casa-Museu de José Relvas ser utilizada como cenário para sessões de fotografias de noivos e convidados cujo efeito poluidor não será necessário sublinhar.

C.P.

ROTEIRO CULTURAL

Carlos do Carmo e António Vitorino D'Almeida, esta noite no Teatro Villarett, no concerto «Uma Casa para a Paz»

Música

• Carlos do Carmo e António Victorino d'Almeida integram o cartaz que esta noite é apresentado, a partir das 21.30, no Teatro Villarett, subordinado ao tema «Uma Casa para a Paz».

Este concerto, promovido pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação, faz parte da campanha dinamizada por este organismo com amplos apoios noutras entidades e também nos meios culturais e artísticos, e destina-se à angariação de fundos para aquisição de uma sede que possa servir de base para outras realizações em defesa da paz e cooperação entre os povos. O concerto com Victorino d'Almeida e Carlos do Carmo encerra as actividades da Semana Mundial do Desarmamento, que decorreu sob a égide das Nações Unidas.

• Esta noite, pelas 21.30, no Teatro Garcia de Resende, em Évora, «Santos da Casa FM» — um trabalho de composição imediata realizado por quatro músicos profissionais provenientes de diferentes áreas musicais. São eles: Fala Mariam em baixo eléctrico (veio do rock); Miguel Azguime em percussão (veio da clássica e erudita contemporânea); Paula Azguime em flauta (veio do rock) e Sei Miguel em trompete (também veio do rock). Entretanto, todos os quatro conheceram o jazz... Este núcleo apresenta-se com o propósito de dignificar e elevar a um alto grau de exigência a improvisação, ética de base que articula de uma forma colectiva a composição.

«Santos da Casa FM» conta com a participação ocasional de músicos convidados.

• Amanhã, a partir das 22 horas, no Teatro Carlos Alberto, no Porto, Luís Cília realiza um recital único. Acompanhado pelos músicos José Peixoto (viola) e António Ferro (baixo), o cantor e compositor interpretará, para além de êxitos dos seus álbuns editados, canções inéditas que serão incluídas no seu próximo disco.

• Depois do assinalado e esperado êxito nos primeiros concertos do Ciclo Integral dos concertos para piano e orquestra de Mozart, Maria João Pires dará mais dois concertos hoje e amanhã, no Grande Auditório da Fundação Gulbekian, integrados na sua actual temporada musical. Sob a direcção do maestro Max Rabinovitsj, Maria João Pires interpretará os concertos n.º 14, em mi bemol, K. 449, n.º 23, em lá maior K. 488 e n.º 21, em dó maior, K. 467. O ciclo da audição integral dos concertos de Mozart continuará nos dias 28 e 29 de Maio de 1987 e nas temporadas de 1987/88 e 1988/89.

Exposições

• Amanhã, pelas 18 horas, na sala polivalente do Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, inaugura-se uma exposição de Fotografia de Gerard Castello Lopes, subordinada ao título «Insignificâncias». No mesmo local, a partir das 21.30, efectua-se uma mesa-redonda sobre «Fotografia como Arte-/Fotografia como Suporte» com a participação de Cruz Filipe, José Afonso Furtado, Fernando Gil, Gerard Castello Lopes, Jorge Molder, Emídio Rosa de Oliveira, António Sena e António Sena da Silva.

• Amanhã, às 18 horas, é inaugurada no salão do Palácio Foz, ummmma Exposição Retrospectiva do Concurso «O Seguro e a Poupança», onde estarão reunidos os trabalhos premiados no conjunto dos anos de 1980 a 1986, no total de centena e meia, nas modalidades de desenho e texto.

Esta iniciativa da Direcção-Geral da Comunicação Social e da Companhia de Seguros Império para assinalar o Dia Mundial da Poupança, tem a finalidade de apresentar ao público alguns exemplos admiráveis da criatividade dos jovens.

A abertura da exposição contará com a presença de entidades oficiais e estará patente ao público até ao dia 7 de Novembro, das 12.30 às 19 horas.

CINEMAS

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, com Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass.
Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ASES INDOMÁVEIS
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
REVOLUÇÃO
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

ASES INDOMÁVEIS
(maioes 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

NO DO DRAGÃO
aiores 12 anos)
.45, 16.45, 19.15, 21.45 e .15 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70
A VERDADE DOS FACTOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
SEXUALMENTE TUA
(Int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358
RICAS DOÇURAS
(int. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
O BRAÇO FORTE DA LEI – COBRA
(maiores 16 anos)
15.30, 18,30 e 21.30 h

Cineboloco
— T. 556824
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AMERICAN GIGOLO
(n/acons. a men. 18 anos)
24 h

Cinebolso
ESCOLA-TÉCNICA-SEXUAL
(Int. a m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
O DRAGÃO VERMELHO
(n/acons. a men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
NOITES ESCALDANTES
(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16,30, 19 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
DESAPARECIDO EM COMBATE (PARTE II)
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
O REBELDE MISTERIOSO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O HOMEM DAS LENTES MORTAIS
(n/acons. 13 anos)
23.45 h

Cinemateca
A BALADA DA ESTRADA
Ciclo de cinema indiano
(Cópia legendada em francês)
21.30 h

Condes
— T. 322523
LUA DE MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
OS PUNHOS DE AÇO DE SHAOLIN
(não acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
A EDUCAÇÃO DE RITA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255
NASCE UMA ESTRELA
(não acons. a men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
«F/X - EFEITOS MORTAIS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
JOVENS GUERRILHEIROS
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini
— T. 734009
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
FIX — EFEITOS MORTAIS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
LUA DE MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio
— T. 555134
DESEJO DE MORTE
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
LUA DE MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
ANA E AS SUAS IRMÃS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
Encerrado para remodelação

Nimas
— T. 574362
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
AVENTURA ALUCINANTE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
SEXO EM ALTA ESCALA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. a men. 18 anos)

Pathe
— 821933
CONFRONTO FINAL
(maiores 12 anos)
14.00. 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O NAVIO FAROL
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
A LUA NA VALETA
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 2
DIFAMAÇÃO
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O CLARIM DA REVOLTA
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
VESTIDA PARA MATAR
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
OS MARGINAIS
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
O MENSAGEIRO DA VINGANÇA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715
A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star
— T. 804210
PAPLOVA — UMA MULHER PARA SEMPRE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
VIAGEM CLANDESTINA
(m. 6 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 880808
GRANDE HONRA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e e 21.00 h

Xenon
— T. 368480
O MENSAGEIRO DA VINGANÇA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151
EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES
(indianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «O Protector», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Voluntário à Força» às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h (m. 16 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Amor e Compaixão» às 15 e 21.30 h (m. 6 anos)
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — Descanso
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Ases Indomáveis», às 21.30 h (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «007 Alvo em Movimento», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Forças do Universo», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Três Homens e um Berço», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Momento da Verdade II», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «O Sonho Americano», às 15.30 e 21.45 (m. 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Louca por si Professor», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «A Cor Púrpura», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Ana e as suas Irmãs», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 16 e 21.30 h (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Trinitá — Cowboy Insolente» às 15.30 e 21.30 h (n/ac. a men. 13 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «Conflito de Gerações», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «A Cor Púrpura», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «As Forças do Universo», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Os Dois Super-Policias em Miami», às 16.15 e 21.45 h (m. 6 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «A Garota do Vestido Cor-de-Rosa», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «007 Alvo em Movimento», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Os Gansos Selvagens», às 15.30 e 21.30 (m. 18 anos).
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Três Homens e Um Berço», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 5 - C (T. 895370); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **INFANTE SANTO: Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Geny**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311901); **PEDROUÇOS: Sociedade Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 209-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTA APOLÓNIA - CAMINHOS DE FERRO: Pereira, Sucursal**, R. do Paraíso, 98, Santa Clara, Hospital da Marinha (T. 863224); **TIVOLI: Morais Sarmento**, R. de Santa Marta, 16-A-B (T. 546490); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B; **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B; **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE: Brisália**, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 582368); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Barral**, R. Augusta, 225 (T. 361534)); **CALHARIZ - BENFICA: Rebocho**, R. Tenente Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B; **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **FONTE LUMINOSA - ALAMEDA AFONSO HENRIQUES: Paes**, R. Abade Faria, 22-A (T. 883965); **RATO: São Mamede**, R. da Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **SANTOS: Fontoura Carvalho**, R. de Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, R. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**. R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra, (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 28 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 20402350). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Fuzeta**. Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Saião**, Av. da Portela (T. 22709). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2420115). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Melo, P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Permanente; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. (oa'«o)). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T.' 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato. 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente;

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 54
De 3.ª a sáb., às 20.30 e 22.45; domingo às 16 h
"LISBOA, TEJO E TUDO", de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho, Alexandra Solnado. entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20
De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb.dos e dom.os, às 16 h
"GALILEU GALILEI", de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818
De 3.ª a sáb. às 21.30, domingos às 17.00 h
"O TOURO", de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17
De 3.ª a sáb., às 20.30 e às 22.45 h
domingo, às 16.00 h
"ISTO É MARIA VITÓRIA", de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação: de Ivone Silva, Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Teatro Maizum

R. de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66
Sábados, às 16.00
"RUA DOS FANTASMAS", de Xavier Villapañe
"FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL", de Marcus Rey. Estreia a 25.
"B... EM CADEIRAS DE RODAS", de Ronald Radde. Estreia a 27. Interpretado pelo Teatro Espaço, sob direcção de Águeda Sena.

Cascais — TEC — Espaço 2

Av. Marechal Carmona, 6 — Tel. 288 79 33
«NÓ CEGO«, de Carlos Vereza. Pelo Teatro Espaço 4. Encenação de Águeda Sena.

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h
"AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT", de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74
Sábados e domingos, às 16.00 h
«NO REINO DA FANTASIA«. Pelo TIL.

Setubal — Teatro de Animação

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 29 11 30
De 5.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00
«ALVES E COMPANHIA«, de Eça de Queirós. Adaptação e encenação de Fernando Gomes. Intérpretes: Maria Simões, Isabel Gamilho, Filomena Gonçalves, João Manuel e Carlos Rodrigues.

Porto — Cooperativa do Povo Portuense

R. de Camões
Todas as noites a Seiva Trupe apresenta
"TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA», de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

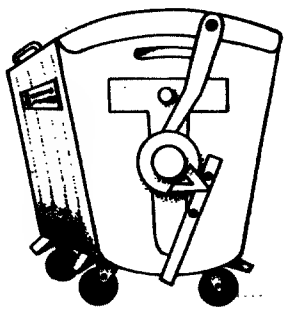
Porto — Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 180 — Tel. 2 25 50
De 3.ª a domingo, às 21.30; domingo, às 16.00
«UM CORONEEEL EM DOIS ACTOS«. Intérpretes: Camilo de Oliveira, Natália de Sousa, António Feio e Dulce Guimarães.

Porto — Sala do Realejo

R. dos Mercadores, 132 — Tel. 38 36 42
De 4.ª a domingo, às 21.30
«DRÁCULA JÚNIOR«, de Fernando Gomes. Intérpretes: Maria Vieira, Fernando Luís, Sílvia Sequeira, Pedro Advirta, Lucília Telmo e Fernando Gomes.

CML



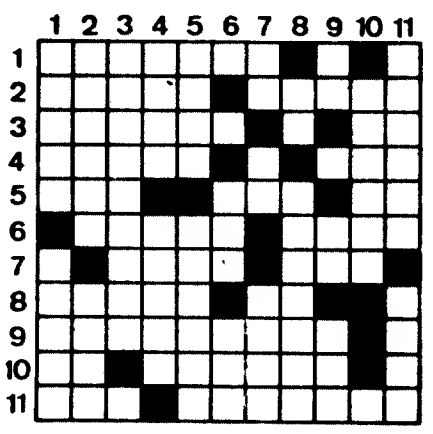
proteja a sua saúde
mantenha
a tampa fechada

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 872

HORIZONTAIS:

1 Prender com amarra. Artigo definido.
2 Molhai com baba. Sai do solo.
3 Dividir em toros. Carta de jogar.
4 Falhas. Apelido.
5 Irmã da mãe (inv). Mil e quatro em romano. Antes de Cristo.
6 Danço o samba. Metal precioso de cor amarela.
7 Zombará. Despida.
8 Nome de planeta. Átomo.
9 Concluíram.
10 Ruténio (s.q). Latada.
11 Sufixo que designa abundância. Pedaço de pano com que se conserta umma parte do vestuário.



VERTICAIS:

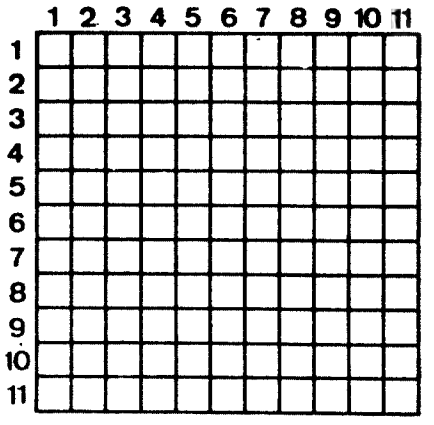
1 Arruine. Asno.
2 Assassinais. Culpados.
3 Fracassaram.
4 Invulgar. Escavar.
5 Esteiros. Rebentar.
6 Reduza a pó por meio de moinho. Estime.
7 Rubídio (s.q). Nota musical. Lavram.
8 Letra grega. Desejo.
9 Contracção da preposição de com artigo. Género de palmeiras do Brasil. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
10 Pesara para abater a tara.
11 Relativo a oásis. Senhorio.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 701

HORIZONTAIS:

1 Instrumento para registar a altura das marés.
2 Respeitarei. Cálcio (s.q).
3 Rebolaras. Possuir.
4 Pronome pessoal. Realize.
5 Melindrar. Aves pernaltas.
6 Esquivo.
7 Trovejar. Transpiraria.
8 Serra de Portugal.-Apelido.
9 Irmão do pai. Concede.
10 Larva das feridas dos animais. Súbdito.
11 Miriare. Pronome pessoal. Antiga medida equivalente a sessenta alqueires.



VERTICAIS:

1 Agitação sísmica no mar. Artigo indefinido.
2 Além. Molusco comestível.
3 Amofinar. Uma das partes do Mundo.
4 Letra grega. Nome dado na Bíblia aos antigos reis do Egipto.
5 Caluniar (fig). Verso.
6 Época. Gargalhadas.
7 Sem dinheiro (gir). Pantorrilha (pl).
8 Zomba. Errai. Sua Majestade.
9 Receio. Calote.
10 Cerume. Irídio (s.q). Vi.
11 Mau cheiro exalado na baixa-mar. Emito som.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 871**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Arredar.Ser.	1 A.FORTUNA.
2 IE.Ir.Ao.	2 Remordiam.
3 Amoladas.Ml.	3 Rios.Am.
4 Os.Nicaria.	4 Corcova.
5 Fr.Calara.	5 Diana.Datas.
6 Ódio.Sana.	6 Ardil.An.
7 Ri.RDA.SC.	7 Saca.Anca.
8 Tasca.Aço.	8 Asaras.As.
9 Um.OTAN.Res.	9 Só.Rançar.
10 Avança.Ga.	10 É.Mi.CEGA.
11 Armas.Assas.	11 Relas.Rosas.

*PROVÉRBIO: A fortuna é cega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 700**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Confraria.	1 Confeito.As.
2 Or.Rimo.	2 Ora.Muitos.
3 Narrador.In.	3 Ra.Rasto.
4 Atracar.	4 Fortuna.Ari.
5 Em.Uri.Deve.	5 Arro.Açor.
6 Iú.Nomeia.,	6 Andaime.Aso.
7 Tira.Ecavas.	7 Oc.Eça.
8 Ota.Avelã.	8 Irradiavam.
9 Osaca.Arar.	9 Aí.Reaver.
10 Astros.Pá.	10 Mi.Alapa.
11 Oiros.Sam.	11 Confessaram.

Radio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.35**: Excertos, da ópera «Croesus», de Kreisler; **17.05**: Integrais; **17.30**: Sonata, n.º 5, em fá maior, op. 24, «Primavera», de Beethoven; **18.00**: Concerto, para violoncelo e orquestra, op. 101, de Haydn; **18.40**: Ciclo de canções, «A Bela Moleira», de Schubert; **19.50**: Quarteto, n.º 3, em si bemol maior, op. 67, de Brahms; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música instrumental; **21.30**: Concerto. para violoncelo e orquestra; 22.00: Música de tecla portuguesa; **22.48**: Música de câmara; **23.30**: Música, de Benjamin Britten; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 Mhz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos; **20.00**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.02 — Sumário

18.07 — Brinca Brincando
«Prof. Baltazar», «O Mico e o Relógio de Ouro» e «Falar de Bonecos».

18.55 — Show Bis

19.30 — Telejornal

20.00 — Boletim Meteorológico

20.40 — Direito de Antena
«Partido Renovador Democrático», «Partido Comunista Português»

20.35 — Corpo a Corpo
Episódio 168.º: — Teresa conta a Osmar toda a história de Raul demoradamente, tentando dar tempo para Osmar descobrir toda a farsa.

Bia decide preparar um trabalho e concorrer à bolsa da Fundação sem que Rafael saiba.

Ronaldo conta a Osmar o pedido de casamento que Vítor fez à mãe e que esta pretende aceitar. Osmar, muito irritado, procura aconselhar-se com Amauri mas não o consegue encontrar. Dirige-se então à esquadra da polícia onde se prepara para revelar a presença de Raul na cidade.

21.35 — Face a Face

22.05 — Uns e Outros
3.º episódio: — Termina a guerra da Argélia. As tropas regressam e todos os jovens que se viram perante a morte vão agora continuar a combater sem futuro. Na estação é o reencontro das famílias: Jacques cai nos braços da mãe, Philipe encontra o pai, Francis ao ver o pai apaixona-se logo à primeira vista pela namorada dele, Robert vai ter com o sacerdote que o criara desde 1942, quando fora abandonado junto à sua igreja. Richard fica sozinho, no meio de uma solidão que faz chorar Edith, também ela só esquecida pelo amante daquela noite. Anne Meyer continua desesperadamente a tentar descobrir o filho perdido há tanto tempo.

Nos Estados Unidos, Sarah Green tem grande êxito como cantora e, tanto ela como o seu irmão Jason, já vivem felizes quando recebem a notícia da morte de sua mãe. A sua dor é, sem dúvida, agravada com a reacção do pai.

Depois de terem perdido a guerra de 1945, Karl Kremer e Magda Kremer perdem a sua primeira batalha em terreno americano — os judeus de Nova Iorque não esqueceram que aquele maestro apertara a mão de Hitler numa noite de 1938.

A 600 km de Paris, Serger tem o seu primeiro grande triunfo como bailarino e decide não voltar à URSS.

Edith, abandonada por todos, arranja um lugar de empregada de limpeza numa escola de dança e começa também a tomar o gosto pelo bailado «Os Companheiros da Argélia» assistem aos campeonatos franceses de boxe em que Philipe tenta conquistar o título de campeão.

Robert licencia-se em direito, Francis casara-se com a noiva do pai e começara a sua carreira de cirurgião, Jacques dedica a sua vida aos cavalos. Apenas Richard se vai arrastando, sem interesse por nada.

Realização de Claude Lelouch.

Intérpretes: Nicole Garcia, James Caan, Geraldine Chaplin, Daniel Olbryschski, Evelyne Bouix, J.C. Bouttier, entre outros.

23.10 — 24 Horas

23.40 — Remate

«Doce e Amargo» no 2.º canal: 9.º episódio às 20.30

RTP 2

16.47 — Agora, Escolha!

16.15 — Notícias

16.25 — Europa TV
O Tempo

16.30 — Tempo dos Mais Pequeninos
«Ploom», «Plastinots», «Bumme», «Balthazar», «Bojan», «Chapi Chapô».

17.00 — Countdown

17.45 — Connexions

18.10 — Almanaque

18.15 — O Tempo

18.20 — O Mundo Amanhã

18.30 — EuroDesportos

19.30 — Notícias e Actualidade

20.00 — Notícias

20.05 — Quinta Dimensão
14.º episódio)

20.30 — Doce e Amargo
9.º episódio: — Série australiana dirigida ao vastíssimo público jovem (e não só), «Sweet and Sour», no original, combina música, drama e comédia, numa mistura destinada a divertir e envolver os jovens e a estimular o interesse daqueles que não estão ainda habituados ao som e aos ritmos modernos. Trata-se da história dos The Takeaways, um conjunto recentemente formado por cinco jovens que tentam penetrar e vencer no «circuito» dos «pubs» de uma grande cidade.

Produção de Jan Chapman.

21.00 — Jornal das 9

21.30 — A Quinta do Dois

23.05 — Contas Claras

23.55 — É de Ler

Amanhã

RTP 1

18.02 — Sumário
18.07 — Brinca Brincando
18.50 — Show Bis
19.30 — Telejornal
20.00 — Boletim Meteorológico
20.10 — Corpo a Corpo
21.00 — Este é o Meu País
21.30 — Duarte & C.ª
22.30 — Hitchcock
23.00 — 24 Horas
23.30 — Remate

RTP 2

16.15 — Notícias
16.25 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Quinta Dimensão
20.30 — Doce e Amargo
21.00 — Jornal das 9
21.30 — Contra Ponto
22.30 — O Incrível Mr. Pye
23.30 — Uma Boa Ideia
23.40 — É de Ler

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — Uns e Outros

RTP 2 — A Quinta do Dois

Corpo a Corpo

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

PORTE PAGO
Fundador Joaquim [illegible]
DL
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Pinto Santos
DEPÓSITO LEGAL: 1418/82

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
00.45 **3,70 m**	06.24 **1,40 m**
12.57 **3,90 m**	18.49 **1,10 m**
Dia 31	
01.23 **3,90 m**	07.04 **1,20 m**
13.37 **4,00 m**	19.26 **0,90 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	7°
VIANA DO CASTELO	9°
VILA REAL	8°
PORTO	11°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	16°
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	15°
LISBOA	15°
ÉVORA	12°
BEJA	10°
FARO	13°
SAGRES	15°
PONTA DELGADA	18°
FUNCHAL	20°

Trânsito do Rato virado às avessas

Os automobilistas lisboetas encontraram esta manhã uma dificuldade adicional à marcha lenta do tráfego pelas ruas da cidade. Devido a obras que visam a ligação do ordenamento de trânsito ao sistema Gertrude, o Largo do Rato apresentou a partir de hoje, e para os próximos quatro meses, uma nova configuração que, no balanço da primeira manhã, se saldou por filas compactas de trânsito a provocarem grandes engarrafamentos.

De acordo com a Câmara de Lisboa, estas obras têm em vista a melhoria das condições de circulação de peões através do alargamento dos passeios laterais do Largo do Rato, a melhoria de acesso aos transportes públicos, de forma a aumentar a capacidade de escoamento do tráfego, e a aproveitar o percurso alternativo ao Marquês de Pombal, constituído pelo eixo Conde Redondo—Alexandre Herculano—Rato—D. João V—Ferreira Borges, e sua articulação com a Auto—Estrada de Cascais e do Sul.

Por este motivo, estão condicionados os fluxos de tráfego no Largo do Rato e nas vias confluentes, ficando reservados os acessos, apenas a transportes públicos, na Rua Escola Politécnica, no sentido Sul—Norte, devendo os individuais utilizar a Rua de S. Mamede.

Por outro lado, na Rua de S. Bento, no sentido Sul—Norte, o acesso será exclusivo a autocarros da Carris, devendo os táxis e transportes individuais utilizar a Rua da Imprensa Nacional, à excepção do trânsito local que poderá atingir o Largo Hintze Ribeiro.

Em complemento, de modo a facilitar a acessibilidade, foram alterados os sentidos dos arruamentos das malhas adjacentes à Praça das Amoreiras, de modo a permitir movimentos impedidos na fase da obra e no seu esquema futuro.

Assim, serão alterados os seguintes arruamentos: Travessa das Águas Livres, que passará a ter o sentido Nascente-Poente, Travessa da Fábrica dos Pentes, Nascente-Poente, Rua João Penha, Nascente-Poente, Rua S. Francisco de Sales, Poente-Nascente, Travessa da Fábrica das Sedas, Norte-Sul, Travessa das Amoreiras, Sul-Norte e Calçada Bento da Rocha Cabral, Sul-Norte.

Por sua vez, na Praça das Amoreiras foi invertido o sentido da circulação, passando o arruamento nascente a ter o sentido Sul-Norte, o arruamento Poente a ter o sentido Norte-Sul, o arruamento Norte passa a Nascente-Poente e o arruamento Sul passa a Poente-Nascente.

/D/E/C/A/R/A/S/

KURT WALDHEIM, presidente austríaco, admitiu ter participado em 1942 numa operação nazi que culminou com o massacre de cidadãos jugoslavos - revelou o «Washington Post». Segundo aquele jornal, Kurt Waldheim disse através de um seu porta-voz que prestou serviço na zona de Kozara, onde ocorreu o massacre, mas não esteve directamente envolvido na operação. O «Washington Post» afirmou por outro lado que em 1947 as autoridades soviéticas e jugoslavas ameaçaram acusar Waldheim por crimes de guerra a não ser que ele se tornasse agente comunista.

CABRITA NETO disse ao jornal «Luso-Americano» de Newark que «como português, não posso aceitar que o Algarve esteja a ser vendido por 30 divisas». O governador civil de Faro, que presidiu na cidade de Elizabeth ao almoço de beneficência algarvia, comentava a quase total eliminação da língua portuguesa nos centros turísticos. Cabrita Neves acrescentou que «as leis devem ser cumpridas por todos e, como é óbvio, os cidadãos estrangeiros não podem ter, nem terão, privilégios especiais no Algarve».

JOAO PAULO II tenciona efectuar uma segunda visita ao Brasil em 1988 - revelou o presidente da Conferência Episcopal brasileira. Segundo a arcebispo Ivo Lorscheiter, que se encontrou a semana passada com o chefe da igreja católica, o papa pretende desta vez deslocar-se a regiões que não figuraram no programa da sua primeira visita ao Brasil, em 1980.

HELENA VIEIRA, cantora lírica do teatro nacional de S. Carlos, e João Paulo Santos, pianista e maestro repetidor do mesmo teatro, dão esta tarde na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna um recital no colóquio comemorativo do Centenário da morte de Cesário Verde. A vida e a obra do poeta serão analisadas e discutidas por vários conferencistas, entre os quais David Mourão-Ferreira, Herder macedo e Luzia Maria Martins. O colóquio, hoje no segundo dia, é promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian e conta com a colaboração da Secretaria de Estado da Cultura.

MAWETE JOAO BAPTISTA, embaixador da República Popular de Angola, desloca-se amanhã ao Algarve, onde permanecerá dois dias, para contactos com a comunidade angolana nesta região, disse um funcionário da embaixada. Mawete Baptista terá encontros com os seus compatriotas radicados na região de Quarteira, ficando para ocasião posterior um convívio com os angolanos da área de Portimão.

JACQUES DELORD, ilusionista e poeta, dará um espectáculo de prestidigitação no dia 4 de Novembro, pelas 18.30 horas, no Hotel Meridien. Delord é conhecido internacionalmente pelas suas actuações em que os truques de magia são acompanhados por poemas da sua autoria.

Demissão de ministro faz baixar preços

Continuação da pág. 1

Com efeito,a substituição de Yamani é encarada como um dos factores que influenciaram o comportamento do mercado: os preços do petróleo cairam hoje um dólar o barril. Yamani foi demitido do seu cargo pelo rei Fahd. Segundo a imprensa de Riade, o ministro saudita do Planeamento, Hisham Nazer, passa agora a acumular a pasta do Petróleo.

O decreto real não dá qualquer explicação para a demissão de ministro, mas rumores persistentes em Nova York sugeriam que a Arábia Saudita estava a oferecer descontos de 50 centimos de dólar por cada barril de petróleo (159 litros), não obstante o recente acordo da Organizacão dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) para limitar a produção e proporcionar um aumento de preços das ramas nos mercados internacionais.

A demissão de Ahmed Yamani parece também relacionada com algum desacordo no seio do governo saudita sobre a prossecução das políticas do reino seguidas desde o Outono passado, com o objectivo deste reconquistar a sua preponderância nos mercados petrolíferos.

Pronunciando-se sobre a demissão de Yamani, um analista em Nova York disse que qualquer que tenha sido a razão da substituição, esta foi uma grande perda para a OPEP e terá efeitos negativos sobre o preço do petróleo. O mesmo analista acrescentou que a saída de Yamani representa o fim da politica conciliatória saudita e que doravante se assistirá à emergência de uma política mais nacionalista por parte da Arábia Saudita.

Yamani contava com muitos inimigos no seio da familia real, e o rei Fahd pretende desde há muito tempo que os interesses nacionais da Arábia Saudita sejam mais insistentemente impostos na OPEP. A Arábia Saudita é o principal produtor da OPEP e ontem, data da demissão de Yamani, começou a oferecer o seu crude de primeira qualidade a um preço inferior em um dólar por barril.

« Nenhum corrector se atraverá a fazer o que quer que seja agora. o minimo que esta notícia fará é tornar o mercado mais instável», disse um negociante ao tomar conhecimento da substituição do ministro saudita do petróleo.

Uma TV "in loco"

PRD açoriano defende canal alternativo autónomo

O PRD dos Açores defendeu que devem ser «rapidamente criadas» as condições para a extensão à Região Autónoma de um canal nacional da RTP.

Nessa ordem de ideias, o PRD considera que o Centro Regional da RTP deve ser «dotado dos meios necessários a um eficiente e moderno canal alternativo autónomo».

Esse canal, segundo o PRD açoiano, deveria estar «preparado para competir com a imensidade de estações emissoras de televisão que entrarão na região, via satélite, dentro de pouco tempo».

O PRD dos Açores contestou ainda «a luta pelo controlo das mentalidades e censura da informação que na região assumem aspectos de terceiro mundismo».

Os renovadores-democráticos afirmam por último que 97 por cento dos açorianos assiste às emissões de televisão exclusivas do Centro Regional da RTP.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

N.º 277

Os Miseráveis de Doris Lessing

Em *The Good Terrorist*, a autora narra a deriva suicidária de um grupo de aprendizes revolucionários dos anos 80

OS pregadores de amanhãs que cantam, os fazedores de grandes frases e os narradores de boas experiências comunitárias podem deixar algumas ilusões no vestiário antes de atacarem o último romance de Doris Lessing. O seu título inglês, **The Good Terrorist**, é esclarecedor: tratar-se-á de uma mulher cheia de bondade tornada terrorista? Alice, a heroína, está, de facto, nesse caso. A sua bondade, acompanhada de fraqueza e de imaturidade, condu-la a uma maldade que, apesar de inconsciente, é perfeitamente mortífera — não para ela, mas, circunstância agravante, para os seus camaradas. Ansiosa e choramingona, falida entre falidos, Alice está em 400 apaixonantes páginas onde, entre ternura e repulsa, nos apercebemos rapidamente que se está a caminhar para o caos, a fúria e o desastre.

Aos 36 anos, Alice Mellings continua a sonhar, amadoristicamente, com a Revolução que deitará abaixo o capitalismo e dará a morte aos seus acólitos — racistas, fascistas e outro «lixo burguês». Enquanto espera por Ela, e por todo o lado onde vai passando, Alice ocupa-se a transformar os «squatt» mais podres em casinhas lavadas: ela esfrega, arruma, cozinha para os convivas, realizando assim o seu desejo de família, e mesa com crianças, e recuperando o sabor perdido da sua própria infância: os seus pais, separados, e militantes da «esquerda burguesa», também gostavam de organizar reuniões e festas...

Doris Lessing explica como lhe veio a ideia deste livro em que os novos «filhos da violência», anjos derrubados dos anos 70, chegados à tristeza e ao desemprego dos anos 80, inadaptados, inadaptáveis, invariáveis e miseráveis, se enterram obstinadamente, numa deriva suicidária.

«De início, inspirei-me num casal meu conhecido... Ela é filha de um dos meus amigos... Até aos 30 anos ou mais, viveu em diversas comunidades de marginais, desempenhando o papel de mãe-que-dá-a-comida. Ele, o rapaz com quem ela vive, é uma espécie de revolucionário bastante antipático, cuja doutrina consiste em explorar o burguês. Viveram vários anos à custa do meu amigo, até que ele se decidiu a pô-los na rua. Então vingaram-se dizendo que iam entrar para o IRA. Quando me foi contada a história deles pus-me a pensar quantas vocações terroristas não terão sido despoletadas por conflitos de natureza pessoal como aquele. Pouco depois, os terroristas irlandeses fizeram explodir uma bomba no Harrods: era manifestamente trabalho de amador...»

No romance, o atentado reivindicado por Alice em nome do IRA tem uma marca tão incipiente que a própria organização vem a público desmentir o seu envolvimento no caso.

A paixão do pormenor

A intriga do livro, a partir do esquema definido por Doris Lessing, é, como sempre, bem conduzida, mantendo o leitor em estado de curiosidade, alimentando a sua atenção expectante. Mas o que fascina particularmente na autora é a paixão pelo pormenor, a atenção dada ao quotidiano, a arte de o contar, a minúcia das descrições, a mobilidade e a complexidade das relações entre personagens. Aqui, Alice verá partir aqueles que prefere — e que querem tornar-se em revolucionários sérios, em verdadeiros espiões — e fará partir ou morrer aqueles de que está próxima, os fracos e os ternos.

O mar de excrementos que empesta o último andar do «squatt» quando lá chegam Alice e o seu companheiro — Jasper, um homossexual a quem o menor contacto com mulheres causa repugnância — é o símbolo do destino que Doris Lessing, exacta e impiedosa, atribui a esta comunidade. Alice abrirá uma fossa no jardim e enchê-la-á à custa de baldes, mas, inexoravelmente, «toda aquela merda» abundantemente descrita e comentada acabará por submergir e engolir os jovens velhos, aquele casal de destroços. Entre a tragédia e o cómico desesperado, de onde se sai com a visão de uma Alice abandonada para sempre ao seu infantilismo, o leitor é esmagado, e não pode deixar de fazer uma vénia ao talento da autora. Como comenta a própria Doris Lessing: «é um belo trabalho de escrita, ponto final».

Josyanne Savigneau

Edição inglesa: **The Good Terrorist**; edição francesa: **La Terroriste**, Albin Michel. As citações da autora são extraídas da sua entrevista no **Magazinne Littéraire** de Fevereiro de 85, n.º 215.

Clip

Ballester: primeira «lança» em Portugal

À venda já nas livrarias, foi ontem lançado em Lisboa — de acordo com a praxe — o mais recente produto literário do escritor espanhol Gonzalo Torrente Ballester, com o título — O Conto da Sereia».

Trata-se, antes de mais, de um passo muito importante dado pela editora, no sentido da divulgação, no nosso país, de um autor nunca antes traduzido em português, apesar da sua obra ser actualmente considerada, em Espanha, como uma das mais vigorosas, imaginativas e pessoais da literatura espanhola contemporânea.

Conferencista notável, crítico, ensaísta e romancista, Prémio Fundación Juan March em 1959, Prémio da Crítica Teatral em 1961, Prémio da Crítica na categoria de Romance em 1972, Prémio Cidade de Barcelona de Romance em 1977, eleito membro da Real Academia Espanhola em 1977, Prémio Nacional de Literatura em 1981, finalmente Prémio Cervantes (considerado o «Nobel» das letras hispânicas) em 1985, Gonzalo Torrente Ballester conta 76 anos e foi professor na Universidade de Santiago de Compostela, catedrático de Literatura em várias universidades espanholas e professor convidado, durante sete anos, na Universidade norte-americana de Albany.

Das obras deste autor consagrado — galego, natural de El Ferrol (Corunha) — que abrangem o teatro, o romance, o ensaio e a crítica, salienta-se a trilogia «Los Gozos y Las Sombras».

Quanto ao «Conto da Sereia», uma saborosa novela baseada numa lenda muito espalhada na costa galega e, curiosamente, recolhida pela primeira vez pelo português conde de Barcelos no seu «Nobiliário», bom... o livro está aí, traduzido por Miguel Viqueira e editado pela DIFEL.

Cesário em colóquio

Colóquio sobre Cesário Verde organizado pelo Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte da Gulbenkian: começou ontem e dura até hoje ao fim da tarde, com a participação de David Mourão Ferreira (Tolentino e Cesário), Hélder Macedo (O romântico e o feroz: bucolismo e sensualidade na poesia de Cesário), Stephen Reckert (Radiografia de uma Aguarela), José-Augusto França (A Lisboa de Cesário Verde), Luzia Maria Martins (Cesário e as ambiguidades da solidão), Andrée Crabé Rocha (Cesário e as máscaras de Anteu), Joel Serrão (De Cesário a Bernardo Soares), John Laidlar (Interpretação de Cesário), Óscar Lopes (Cesário e O'Neill, dois tempos de Lisboa), Eduardo Lourenço (Os dois Cesários). Local: sala polivalente do Centro de Arte Moderna.

Centenário de Ezra Pound

Colóquio, também, sobre Ezra Pound, organizado pelo Grémio Literário: começou na segunda-feira e termina hoje mesmo, com a conferência de Stephen Fender, da Universidade de Sussex, às 21 e 30. Ontem à noite, José Palla e Carmo falou sobre «Pound, T.S. Ellit e Fernando Pessoa, uma trindade».

Novo Livro de Marques Gastão

O jornalista e escritor Marques Gastão tem no prelo, devendo aparecer nas montras das livrarias no próximo mês, um novo livro, publicado pelas Edições Franciscanas. Trata-se de um trabalho que constitui a revelação em português de cinco cartas de Miguel Ângelo, ao redor do seu confessado erro sobre a Cúpula da Basílica de S. Pedro em Roma e das obras de restauro da Capela Sistina. A obra é dedicada ao escultor António Duarte, sobre quem Marques Gastão tem também para publicar um livro, ao redor do mestre da escultura portuguesa, um texto sobre «Miguel Ângelo o Escultor da Vida e da Morte», gravuras e fotografias e ainda uma carta de Francisco de Holanda para Miguel Ângelo e o retrato de Buonarroti feito pelo autor dos «Diálogos de Roma».

ENTREVISTAS

Alice Vieira e Olga Gonçalves

Págs. 4 e 5

O Pecado Original da Pintura

No princípio era o acto

COMO compreender esta fixação, o modo particularmente obcessivo como a *cena* do «pecado original» — articulado pelo motivo de Adão e Eva, do ponto de vista das figuras — foi *trabalhada* pela pintura?

Avançaremos com esta primeira tese: no princípio era (ou estava) o *acto*. Isto é, foi necessário que houvesse (que se criasse: representasse: figurasse) o «pecado» (acto) original para que se constituísse a pintura. Melhor, a figuração (ficção: representação) do «pecado original» em certa medida é um *analogon* que metaforicamente interpreta e nos dá a ler a própria génese (constituição) da pintura.

Centremo-nos, primeiro, no próprio *acto* original. Enquanto «pecado», lá iremos, ele é *duplo*: tem uma dupla dimensão, ao mesmo tempo activa (=transgressiva) e, enquanto tal, constituidora (se se quiser, denotadora) também de um *interdito* (de um recalcado e de uma censura).

O próprio acto, em si, é sempre prepotente, transgressivo (Qualquer acto é uma violência de um Sujeito sobre um outro — seja ele um pequeno ou um grande-Outro). Por um lado, enquanto acto *em si*, enquanto *fazer*, ou seja, desvinculação da lei do já-dado ou de «absoluto», reconhecido: *fazer* é sempre «fazer de novo» e, no mínimo, per-correr, fazer seu, com a sua acção (re-)conhecer algo que não se basta só por si de modo a poder prescindir de ser na sua essência con-firmando, re-conhecido. Por outro lado, cada *acto* é metáfora de uma acção inicial (i.e., de si mesmo e do seu princípio): *fazer* é re-criar sempre uma génese original (a própria acção enquanto princípio), re-criar o mundo.

Compreende-se, assim, como a pintura da *génese* (do acto: da história original: do princípio) é ao mesmo tempo *constituidora* e reveladora do seu *interdito* (o re-conhecimento, in-consciência e *violência* que inicialmente foi cometida).

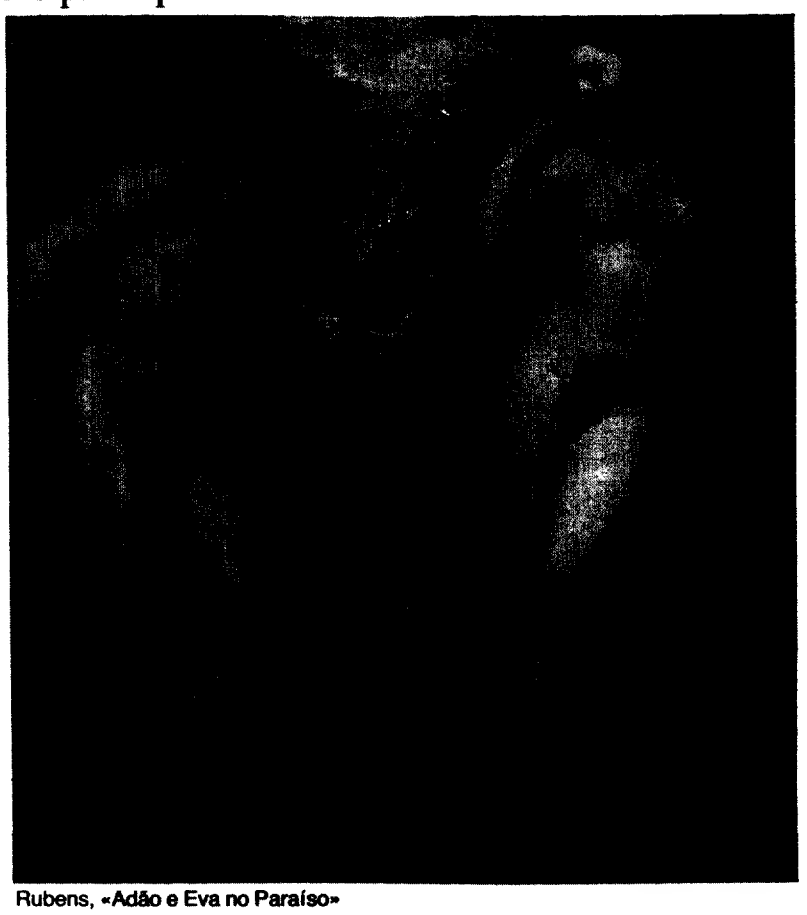
Só num 2.º momento, a Representação — e, nela, a questão da *figuração* — se nos apresenta, surge, como um 2.º *dispositivo (ofensivo/defensivo) de funcionamento duplo:* a) por um lado, ela tem uma função de *desconhecimento* («méconnaissance»), de esquecimento da própria inexplicabilidade do acto produzido (duplo mecanismo *defensivo* quer do Sujeito em relação a si — ao modo como ele se constitui na violação de um interdito — quer em relação à Lei, à *doxa* e aos outros); b) por outro lado, a figuração é também um *alibi* (a passagem necessária do indizível ao legível, ao interpretável, ao Signo: do inter-dito ao dito), ou seja, a *via perversa* por onde passa (se escreve) o *entre-dito*.

Daí, e tendo em conta, particularmente, a articulação da prática artística com discursos de outro tipo (em que é mais importante a componente de modalização da *ideologia* como operador da valorização e validação axiológica do sentido do discurso), a pertinência e exemplaridade com que se apresenta — repare-se, no próprio momento da constituição da pintura como uma prática do Signo — o *motivo de Adão e Eva* (e do pecado original) na pintura.

Com efeito, a fábula (mito) do *Pecado Original* (e a sua sequência narrativa: a *expulsão do Paraíso* — ou seja, da inquestionabilidade e da unanimidade do sentido), relaciona, no mínimo, entre si, três aspectos distintos: a relação com o *Saber* (o conhecimento), a passagem à *prática* (o acto) e a ante-posição das duas primeiras questões face ao horizonte (constitutivo) da *censura*.

Não há saber ou acto que não seja *transgressivo*, que não jogue com ou que não recoloque (re-distribua) as margens (e o horizonte) de uma *censura* (e de um interdito).

Por isso, na *figuração* do motivo de Adão e Eva (e é bom não esquecermos que a figuração constitui sempre um 2.º *momento*, o figural, em relação à questão da representação propriamente dita — a qual tem mais a haver com o *acto* inaugural que nos surge, então, como o próprio *analogon* ou o «semelhável» da pintura), a relação que se estabelece não



Rubens, «Adão e Eva no Paraíso»

é só com *Saber/o conhecimento* (e «ars» — saber e mestria —, intimamente relacionada com e suportada pela própria introdução da técnica: «ratio» da *perspectiva*, a «ciência» que permite a passagem do sistema medieval do Símbolo — e do carácter alusivo e iniciático do Ícone — à Representação como «mise-en-scène» da própria cena de pintura), mas também com o próprio momento da *passagem ao acto*, ou seja, a *realização (possibilitação) desse saber* como técnica, processo e, sobretudo, *prática*. Temos, assim, dois momentos interligados entre si e *constituintes* do espaço novo (=renascentista) da Pintura: tanto o da *transgressão* (que é, só por si, a passagem do abstracto ao concreto, do sentido à figura: melhor, *do Símbolo ao Signo*) ou o da *secularização* (como o re-fará mais tarde, em relação a outras «ícones», a arte-pop), ou seja, o da sua *reprodutibilidade* (ao mesmo tempo vulgarização e universalização) como Pintura.

Há um terceiro aspecto, contudo, ainda a referir. A passagem ao *acto* (ou seja, a confirmação desse desejo de violar ou de se confrontar com o interdito) tem como consequências (é a *re-caída*, a «retombée», da ideologia — ou dessa componente de moralização do sentido — sobre o discurso) a *exclusão*, i.e., o *exílio* (quer do pintor, quer da Pintura).

Exílio, contudo, a ler duplamente: como exclusão dodomínio do *Símbolo* (a pintura —«arte sacra» — medieval: correspondente a um estado, por assim dizer, da *antecedência* da própria questão do sentido ao momento, necessidade, de ser dito) (5), mas também como *fundamentação* (no sentido de Hölderlin: «constituição entronizante») de um novo domínio (*terreno*) para a Pintura (o das figuras *encarnadas*, i.e., constituídas num *referente*: o do Signo).

Liminarmente, o motivo (tropo) do *Exílio* (ou da *Exclusão* do Paraíso: a violência, a Lei do Outro que corresponde à violência do *gesto* — ou da «*gesta*», no sentido tradicional de «acções», «conjunto de acções» ou de um Acto que é desde já a afirmação de um destino pessoal e de um percurso — do Sujeito transgressivo), assinala o momento da *passagem à Representação (e à figuração) do corpo na pintura*: de um corpo duplamente articulável (constituível) como suporte de *refrencialidade* e *Significante* (= figura). Isto é, como *Signo*.

Exclusão da unanimidade (imediaticidade, sem lastro) da Lei do Sentido (do Paraíso do Símbolo), passagem à Representação e à figura, que faz com que Adão e Eva surjam com esse carácter de *corpos institucionais*, já que é por meio deles que se estabelece um estatuto/paradigma da *Representação do Corpo* na pintura.

A *questão do Sujeito* está dada pela Representação do Corpo — ou seja, a representação do corpo (e as suas *variantes*, do ponto de vista da figura) é a própria forma como se coloca, na pintura, a relação (de acção: Representação) do Sujeito, na sua prática (*fazer*), consigo próprio e o mundo.

Daí que, desde muito cedo, a representação do *corpo* se apresente, sistematicamente, como a *pedra de toque* da questão mais geral da Representação (ou melhor, dos sistemas de Representação) a pintura.

Fernando Guerreiro

CORRESPONDÊNCIA

Portugal, país de suicidas

Corporizado nessa autêntica oficina de produtos de qualidade que dá pelo nome de & Etc., à frente de cujos destinos se mantém o incansável Vítor Silva Tavares, homem a quem a cultura portuguesa muito deve já, apareceu há dias nos escaparates das livrarias um pequeno livro cujo título e autor nos chamaram de imediato a atenção. Trata-se de um conjunto de páginas escritas por Miguel de Unamuno e respeitantes ao Portugal que ele viu e, a seu modo, tentou interpretar. Não podendo deixar de saudar mais esta iniciativa editorial, temos, antes de mais, que lamentar (embora compreendamos as limitações de ordem económica por vezes impostas à feitura de um livro) não terem podido ser traduzidos e publicados todos os textos componentes do volume «Por tierras de Portugal y España» que, como afirma com pertinência Rui Caeiro, tradutor e prefaciador do presente volume, constitui um todo intencional por parte de quem sempre considerou ridículas as razões que têm levado os dois países peninsulares a atravessarem a História de costas um para o outro.

Quererá isto dizer que partilhamos com Unamuno a sua visão pessoalíssima acerca do nosso país? Nem tanto. Mas não podemos deixar de considerar que se, como disse José Saramago em entrevista ao «*Diário de Lisboa*», em relação a uma maior aproximação das culturas portuguesa e espanhola, «anda qualquer coisa no ar», temos que convir ser este o melhor momento para se dar relevo à obra de alguém que, aliás na esteira de homens como Oliveira Martins, foi um iberista convicto e um verdadeiro apaixonado da cultura portuguesa, que de resto considerava património também seu.

Refere o tradutor no prefácio — de cuja extensão não tem, quanto a nós, que se desculpar — os vultos da nossa cultura com quem D. Miguel de Unamuno privou, e aqui não pode deixar de nos vir à memória a referência enternecida que lhe é feita pela irmã de Teixeira de Pascoaes nas páginas de um não menos enternecedor livrinho evocativo do grande vate amarantino. Fala-nos Maria da Glória Teixeira de Vasconcelos das circunstâncias em que conheceu Unamuno, por ocasião da visita de Pascoaes a Salamanca, descrevendo ao leitor embevecido a convivência extraodinária que ali se praticava em redor do sábio e, noutro passo, como que em complemento, a maneira muito pessoal com que D. Miguel, depois por seu turno hospedado no solar de S. João de Gatão, enquanto conversava bebendo o seu copo de leite frio, ia recortando em papel figuras d pombas, flores e jarras que colocava no regaço da então rapariguinha irmã do poeta... São tantas vezes estes pequenos gestos, decerto acessórios no cômputo geral do que se diz e escreve acerca de grandes figuras ou complexas temáticas que — vá lá saber-se se por limitação nossa — nos induzem, quase sem darmos por isso, o interesse por determinados assuntos.

Mas íamos a desviar-nos do tema, que hoje gostaríamos se circunscrevesse ao livro acabado de lançar. Da nossa parte, cumpre dizer que lhe conhecíamos o texto apenas em espanhol, dado que não sabíamos de nenhuma tradução anterior, co evidente prejuízo nosso que, aliás na senda do conselho de Eça de Queirós, não só falamos como também entendemos patrioticamente mal as línguas estrangeiras. E cá estamos de novo a cair neste vício secular de considerar igual ao resto do estrangeiro tudo aquilo que de Espanha nos vem. Fenómeno que por certo mais terá que ver com qualquer subordinação inconsciente a esse monstro de mil caras que dá pelo nome de «ideologia da classe dominante». No caso presente, concretizado no «slogan», chauvinista e lamentável, datado talvez da dominação filipina, «de Espanha nem bom vento nem bom casamento».

Dominação filipina... Muito teríamos que girar à roda de tal matéria se aí nos conduzisse a intenção deste breve apontamento. É que, cada vez mais se nos afigura não poderem ser metidos no mesmo saco todos os sessenta anos que durou em Portugal o reinado dos três Filipes. Está ainda por determinar qual o papel desempenhado pela classe em ascensão — a burguesia — após ter sido desbaratada em Alcácer Quibir a nata da classe dominante da época — a nobreza decadente. Parece, no entanto, numa primeira impressão, que àquela interessaria por exemplo a abertura ao comércio português das praças espanholas, proporcionada por um governo peninsular unificado. Tema escaldante, que julgamos não ter sido ainda abordado por quem sabe, dada a controvérsia que decerto geraria e as especulações que, a partir daí, sabe-se á onde iriam parar...

E de novo nos desviámos do intento que hoje nos trouxe aqui à conversa com o leitor e era, repetimos, saudar a aparição do livro da & Etc. Íamos dizendo que conhecíamos o texto em espanhol e julgámos ver na altura nas linhas e entrelinhas de Unamuno alguma como que sobranceria ou paternalismo em relação às coisas portuguesas. Com agrado confessamos, porém, que a presente tradução contribuiu para que no nosso espírito se desvanecesse essa ideia. Unamuno dá-nos, agora, de facto, a imagem, não apenas de um amigo, mas até, e principalmente, de um admirador do povo português. E o título, por feliz lembrança escolhido de uma frase sua, constitui ainda uma fórmula com que D. Miguel nos avalia, por exclusão de partes, acima da craveira geral dos outros povos que, pela sua superficialidade, não possuem o para ele nobre e grandioso «sentimiento tragico de la vida».

Não partilhamos desta tese decadentista, pois julgamos mais perfeitos outros métodos de aferição do papel do homem como ser social, gregário e até mesmo metafísico. Mas isso não constitui um óbice à vontade de aproximação espiritual com o celebrado autor de «A Tia Tula». Mormente no que respeita às delicadas questões do iberismo, do qual — não nos esqueçamos — são arautos gigantes da cultura portuguesa, como por exemplo Miguel Torga. Iberismo que teria evidentemente que passar — como observava há tempos o dr. Piteira Santos em mesa-redonda realizada na televisão — pelo reconhecimento da autonomia da Catalunha, do País Basco, da Andaluzia, da Galiza...

E aqui estão, sucintamente mal alinhavadas, as razões do aplauso com que recebemos a publicação do presente livro. Resta-nos parabenciar uma vez mais Vítor Silva Tavares e congratularmo-nos com uma tradução que, sem dúvida, nos permitiu a emend de um erro de palmatória.

João Nuno Lourenço Pequito

Camões

por Ezra Pound

No momento em que o Grémio Literário decidiu comemorar, com um ciclo de conferências, o centenário de Ezra Pound, e em que a Dom Quixote lança uma antologia do poeta organizada por Palla e Carmo, o Ler/Escrever publica, com a devida vénia, a primeira tradução portuguesa do capítulo Camões, extraído de The Spirit of Romance. Trata-se da tradução de Isabel Pedro dos Santos, publicada em 1980 pela Fenda, de Coimbra, com uma introdução de Stephen Wilson.

EM 1453, Constantinopla foi tomada por Mohamed II, «conquistador de dois impérios, doze reinos e trezentas cidades». Este acontecimento e a invenção da Imprensa não foram a causa do Renascimento, mas aceleraram o processo. Tinha havido, durante a idade das trevas, uma série de tentativas abortadas de Renascimentos; Carlos Magno, Alfredo, Alcuíno, Rosclin, Abelardo, o «despertar» no séc. X e no XII, Petrarca e Boccaccio, todos precedem o período que se denomina Renascimento. Mas sem a imprensa, ou sem os escravos treinados que multiplicavam manuscritos, como os que tinham possuído os editores da Roma imperial, a ignorância geral não poderia ser vencida, nem nenhum movimento propagandista ser mais do que um mero movimento localizado ou temporário.

A queda da cidade de Constantino espalhou os eruditos e os manuscritos clássicos por toda a Europa e, associada a outras conquistas muçulmanas, fechou as velhas rotas das caravanas, obrigando os que tinham que fazer comércio com o Oriente a seguir outro caminho; daí a dobrar o Cabo da Boa Esperança e a descoberta da América; daí a consciência de expansão reflectida na literatura, normalmente num estilo que revela em maior ou menor grau a influência dos clássicos gregos e latinos. O pensamento, cria-se, fora libertado, mas o estilo fora aprisionado, por uma época, pelo menos.

Shakespeare é a consumação: na maioria das suas obras, os vestígios desapareceramem grande parte. Lope pertence, em parte, à Idade Média, em parte, à corrente do Renascimento, e é, em parte também, um resultado dela.

Tanto Lope como Shakespeare se ligam a qualquer expressão do Espírito da Época; devem-lhe muito, mas não são totalmente dependentes. Até agora, tratamos apenas das forças generativas da literatura: Camões não é uma força, mas um sintoma. A sua obra depende totalmente dos acontecimentos e do temperamento da sua época e nela poderemos, por consequência, estudar esse temperamento em condições ideais, estudo paralelo em arquitectura seria o do «barroco».

Os Lusíadas é, segundo Hallam, «a primeira tentativa bem sucedida de construir um poema épico sob o modelo antigo na Europa moderna». O tema adapta-se à época — trata-se da viagem de Vasco da Gama interpolada com a história de Portugal. Esta viagem foi efectuada nos anos de 1497 a 1499. Camões nasceu em 1524, e *Os Lusíadas* foi publicado em Lisboa em 1572.

É-nos proposto este canto de estilo grandíloquo, corrente, «Um estilo grandíloco e corrente», porque ele fala dos homens reais, cujos feitos ultrapassam todas as acções fictícias dos heróis das fábulas.

A índole do pensamento de Camões é retórica, mas a sua dicção e técnica admiráveis. A beleza de Camões só será exactamente reproduzida em Inglês quando os tradutores deixarem de substituir as palavras portuguesas por palavras inglesas derivadas do mesmo étimo latino. A tradução de Camões para palavras de origem saxónica requereria um cuidado de dicção igual ao do autor e manteria o vigor do original. Uma tradução repleta de latinismos é como que uma imitação barata de Milton — e, se se deseja uma versão miltoniana do grande estilo de Portugal, é preferível ir ao próprio Milton, a passos com o seguinte:

As when to them who sail
Beyond the Cape of Horn, and now are past
Mozambic, off at sea north-east windes blow
Sabean odors from the spicieshore
Of Arabic the blest, with such delay
Well pleased they slack their course,
and many a league
Cheared with the grateful smell,
old ocean smiles.

Camões escreve num estilo resplandescente e bombástico — que por vezes é poesia. A língua portuguesa, pouco musical, é subjugada, e os seus acordes dissonantes harmonizados. Como retórica colorida, *Os Lusíadas* dificilmente será ultrapassado, em minha opinião. O encanto deve-se ao vigor do autor, à sua unanimidade, à firme convicção da glória das coisas do mundo exterior — e há igualmente um certo prazer no contacto com o tipo de espírito de Camões, o espírito de um homem com suficiente entusiasmo para escrever um poema épico em dez Cantos sem nunca se deter em qualquer tipo de reflexão filosófica. Ele é o Rubens da poesia.

Um poema épico não pode ser escrito contra a corrente da sua época: o profeta ou o satírico podem isolar-se do seu tempo ou movimentar-se no sentido inverso, mas o autor da epopeia tem que ser o arauto do sentimento geral. Embora Camões seja indubitavelmente um poeta, lê-se hoje com o mesmo interesse com que se lê prosa. *Os Lusíadas* é melhor do que um romance histórico; dá-nos o tom do pensamento da época. Até este ponto, é épico. Através das suas falhas aparents, mostra-nos o tipo de coisas que interessava as pessoas na altura.

A geografia, tão incipiente na altura como o é a aviação hoje, podia ser objecto de especulação; as indumentárias dos povos de lugares desconhecidos eram dignas de descrição.

Tudo isto é um facto. O amontoado de divindades torna-se enfadonho, mas o verdadeiro ponto fraco de *Os Lusíadas* é ser a epopeia de uma fracção e dar voz a uma fase, a uma moda de um povo, e não à sua humanidade.

Para além do interesse pela prosa, o nosso interesse centra-se no uso que Camões faz da língua. O que ele pretendia está muito claramente exposto na estrofe 6 do Canto I:

Dai-me hũa fúria grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
(...)

As musas responderam à letra aos seus pedidos. Obteve a sua tuba e o seu folgo era excelente. Como a sua beleza depende unicamente da dicção e sonoridade, a tradução deve ser muito cuidada, se não nada restará para além da retórica. A sua técnica pode verificar-se através de alguns exemplos, bem como os perigos de uma tradução pouco atenta. Isto verifica-se, por exemplo, no episódio do lançamento das naves ao mar:

cometendo O duvidoso mar num lenho leve, (...)(1)
Unto the doubtful sea their wood unweighty.

Parte do encanto do verso está na assonância. O seu estilo simples e directo é superior ao que se poderia crer, a julgar por qualquer das traduções que conheço. Aubertin, tentando manter o esquema rimático original, traduz:

Da Lũa os claros raios rutilavam
Polas argenteas ondas Neptuninas; (2)
Now did the moon in purest lustre rise
On Neptune's silvery waves her beams to pour.

Literalmente, em inglês:

The clear rays of the moon glitter
Through the argent waves of the sea.

(Não existe em inglês o adjectivo «neptunian»).
Os versos que se seguem são igualmente despidos de ornamentos:

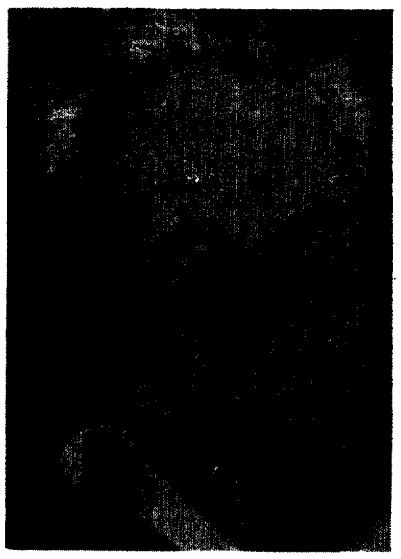
The stars accompany the heavens
As a field reclothed with daisies,
The furious winds rest in the dark, strage caves.
But the folk of the fleet keep vigil,
As for long time had been their wont.

No Canto I, estrofe 59, encontramos as palavras «aurora marchetada». Os dicionários traduzem «marchetar» por «to inlay, enamel, adorn», mas «marcheta» é um capa, ou a parte da capa ou mantilha onde as fitas se apertam.
É portanto óbvio que, quer por uma questão de sentido quer pela beleza da associação, não devemos traduzir «aurora marchetada» por «enameled Aurora» ou mesmo «adorned Aurora», mas sim do seguinte modo:

The mantled (ou mesmo, beribboned) dawn
Spreads out her glorious hair
Upon the sky serene, opening the ruddy door
to clear Hyperion, awakened.
All the fleet began to «embanner» itself,
And to adorn itself, with joyful awnings,
To receive with festivities and joy
The ruler of the isles who was departing.(3)

O interesse actual do poema centra-se nas estrofes do Canto III que se referem a Inês de Castro. Talvez nunca se venha a escrever sobre a lenda de Inês com grandiosidade, pois que a arte só se torna necessária quando a vida é fragmentada e quando a arte não é uma expressão, mas um reflexo da vida, só é necessária quando a vida parece não ter sentido; isto é, quando a conclusão ou os resultados de determinadas causas estão tão afastadas ou tão escondidas, que só a arte as poderá articular. A arte que reflecte a arte é insatisfatória e o grande poema «Inês de Castro» foi escrito em actos por D. Pedro. Nenhum poema terá tanta força como tem a narração mais simples, a que é feita pelos próprios factos.

Resumindo: Constança, mulher de D. Pedro, herdeiro do trono de Portugal, morreu em 1345. D. Pedro casou então com uma das damas de honor de Constança, Inês de Castro, castelhana da mais alta linhagem. A posição que Inês adquiriu foi objecto de inveja e motivo de conspiração; foi apunhalada quando pedia clemência ao então rei, Afonso IV. Quando Pedro subiu ao trono, mandou exumar o cadáver de Inês, e a corte prestou-lhe homenagem, tendo os grandes de Portugal desfilado perante os tronos da Rainha morta e do Rei beijando a mão que fora sua. Existe na Nova Galeria de Madrid um quadro que reproduz esta cena, numa sequência de telas que testemunham os grandiosos horrores do passado espanhol.



Camões, desta vez sem usar ornamentos, abre a sua história com quatro versos imortais:

O caso triste e digno da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

A sad event and worthy of Memory,
Who draws forth men from their closed sepulchres,
Befell that piteous maid, and pitiful
Who, after she was dead was crowned queen.

Tive de acrescentar «close» e «crowned» para manter o metro. A poderosa sugestão antiética do segundo verso é manifesta.

A narrativa prossegue com uma comparação com a bonina murcha, é bela e cheia de musicalidade; mas é a beleza das palavras e cadências, e da expressão e não a beleza daquela compreensão mais subtil — que mostra o génio e a aurora das artes. Que clarividência a de De Quincey, ao falar de «o milagre que pode ser forjado apenas pela capacidade de se sentir uma coisa de um modo mais intenso, compreendê-la de um modo mais profundo do que jamais foi sentida ou compreendida». Camões falha neste ponto, apesar de todo o seu esplendor, e com ele todos os escritores do Renascimento. É verdade que ele sentiu a glória de Portugal como nenhum outro, mas esta glória fui efémera.

Cada época, cada lustro, produz uma colheita de agradáveis cantores, que conhecem as regras e escrevem em linguagem bela e com ritmos regulares; uma poesia completamente livre de erros grosseiros. Mas a arte de escrever poesia que tenha um interesse vital, é oficío de mestres. O que ficou dito é de há tão longa data um lugar-comum que já se lhe não reconhece senão a superfície.

Os que apreciam as descrições submarinas do «Endymion» de Keats, apreciarão provavelmente, pelo contraste e comparação, a acção do Canto VI de Os Lusíadas que trata da visita de Baco a Neptuno.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas saem foribundas,
Quando às iras do vento o mar responde.

Há aqui uma bela ressonância retumbante

In th' inmost deep of the profound
High caverns, where the sea doth hide him.
There, whence the waves come forth in madness,
When to the wraths of wind the sea respondeth.

Aqui habita o senhor do tridente; por detrás de portões dourados incrustados de pérolas; é aqui que são apresentadas ao amável leitor todas as divindades e semidivindades com as quais ainda não tinha travado conhecimento na grandiosa corte de Júpiter.

Segundo creio, Camões não consegue em passo algum da sua obra atingir o recorde máximo de Milton de vinte e quatro alusões aos clássicos e às Escrituras hebraicas feitas num passo de vinte versos.

Em resumo, portanto, Os Lusíadas é admirável como contenção de um estilo que se assume como imponente. Camões foi um mestre do som e da língua, um homem de vigor e um esplêndido retórico; quanto se pode ensinar da arte da poesia, ele aprendeu. Longfellow tinha o mesmo tipo de espírito. Abandonado numa coisa sombria e tochosa, inserido num ambiente sem interesse e numa época monótona, Camões teria mostrado uma mediocridade correspondente. Se no futuro alguém se vier a interessar pelo ambiente de Massachusetts dos meados do século XVIII, achará as obras de Longfellow valiosissimas como documentos arqueológicos. Do mesmo modo, Camões, para o grandioso do Renascimento.

A tradução de alguns dos seus sonetos por Robert Garnett foi feita por prazer e poderá dar uma impressão mais favorável.

Se se procurasse provar que a parte da arte que não é a expressão inevitável do génio é um subproduto do comércio ou uma secreção de prosperidade comercial, os factos seguintes seriam signtificantes: pouco antes do declínio do prestígio português, Houtman, preso em Lisboa por dívidas, planeou a companhia Holandesa das Índias Orientais. Quando Portugal sucumbiu, a Holanda assenhorou-se do comércio do Oriente e pouco depois, Roemere Visscher era senhor de uma sala de exposições à qual estão ligados os nomes de Rembrant, Grotius, Spinoza, Vondel (nascido em 1587), «a voz articulada da Holanda», Coornhert, Spiéghel, Coster, Hoott, Raeel, Vossius, Erasmus e Thomas-à-Kempis.
Se a poesia faz parte da literatura — ao que, muitas vezes ponho as minhas dúvidas, já que a verdadeira poesia tem uma relação muito mais estreita com a melhor música, a melhor pintura e a melhor escultura, do que com qualquer parte da literatura que não seja poesia verdadeira; se, contudo, Arnold considerou a poesia como parte da literatura, então a sua definição de literatura como «crítica da vida» foi a notável blasfémia gerada na frigidez do seu espírito.

O espírito das artes é dinâmico. As artes não são passivas, nem estáticas, nem, em certo sentido, reflexo da vida, embora este aspecto possa estar implicado na sua origem.

A poesia é tanto um «crítica da vida» quanto o ferro em brasa uma crítica do fogo.

(1) *Os Lusíadas*, I, 27.
(2) *Os Lusíadas*, I, 58.
(3) Mas, assim como a Aurora marchetada
Os formosos cabelos espalhou
No Céu sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperiónio, que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada
E de toldos alegres se adornou,
Por receber, com festas e alegria,
O Regedor das ilhas, que partia.

Olga Gonçalves

Sara, um testemunho da juventude

Eis que Olga Gonçalves, de entre os romances que já escreveu, estende a mão à personagem Sara, a viver nas páginas de «Mandei-lhe uma Boca», e apresenta-a aos leitores no romance «Sara» (Editorial Caminho). Sara, nestas páginas recentes, acaba de licenciar-se em Filosofia. Ora bem: que Sara é esta que ora nos surge...? E também que romance é este que temos agora nas mãos...? Para que as coisas sejam aprofundadas, necessário se torna ir até às coisas. Logo: ler o livro. Mas também falar com a autora do livro. Assim se fez, ao longo de uma entrevista informal que «Ler/Escrever» oferece hoje aos seus leitores...

— Qual a motivação para a escrita de SARA oito anos depois de MANDEI-LHE UMA BOCA?

Não responderei que SARA foi, desde o seu primeiro esboço, ou desde o desejo do seu primeiro esboço, o resultado de uma longa meditação sobre a juventude. Estou a pensar muito precisamente na juventude com aquele aparato substancial que se nutre dos compromissos das gerações que a precedem. É verdade que eu tinha estado presa a ela, havia-me até apaixonado por ela, tratara um determinado grupo social frente a uma mudança de sistema, frente a uma célula familiar em degradação, mas dera o assunto para mim por findo, do ponto de vista da escrita, tendo até de lhe confessar ou de admitir que, dessa experiência, me ficara um gosto mau. O gosto de apenas ter feito a denúncia e de não haver achado soluções.

—Foi então com desencanto que iniciou SARA?

Julgo que não. E digo «julgo» porque me não lembro bem quando esse livro começou a crescer dentro de mim. Acho que deve ter tido grande importância o meu encontro com a Elena Riausowá, da Academia das Ciências de Moscovo. A Elena estava em Portugal como bolseira da Fundação Gulbenkian. O projecto que a trouxera até nós era a leitura dos autores do pós 25 de Abril, devendo seleccionar depois aqueles a ser traduzidos na União Soviética. E MANDEI-LHE UMA BOCA foi, de entre outros livros, um deles.

— Sugeriu-lhe ela o prosseguimento do tema?

Não foi exactamente assim. A Elena voltou a ter outra bolsa para cá vir, e anunciou-me com grande entusiasmo que iria, ela própria, traduzir o meu livro. Passou alguns serões em minha casa para falarmos nas dificuldades que lhe haviam surgido ao longo do texto, e rimos bastante por causa do título: Não havia equivalente na gíria do seu idioma, e ficou assente que eu pensaria noutro título, o que não foi difícil para mim. Não o foi porque o prof. Jacinto do Prado Coelho me havia pedido uma passagem para publicar na revista *Colóquio/Letras* algum tempo antes de o livro sair das minhas mãos para a tipografia. Eu mostrara-lhe o original, e ele tivera palavras de grande encorajamento para mim. Recordo-me muito bem. Enredou-se também com os meus jovens, deu-me uma citação do Lukács que acrescentei à minha, do Balzac: «La société française allait être l'historien, je ne devais être que le sécrétaire.» Ele achava, ou ele queria, sem dúvida, que no meu livro se encontrasse mais do que isso!

— Do Lukács, estou aqui a ler: «No romance, a intenção ética é sensível mesmo no centro da estruturação de cada pormenor, é, no seu conteúdo mais secreto, um elemento eficaz da construção da obra.» Quer comentar?

— Do meu ponto de vista, não quero. Ou não devo. As críticas não foram extraordinárias, somente o livro se esgotou rapidamente. Foi «best-seller» na Feira do Livro de 77, ultrapassado depois por «O que diz Molero», do Diniz Machado, que apareceu no final da Feira e que foi muito bem recebido. Devo, no entanto, dizer que a crítica era escassa, mesmo em relação a outros utores.

Mas voltemos à conversa com a Elena, à minha não dificuldade em lhe encontrar outro título de possível tradução na União Soviética. A revista *Colóquio/Letras* só publica inéditos e, ao enviar o meu texto, eu tive de fazê-lo com um título que não fosse o do romance. Quero eu dizer, estava fora de questão «Mandei-lhe uma Boca»: E eu dei-lhe o título que também poderia ter sido o definitivo: «Doce de Laranja Amarga». Ainda hoje tenho pena de não ter optado por esse. Dava até uma outra leitura do texto, mas «Mandei-lhe uma Boca» divertia-me. Era uma nova gíria, como «mandar vir», «estar flipadinho», etc., você deve lembrar-se. Fiz um glossário de todos esses termos para escrever o livro. Como agora, em SARA, os brasileirismos: «chiquérrimo», «estar a curtir», «estar a transar», e outros.

— E então foi esse «Doce de Laranja Amarga» na tradução soviética...

Não exactamente. Eu disse-lhe no princípio desta nossa conversa que, para o primeiro esboço de SARA, deve ter sido decisivo o meu encontro com Elena Riausowá. É que, nas reuniões que tivemos para trabalhar a tradução, ela não cessou de me dizer o quanto achava importante que o tema da juventude fosse tratado em literatura. Lamentando até que os escritores seus compatriotas sobre ele se não debrussassem. Funcionaria isto em mim como um pequeno alerta? Não saberei dizê-lo, mas anoto sempre que ficou gravado, paralelamente a um olhar que se me impunha para a movimentação da juventude em seu comportamento. Como a memória é carne viva — desculpe a feia, mas súbita metáfora — algo se me tornou muito evidente, o ter apenas focado um certo grupo social. De resto, havia outros jovens, havia muitos jovens, e para quase todos a liberdade era lindíssima. Comecei a sentir dentro de mim um excesso que um grande amor ou uma falha provocam. O amor por eles, a falha de não ter falado de tantos. Foi o nascimento de SARA.

— Que levou muito tempo a escrever?

Sempre a pensar em SARA escrevi ORA ESQUARDAE, a que chamei o «mural» da revolução. Escrevi O LIVRO DE OLOTOLILISOBI, que alguma crítica viu, muito bem, não ser um livro de poesia inocente. Levei, depois, quase dois anos a escrever SARA. Contactando jovens, convivendo o mais possível com eles, mas estive quase a desistir logo no início. Contudo, há pequenos-nadas que são determinantes no percurso de cada um de nós. Neste caso, foi a apresentação de ORA ESGUARDAE na Associação Portuguesa de Escritores. No meio da audiência estava um jovem que me dirigiu a palavra no final. Devia ter cerca de vinte anos e disse-me que era actor. Disse-me mais: que lera a minha entrevista no *Jornal de Letras* em que falava no meu projecto de escrever a continuação de MANDEI-LHE UMA BOCA. Felicitou-me, demonstrando uma grande alegria pela possibilidade que lhe iria dar de um reencontro com SARA. «A minha namorada», disse. Sabe que nunca esqueci este jovem? Julgo ter ele sido o meu interlocutor durante o tempo que se seguiu e que não foi fácil. Tinha, por fim, o livro quase pronto e não gostava dele. Não estava uma escrita verdadeiramente legível, era pouco solta, havia nele um certo tipo de trabalho oficinal que não desejava nestas páginas. Um dia, no Verão, enchi-me de coragem e rasguei-o. Estive umas horas a ouvir música. Julgo que a curar-me de um desgosto! Depois, senti-me muito forte, de repente, sentei-me à máquina e escrevi durante dez horas e meia. Não, não diga nada: Claro que interrompi, de vez em quando, para comer qualquer coisa: Levei cerca de sete meses a escrever SARA, mesmo dando depois quatro horas de aulas todos os dias, o que nem sempre me deixava interiormente muito disponível para criar.

— Será que Sara pensa que as outras pessoas são meros objectos? Não se torna necessário um diálogo com as circunstâncias, com o meio ambiente em que vive?

Isso arrasta-nos para aquela conversa que tivemos ainda agora quando tomávamos a bica! A sublimação da pedra! Dar-lhe a cintilação do Sol! Teremos de recordar que Sara é muito jovem, ainda está no desbravamento de certos códigos, no espanto desses mesmos códigos. Por outro lado, ela tem o vício da procura, do aprofundizar. A certo passo do seu diário — que ela transforma em romance! — escreve: «O inessencial é o que existe dentro de todas as pessoas, e até dentro de mim. Mas dentro de mim existe também o desejo da busca do essencial.» Além disso, esta jovem tem um ambiente familiar pouco favorável à alegria. Repare como ela foi capaz de notar que o amor dela pelo Brandy jamais era difícil. O Brandy, o seu cão. Exterior a ela, tudo aparece nada suavizante, como temos de concordar. Um dia, e um dia de grande desânimo, vê-la-emos voltar-se para as Artes. As Artes como refúgio, como porto de abrigo, para usar um lugar-comum. Chamalhes ela *terra amante*.

Talvez seja agora oportuno o eu dizer-lhe que os dois versos de António Machado, em epígrafe (*«Caminante, no hay camino/Se hace camino al andar»*) *dão-nos conta do grande labor de Sara na superfinalidade da sua busca. Sara não é um computador que regista, ela julga. Porém, não o faz por luxo, vê-mo-la passo- a- passo a sofrer pelo que recolhe dessa observação. Contudo, ela ama. Ama a mãe, e até a defende. Do pai, da irmã, da circunstância que é o fútil acontecer dos seus dias fora e dentro do Clube do Bridge.*

Ama a irmã, muito embora se defrontando com os seus actuais códigos de vida que não são de certo modo os seus. Etc., etc.

— Falando da transsexualidade, da droga e do alcoolismo, temas que estão focados no romance, pretende-se demonstrar que existe uma procura de novos caminhos?

— Essa procura torna-se evidente. Em todas as gerações há um túnel, sabemo-lo, com várias manifestações. A transsexualidade, o alcoolismo e a droga é, nestes jovens, a face destacada de uma enorme desorientação, de falta de ternura, de carências por revelar. A problemática do Amor está também aqui sempre subjacente. Por exemplo, o Lauro, no seu relacionamento com o Dino e com a Gabriela. Estará o Amor, na verdade, em questão? Partilhavam a habitação, a roupa, as sebentas, os petiscos que os pais lhes mandavam, o partilharem também um dia a Gabriela é tema para uma longa conversa.

Um outro caso, o Luís Pedro. Com uma relação amorosa com um amigo e a namorar a Tucha. E o Guilherme a insultá-lo, a chamar-lhe «bichona».

Independentemente de entender ou não entender o fenómeno, apercebo-me de que existe uma séria confusão de identidade em várias gerações. Existe uma grave situação de angústia, inclusivamente angústia de morte que está latente nesta atitude de procura, no quererem libertar-se de uma insatisfação. Ser homem, ser mulher, o que é?

— Ora focando agora um aspecto específico da transsexualidade, a homossexualidade feminina, a Olga Gonçalves não pensará que, em certos casos, o lesbianismo não se assemelha a uma mera obediência a um código de um período confuso?

— De certa maneira, todas as gerações brincaram com o seu reflexo.

Um brincar agónico, um caminhar nas trevas. O trabalho de viver é difícil e inexplicável, nunca sabemos quando chega o amadurecimento e se ele é assim tão necessário! Parece-nos que sim! O nosso «eu» srge-nos sempre magnífico, magnífica a liberdade no acto e na palavra.

Como estou a responder-lhe com o que, à primeira vista, parecerá um caudal de abstracções, vou tentar responder à sua pergunta. Do ponto de vista psicológico, lê-se, a homossexualidade feminina é susceptível de surgir na sequência de uma experiência heterossexual difícil, na sequência de uma decepção com um homem. O mesmo, relativamente ao homem, no caso de uma decepção com uma mulher.

Os psicanalistas consideram a homossexualidade feminina menos grave, dizem eles menos neurótica do que a masculina, susceptível mais facilmente de a conduzirem a um comportamento bissexuado. A mulher age à homossexualidade na sequência de um desapontamento com um homem, pode contudo regressar mais facilmente ao sexo oposto.

Sobre os nossos códigos, o que dirão deste assunto os cientistas dentro de cem anos? Que não soubemos resolver este enigma? Que, de uma visão tão fácil, andamos a fazer um pesadelo? Terão, sem dúvida, uma compreensão mais lata do que somos agora. O cérebro humano terá evoluído, quais serão as suas descobertas?

«Só há destroço nos limites», uma frase de Riva neste livro e que o Pedro Alvim me disse que gostou. O limite é a morte de tudo, mas sabemos que sem filhos não haverá uma futura evolução biológica, e sentimos como desejável que o género humano não termine e avance.

— Por vezes quando uma mulher transsexual deseja ter um filho, não quererá tomar só para si o objecto dessa relação? Essa atitude não representará uma certa hostilidade em relação a esse pai, como homem, sexo oposto ao dela própria?

— Acho que é necessário dialogar com as circunstâncias. Encontramos isso, como sabe, também em mães solteiras, mulheres que prescindem da figura paterna para criarem um filho. De novo irei recorrer à psicologia do nosso tempo que nos diz ser importante, à criança, essa figura paterna tão importante como a da mãe.

Numa relação amorosa entre uma mulher e um homem a rejeição deste tem fatalmente de ser resultante da «morte» dele no espaço em que habitaram.

Criar um filho sobre uma «morte» parece-me terrível, um acontecimento vivido tão individualmente que deixará a sua marca negativa. Porque, ou o momento em que a criança foi concebida pode ter sido de amor, ou o homem foi escolhido como objecto para o fim da maternidade. O primeiro é mesmo um caso de morte, o segundo é um caso que não merece nome, parece-me, em qualquer idioma. Há um dedo sangrento, porém, no meio de tudo isto. O homem é necessariamente tomado como rival. Porque não a gratifica suficientemente? Por que a desgostou? Por que, por exemplo, em criança, não a estimulou bastante, ou até a decepcionou?

Voltamos, voltamos sempre à situação Edipiana. E a hora de julgar requer muita delicadeza, eu acho. Eu acho que estes comportamentos são sempre refractados por lágrimas.

— Por que fala de lágrimas, pára, e me sorri?

— Lembrei-me de repente dos quatro amigos a quem dedico este livro. O doutor João dos Santos, neste momento muito doente, a Tereza Ferreira, o Orlando Fialho e o João Seabra Diniz. Creio que a certas perguntas eles dariam muito melhores respostas! São psicanalistas!

Pedro Alvim

Alice Vieira

É importante dar à criança a percepção de que tem recursos para sobreviver

«Flor de Mel», o último romance de Alice Vieira, é um livro surpreendente.
Surpreendente de beleza, de harmonia, de seriedade e de ensinamento.
Surpreendente porque mostra, com todas essas qualidades, aquilo que os manuais de pedagogia insistem em dizer, por vezes de modo muito teórico e muito complicado: a criança não é um adulto em ponto pequeno; é um ser com o seu mundo próprio, com as suas regras próprias e, sobretudo, à sua dimensão.
«Flor de Mel» é ainda um livro exigente porque a autora teve a coragem e a ousadia de se situar no interior do universo infantil, dando ao leitor a possibilidade de compreender os mecanismos de relacionamento da criança com a realidade que a circunda.

Alice Vieira, depois de 10 livros e dois prémios (da editorial Caminho pelo Ano Internacional da Criança e Gulbenkian de Literatura Infantil/83): pausa para respirar fundo

PARA quem acompanha a evolução de Alice Vieira como autora de romances sobre crianças, a partir de «Rosa, minha irmã Rosa», apercebe-se de que «Flor de Mel» é um marco na sua obra. Poderá dizer-se um «ponto de viragem»?

— Não tenho consciência de que seja uma viragem — responde Alice. — Só quando começo a escrever sei o que vou fazer. Acontece-me sempre isso. Mas neste caso senti que se tratava da mistura do nosso viver quotidiano e da imaginação da criança e que era uma maneira diferente de contar uma história.

— Ao ler «Flor de Mel» tive a sensação de me situar no interior de Melinda, a protagonista, e ver, através dos olhos dela, a vida correr lá fora e, simultaneamente, «os cordelinhos» que se moviam em Melinda a partir dos estímulos exteriores. Para mim, não é apenas uma maneira diferente de contar a história. Há, de facto, uma incursão pela mente da criança, pelos seus mecanismos de reacção e de compensação. Por isso me parece uma viragem e um livro de maturidade. Isso é apenas fruto de observação e do talento ou tiveste a preocupação de te documentares sobre o tema?

— Se estudei a mente da criança? Pois claro que tive de estudar, tive de me documentar não propriamente para escrever o livro, mas por outras razões. Quando escrevi «Rosa, minha irmã Rosa», o conhecimento que tinha da criança, para além da criança que eu própria fui e do conhecimento dos meus filhos, era rasteiro, empírico. Mas neste país acontece uma coisa com piada: mal uma pessoa escreve um livro para crianças, passa logo a ser visto como um especialista. Também me aconteceu isso. Logo a seguir à «Rosa», comecei a ser solicitada para falar aqui e ali e para participar em muitas sessões em escolas. Aí tive de documentar-me. Outros trabalhos se seguiram, agora estou, por exemplo, a intervir em acções de formação de monitores de creches e ATL's, da Amadora. São várias sessões por semana e considero que tem sido um trabalho muito proveitoso. Portanto, «Flor de Mel» é o décimo livro que escrevo e é com certeza fruto desse contacto muito mais alargado com crianças por esse país fora. Foram, sobretudo, os miúdos de fora de Lisboa, dos grandes centros periféricos, que me deram uma ideia mais exacta da realidade das crianças para quem devo escrever.

«A nossa realidade infantil é extremamente cruel»

— Não receaste que o livro fosse demasiado triste para esse público?

— Ainda agora recebi uma carta de alunos de uma escola que me dizem: «É um bocadinho triste mas gostamos disto pois está escrito dum modo muito bonito». E convidam-me a ir lá à escola, acrescentando que ficam à janela, como a Melinda, à espera que eu lá vá. Concordo que o livro não é muito alegre. Mas em literatura infantil não há regras e em Portugal andamos todos a ver como é. Quando se quer fazer de facto uma coisa diferente (esquemas de aventuras é o que mais há) andamos a tactear. Por mim penso que as crianças conseguem entender coisas menos alegres e coisas mais difíceis. Penso que cada vez mais não se deve ter receio de escrever sobre essas coisas. Até porque a nossa realidade infantil é extremamente cruel...

— Em que aspecto?

— Nos aspectos da violência física, psicológica, de crianças perfeitamente desamparadas, entregues a si próprias ou às instituições onde passam grande parte do seu dia. As crianças hoje são muito mais o produto do monitor, do professor, do que o produto do convívio com os pais. Isso gera muitos problemas, grandes dificuldades de comunicação, de instabilidade. Temos de ter consciência disso porque estamos muitas vezes a escrever para crianças que já nasceram com 100 anos em cima. E as crianças, como os adultos, devem ter a idade que de facto têm.

— Como achas que essa situação se devia resolver?

— Para já há uma grande hipocrisia por parte dos responsáveis que encaram sempre as crianças de uma maneira mítica. Citam vezes sem conta que o melhor do mundo são as crianças, mas negligenciam o que lhes diz directamente respeito. Os programas escolares, por exemplo, não têm nada a ver com essas crianças adultas antes de tempo. Aí deve incidir a grande acção dos professores porque as crianças precisam de ser estimuladas, acarinhadas, os professores são muitas vezes as suas mães, pais, avós. Ora, como se sabe, a classe docente é das mais maltratadas. Refiro-me em particular à educação pré-escolar, ao ensino primário e ao preparatório. Deveriam ser os professores a dar às crianças uma visão mais optimista. Acho que a criança é cada vez mais aquilo que o professor consegue que ela seja.

Deixar uma certa esperança

— Curiosamente, Melinda Flor de Mel não entrou ainda na escola e tem, de facto, à partida, todas as condições, aos olhos do adulto, para ser uma «criancinha desgraçadinha, sem pai sem mãe sem ninguém».

Mas assim não é, de facto. Ela tem as suas dores e as suas alegrias à dimensão da sua pouca idade. Aí a solução foi outra, não passou pelo professor.

— Ela tem aquela capacidade de reagir criando um universo imaginário. A avó legou-lhe um pouco esse imaginário. Quando a avó morre, ela compensa essa perda com a descoberta de uma fada-madrinha. No final não quis acabar em tom menor, triste, desesperançado. Procuro sempre deixar uma certa esperança, no que vai acontecer depois. Neste caso, podia no fim deixar a criança sem mãe, mas preferi deixar a liberdade a cada um de interpretar o final como quiser. A vida pode ou não melhorar para Melinda: mas ela está já a preparar-se para a pior hipótese, encontrando uma compensação. Acho que não há que ter medo de falar à criança nos factos menos sorridentes da vida. Pelo contrário, há que desdramatizá-los e sobretudo há que dar à criança a percepção de que ela tem em si recursos para sobreviver. Fazer uma criança acreditar em si própria: acho que isso é muito importante.

— Apesar de tudo, pareceu-me que o teu penúltimo livro, «Águas de Verão», é muito mais triste, com menos «recursos».

— Não sei se já passaste alguma vez férias em termas. Eu passei quando criança. E «Águas de Verão» é o meu livro mais autobiográfico. A minha infância não foi muito agradável...

— Ao contrário da maioria dos adultos que se esquece rapidamente de que já foi criança, tu pareces viver lado a lado com a criança que foste. Como encaras esse convívio?

— Tenho-me dado muito bem com a criança que fui. Penso que precisava disto. Talvez que escrever seja para mim também uma terapia, que me dá a possibilidade de expulsar os meus fantasmas. E talvez isso me tenha dado facilidade de convívio com as crianças. Um dia uma, numa dessas sessões de escola, até me perguntou o que eu queria ser quando fosse grande...

— E quanto à técnica narrativa, sentes que houve também uma mudança?

— Quando comecei a escrever estava muito viciada num certo tipo de escrita que me levava a escrever com pouco diálogo. Era-me muito difícil construir o diálogo. Hoje é muito mais fácil, aos poucos tenho-o introduzido. Depois penso que a narrativa deste livro não é muito acessível ao público infantil, pelo menos em certos capítulos. Mas eu penso que também escrevo para jovens e adultos, ou pelo menos desejava que assim fosse. Quanto às crianças acho que é preciso «apanhá-las» ou pelo ritmo ou pela palavra. Não uso linguagem propositadamente infantil e entendo que as crianças, o que não entendem hoje, entenderão amanhã. Mas já agora acrescento que este foi um livro difícil de escrever. Foi um parto doloroso e prolongado. Pensei muito em cada frase que escrevia, na criação das personagens. Será muito negro demais para as crianças? pensava eu. Isso nunca me tinha acontecido. Levei seis meses a escrevê-lo, enquanto que a «Rosa» levou menos de um mês.

— A propósito da «Rosa», quando em 79 conversámos sobre o prémio do Ano Internacional da Criança, com que o livro foi galardoado, disseste-me que irias continuar. Mas escreveste mais dois romances dessa série e paraste. Que se passa?

— Bom, já me perguntaram «quando é que a Rosa nomora». De facto, não sei. Não gosto de séries muito compridas. Habituam as crianças a um esquema, e não gosto. Continuar essa série não está nos meus projectos imediatos, não me sinto já muito virada para isso. No entanto, não ponho a ideia de parte.

— Também me falaste em escrever um romance para adultos que, se bem me lembro, tinhas na forja nessa altura.

— Vou tendo sempre. É o mesmo, é outros. Tenho muita coisa, mas pronta não está nenhuma. E não há-de estar para já. Talvez quando for velhinha e reformada. Sinto-me muito bem assim onde estou. Se calhar sou muito mais necessária às crianças do que aos adultos. Os adultos ja têm muita gente a escrever para eles.

— E outros projectos? A televisão, por exemplo, onde já tens colaborado...

— A televisão não é o meu meio de comunicação adequado. O meu será sempre o da palavra escrita. Quanto a outros projectos, eles vão nascendo à medida que ponho as frases no papel. Neste momento, depois de escrever 10 livros, estou a respirar fundo.

Manuela Alves

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Capítulo XV

A folha arrancada

HANS LUCAS calou-se por instantes de auscultador na mão, ouvindo o que Kathy lhe dizia. Tomou nota de qualquer coisa num pequeno bloco-notas, viu as horas, despediu-se amistosamente e desligou. Depois voltou vagarosamente para junto de mim, a ruga marciana acentuando-se-lhe na testa.

Eu sentava-me à mesa aturdido, repousando a mão entrapada sobre a toalha, com as pernas abertas e o olhar vago, como um Van Gogh auto-retratado ao tomar consciência de uma profunda traição. Ele instalou-se diante de mim, retomando por delicadeza o fio do que me dizia antes do telefonema de Kathy:

— Vai perdoar-me esta atitude de director de consciência — disse ele — mas não consigo deixar de sentir alguma simpatia por si desde aquele triste assunto da pensão em Lisboa. Kathy, com quem estou a preparar o meu novo filme, disse-me que você anda meio fugido à Polícia, e que ainda ontem se viu metido em apuros com uma qualquer rapariga, a poucos quilómetros daqui. Precisa de ajuda?

Portanto, Kathy não lhe contara que os «apuros» em que me vira metido lhe diziam directamente respeito a ela, e que consistiam numa tentativa de homicídio sobre a sua pessoa, seguida de uma hora de amor em nada desculpabilizante, mas cúmplice daquela. Eu não me sentia minimamente interesssado pela conversa de Lucas e, passado o primeiro momento de ciúme, já estava disposto a esquecer Kathy por um novo par de anos — há muito que a nossa relação incluia esses largos períodos de alheamento mútuo. Concretamente, a cena na igreja de Arezzo seguira-se a vinte meses, pelo menos, em que não tivera quaisquer notícias dela, a não ser, há dias, pelo *barman* de Amesterdão. Lucas insistiu:

— Você devia, para começar, tratar dessa mão. Parece interessar-se muito por si, Kathy. Vou contar-lhe como a conheci: há seis ou sete meses, eu dedicava-me a tráficos muito rendosos, mas um pouco perigosos. Ela comprava-me mercadoria, mas em breve se tornou, por sua vez, «dealer». Fomos apanhados ao mesmo tempo mas conseguimos não ser acusados senão de consumo. A coisa passou-se na Holanda, e escapámos com uma pequena pena suspensa. Suponho que o tribunal se deixou influenciar por alguma notoriedade que eu adquiri através dos meus filmes. Porém eu tinha ficado a dever alguns fornecimentos a pessoas que mos tinham pago antecipadamente e não estava, na altura, em condições e os satisfazer. Precisei, portanto, de me pôr a salvo durante algum tempo. Kathy e eu começámos por ir celebrar a nossa pena suspensa a casa dela, em Amesterdão, e eu acabei por lá ficar uma temporada, à espera que o levante passasse... Não vá pensar coisas: apenas fiquei lá refugiado durante um tempo, numa espécie de anexo, como a Anne Frank...

Definitivamente, aquelas memórias piedosas em nada me interessavam. Resolvi avançar para a mesa uma cartada que concebera ainda em Lisboa, e que não passava, para já, de um mero tiro no escuro.

— Oiça, as vossas histórias são de uma chateza mortal. Lembra-se do cão? Do *labrador* do seu patrão americano, lá em Lisboa?

Hans Lucas hesitou um momento mas lembrou-se efectivamente. Eu continuei:

— Sabe que o achei parecido consigo? Tão dependente das histórias dos outros, tão colado às pernas dos terceiros que se transformam facilmente em seus donos?

Lucas sorriu: era daqueles que, quando são ofendidos, respondem sorrindo, tornando-se muito mais calmos, para pensarem seguramente na maneira de responder. Além disso, eu tinha passado para a ofensiva, coisa que, porventura, ele não esperava. Demorou, pois, um momento a reagir, mas reagiu bem:

— Problema seu, sem dúvida, esse modo de fabricar tantas imagens arriscadas acerca dos outros... talvez por isso tenha ficado com a mão nesse estado. Lembrar-se-á você de que eu o filmei durante quase um minuto, em grande plano? O filme não se estragou e guardo-o em perfeito estado.

Aquilo prenunciava chantagem. Retomei o fio dos meus pensamentos:

— Há pouco, quando o telefone tocou, julguei que era para mim. Desde há tempos que ando a receber telefonemas de alguém que sabe sempre onde me encontro, e que também mostra uma grande «curiosidade» pela minha pessoa. Ora, desde que vim para Arezzo que não sou contactado... e venho precisamente encontrá-lo a si, em pessoa, num local onde só por extraordinária coincidência dois quase desconhecidos podem cruzar-se. Ainda por cima você conhece Kathy, que também encontrei inesperadamente em Arezzo. Acho um pouco estranho que ninguém me telefone e que você esteja, precisamente, sentado aqui, à minha frente.

— Homem — insistiu Lucas sem dar importância ao que ouvia — você não quer perceber: devido à sua espantosa inépcia, saiu precipitadamente de uma pensão onde tinha sido cometido um crime, tornando-se no suspeito número um. Eu filmei-o longamente e conheço a sua identidade através de Kathy. Agora venho preparar um filme e tropeço novamente em si. Não o denunciei e estou a oferecer-lhe um pequeno-almoço e alguma ajuda. (Sorriu novamente). Parece-me que você está a reagir como um ingrato. Coma ao menos os seus bolinhos.

Eu não desarmei:

— Se porventura for você o autor dos telefonemas, é evidente que não me verei livre de si facilmente. Já me enterrei o suficiente nesta história teleguiada para poder esperar simplesmente que me esqueça. nesse caso — disse eu lentamente, tentando perceber o efeito das minhas palavras sobre ele — só me restaria liquidá-lo a si. Mas antes, gostaria de ter percebido o que pretendia você exactamente.

Lucas considerou-me, pela primeira vez, com atenção e sem o seu sorriso cauteloso:

— Pelo que me diz, você recebe telefonemas anónimos, deixa-se conduzir como um tolo, não consegue sair sozinho das situações em que se mete, e dá-se ao luxo de ameaçar-me porque nutro por si uma simpatia que comecei por lhe confessar. Decididamente, não consegue libertar-se dessa agressividade infantil que me testemunhou lá na pensão, em Lisboa. Não passa de um animal acossado pelos seus caçadores! Isso decepciona boa parte das minhas intenções a seu respeito. Agora tenho de ir à vida. Espero que continue a divertir-se.

Levantou-se e eu levantei-me também. Ele meteu as mãos nos bolsos à procura da chave do seu carro e fez um sinal à recepção parfa que lhe levassem mala e máquinas de filmar lá parafora. Eu acrescentei ainda, como se não o tivesse ouvido:

— Claro que você poderia apenas ser um tarado dum «voyeur» que precisa absolutamente de ver fazer a outro aquilo que não se consegue fazer.

Lucas riu desta vez abertamente, já de partida, e disse-me, sem voltar oferecera ajuda:

— Meu caro, *fazer* e *ver fazer* andaram dissociados demasiado tempo. Um realizador de cinema liga as duas coisas como sabe e pode, mas é evidente que essa associação é sempre escandalosa para os outros, mesmo os que gostam dos filmes que ele faz. Espero voltar a encontrá-lo em melhor forma. Dou inteiramente como perdido o tempo que passei aqui consigo.

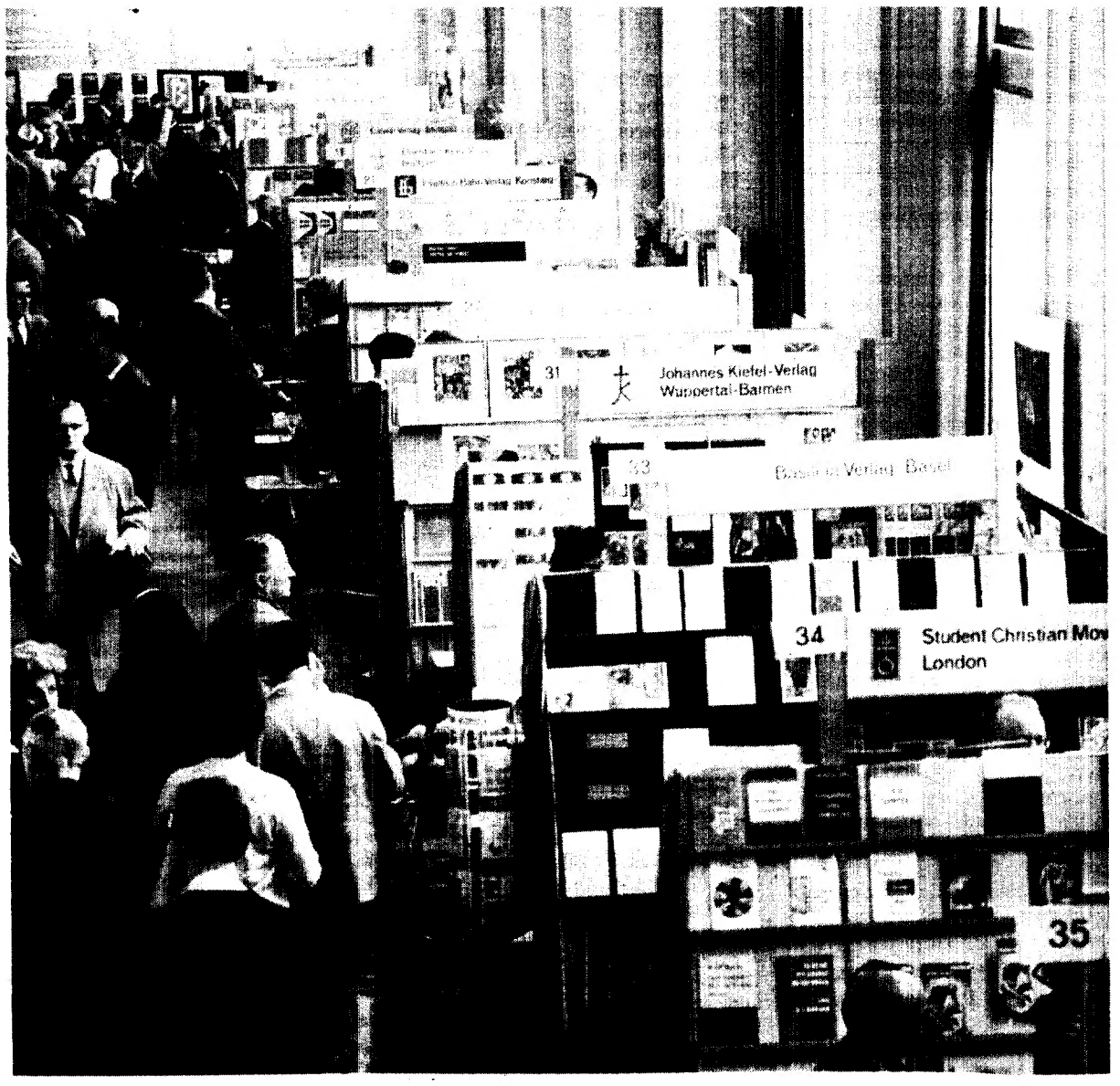
Aquilo foi como se ele tivesse saído batendo com a porta.

Olhei para o lugar que ele deixara vazio e só então dei pelo bloco-notas em que ele escrevinhara qualquer coisa durante o telefonema de Kathy. Lucas arrancara a folha em que escrevera umas palavras, mas o vinco da esferogfráfica passara para a seguinte, em branco. Aquele «esquecimento» não podia ser senão intencional, embora se tratasse de um gesto excessivamente óbvio. Era como se ele descesse a parada para problemas elementares, convencido de que eu não estava à altura de coisas mais complexas. Senti-me vexado, mas peguei no livrinho. Decifrar o que fora escrito na folha arrancada era, de facto, uma brincadeira de criança.

(Continua)

O tempo das feiras: Frankfurt

A maior livraria do mundo! Trezentos e vinte mil títulos de todos os géneros, em todas as línguas, vindos de cerca de oitenta países e aglomerados em 10 000 metros quadrados... Quer se goste ou não de ler, encontrar-se-á motivos de sobra para entontecer-se, sentir-se atraído, para saturar-se: pois esses livros, ninguém (ou quase) os lê, ninguém os compra. É a Feira...



Pela trigésima oitava vez, a Feira do Livro — a Buchmesse — teve lugar em Frankfurt-sobre o Main, reunindo durante seis dias — de 1 a 6 de Outubro — o conjunto de uma corporação à escala mundial: depois da II Guerra Mundial, e da divisão da Alemanha, os editores da Alemanha Ocidental sentiram a necessidade de encontrar um equivalente para a antiga Feira de Leipzig e, 1949, duzentas e cinco casas editoriais alemãs, expuseram pela primeira vez numa igreja ilustre, Paulskirche. Pensada de início como um encontro entre livrarias e editoras, para fazerem as suas encomendas, debaterem as condições de pagamento e entrega e aumentar contactos, essa manifestação tornou-se o lugar «incontornável» para os profissionais do livro, mesmo que alguns, de memória mais tenazmente ferida, recusassem por muito tempo encontrar-se na Alemanha. «Eu só vim a partir de 1961», diz-nos Roger Straus, o editor de I.B. Singer, de Philip Roth, de Tom Wolfe, que festejou este ano o 40.º aniversário da Editora Farrar, Straus e Giroux. «Não esqueci o passado». Mas não concebe deixar de vir um ano que seja, defensor incansável da literatura do empreendimento artesanal num mundo editorial cada vez mais fagócito pelos grandes grupos. «Odeio os aglomerados: são a morte da edição tal como eu gosto» continua Roger Straus, que sempre se bateu pela independência da sua casa.

A tendência actual, portanto, é a concentração. E só se fala, nos «stands», nas recepções ou defronte das virtualhas, das «grandes manobras» do momento:

— O resgate (por 500 milhões de dólares, consta) da Doubledaz pelo «gigante» oeste alemão Bertelsmann, também proprietário da Bantam; graças a esta aquisição, ele vai possuir o segundo grande clube dos Estados Unidos (depois de Book-of-the-Month Club), o Liberary Guid. A equipa de Baseball New York Mets, que pertence a Doubleday, não foi compreendida natransação, e alguns americanos estimam que, publicitariamente foi um erro:

— A compra por Peter Mayer, jovem director da Peguin (Grã-Bretanha) e da Viking (Estados Unidos) — igualmente proprietário da Overlook Press — da NAL (New American Library), deverá originar uma racionalização das equipas editoriais;

— A chegada ao mercado americano de Lord Weidenfeld — associado à bonita filha de Paul Getty — graças ao resgate de Grove Press, eliminando assim da casa que tinha fundado a Barney Rosset, editor de Samuel Beckett e Henry Miller;

— O grupo alemão comprador da Fischer e da Rowoholt, tornou-se proprietário da casa americana Henry Holt & Co. (antigamente Rinehart, Holt e Winston);

— Quanto à OPA na corrida pelas Presses de la Cité, as conversações vão adiantadas. Depois da compra de 20% das acções do grupo pelo financeiro Carlod de Benedetti (Olivetti, Mondadori), interroga-se sobre o futuro de France-Loisirs, o clube de livros de Bertelsmann que representa mais de 90% dos benefícios de Presses de la Cité. Fala-se de outros investidores possíveis: Hachette, Jimmy Goldsmith, o patrão de «L'Express». Rumores. Rumores...

E que significado pode ter o presente oferecido por Jean-Claude Lattès a Christian Bourgois, que festeja os seus vinte anos de edições — donde uma dezena no interior do grupo Presses de la Cité saindo de um papel dourado, apareceu, antes dos aperitivos, uma bela criatura meio despida, que recitou, em versos de pé quebrado, um cumprimento elogioso «em nome das Edições Hachette». Depois desapareceu, deixando os convidados pasmados.

E dos livros, perguntar-se-á? Esses quilómetros de corredores cheios de volumes, são ainda assim a razão de ser da festa. Frankfurt não é como paris o lugar de um salão, mas uma feira de cedência de direitos, de todos os direitos (tradução, adaptação, co-edição, etc.). Uma espécie de gigantesco escritório em terra estrangeira, privileiado pela exterritorialidade onde se debate numa conversação aquilo que, de outra forma, exigiria muitas trocas de correspondência e de telefonemas. No plano das co-edições, por exemplo, Fr5ankfurt é ncomparável. Já ninguém, desde à dez anos, ousa esperar, o achado miraculoso, o livro-milagre-mistério que traz ao seu editor senão a glória, pelo menos a fortuna. Não há por assim dizer, mais licitações, mais «scripts» que se compram às cegas, mais manuscritos que se devorem numa noite... Mas que de livros nasceram em Frankfurt!

O essencial é, doravante, fazer com que os livros passem as fronteiras. Encontrar os melhores editores possíveis para cada autor. E todos os compradores potenciais estão lá. «É talvez verdade que nós traduzimos poucos livros franceses, mas é impossível hoje em dia esquecer um romancista, um historiador ou um cientista», diz-nos André Schiffrin, o filho do inventor da colecção da «Plêiade», os direitos de Pantheon Books de Nova Iorque. Inumeráveis transacções foram iniciadas, mesmo que não tenham sido definitivamente acordadas, muitas outras foram preparadas antes da Feira; cada vez mais, os directores de colecções encontram-se e falam dos livros que poderão fazer juntos daqui a muitos anos. Toda uma reserva de conhecimentos, de competências, de amizades se estabeleceram; os pequenos editores descobrem os seus homólogos; cada um sente a necessidade de não se limitar ao «Hexágono» ou à francofonia. É significativo que em 1985, segundo os últimos dados estatísticos do sindicato nacional das edições, as cedências de direitos realizados no estrangeiro registaram um aumento de mais de 26%.

François Samuelson, nosso «agente» em Nova Iorque, depois de três anos de actividade da sua agência do livro francês, mostra-se optimista: ele representa nada mais de 22 editores franceses, um dos quais a Gallimard, e, pela primeira vez, constata o interesse pelo jovem romance, desde que vendeu nomeadamente Yann Quefelec (Les Noces Barbares), Paul Thorez (Une vois presque mienne), Philippe Djian (37.º 2 le Matin), Emmanuel Carrère (Bravoure et la Moustache).

Além dos jovens romancistas americanos (Jay Mclverney, Peter Smith, David Leavitt) e espanhóis (Adelaide Garcia Morales, Eduardo Mendonza), italianos (Tabucchi, Pazzi) ou a nova «rainha do romance policial», a britânica P.D. Jones, que fez na anterior semana a cobertura da Time Magazine e onde as Edições Mazarine compraram os direitos antes da Feira, sublinham-se grande número de biografias: duas de Gorbachev (uma delas por Zhorés Medvedev), uma Fidel Castro (pelo jornalista Tad Szulc), uma de Polanski (Edições du Chêne), uma de Berlusconi e de Sindona (editori Riuniti italianos), mas também auto-biografias esperadas: Cory Aquino, que se pode perguntar como é que ela teve tempo para escrever as suas «Memórias»; André Sakharov, que executou a extraordinária proeza, não obstante o incómodo dos que o espiam, de escrever e de fazer remeter os seus escritos; Ingmar Bergman de que Pantheon Books adquiriu os direitos para a língua inlesa por 500 000 dólares; Arthur Miller, etc...

Os editores de Ciência Humanas e de História parecem satisfeitos: Eric Vigne em Fayard, ou então Odile Jacob, que, para a sua primeira Feira, vendeu a bastantes países cada uma das suas publicações: Elisabeth Badinter, Jacques Ruffié, Jean-Didier Vincent, François Gros, etc.

Para o amador da literatura, entretanto, o baptismo de Frankfurt é uma dura prova. «Se ainda queremos escrever, isto é acabrunhante dizia Hector Bianciotti, que veio pela primeira vez à Feira do Livro. A indústria tudo faz naufragar. é desencorajante. É necessário criar uma associação de editores de literatura e não vir mais a Frankfurt», propôs ainda não refeito do choque.

«É preciso voltar a Frankfurt?» perguntava-mo-nos no ano passado depois da Feira. Sempiterna questão, que pede uma só resposta, sempre a mesma, e que me faz lembrar um amigo que sempre que lhe perguntávamos por que motivo continuava no PCF, respondia: «porque continua a ser lá que eu tenho o maior número de probabilidades de encontrar comunistas...» Porque se tem que ir a Frankfurt? Porque é o único sítio onde temos a possibilidade de encontrar todos os editores... E, de descobrir os livros que aparecerão em França dentro de um ano, dez anos ou nunca.

Nicole Zand

O ESSENCIAL DOS TEMAS ESSENCIAIS ESTÁ NA COLECÇÃO ESSENCIAL

Em breves mas substanciais ensaios, reconhecidas autoridades dizem-lhe o essencial sobre grandes temas e grandes personalidades das artes, da história, das ciências e da cultura. Cada volume 100$00!

Colecção Essencial — a mini-enciclopédia ao tamanho da sua bolsa.

cada número - essencial! não deixe nenhum em falta na sua biblioteca

MKM markimage

Acabados de Chegar

■ A Jangada de Pedra, José Saramago, Edição Caminho

Em 1982, José Saramago passou a ser conhecido como o autor de «Memorial do Convento». Dois anos depois era editado «O Ano da Morte de Ricardo Reis». Apesar de não serem os primeiros livros do autor, foi com eles que Saramago se impôs entre o público leitor: 16 edições para a primeira obra e 7 para a segunda. A partir de então Saramago passou também a ser considerado como um dos grandes escritores portugueses contemporâneos. Após um compasso de espera igual àquele que separou as suas obras de marca, o leitor tem agora a oportunidade de conhecer o mais recente livro de Saramago, «Jangada de Pedra». As personagesn são-nos aí apresentadas em situações marcadas por uma relação de causa e efeito, mas em torno delas existe uma «discrição» propositada já que, como diz o escritor: «as vidas não começam quando as pessoas nascem, se assim fosse, cada dia seria um dia ganho, asvidas principiam mais tarde, quantas vezes tarde de mais, para não falar daquelas que mal tendo começado, já acabaram, por isso é que o outro gritou, 'Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido'».

■ O Diário Secreto de Adrian Mole aos 13 Anos e 3/4, Sue Townsend, Difel

Sue Townsend tinha 36 anos e 3/4 quando escreveu este livro e dele o mínimo que se pode dizer é que deve ser lido com urgência. O personagem tem menos vinte e três anos que a autora quando inicia o seu diário. Quando o acaba tem 15 anos completos. É um adolescente surpreendido pelas transformações do corpo e os sinais exteriores dessa mudança, pelo despertar do desejo... Mas Addrian Mole é um adolescente nos anos 80 e o meio que o rodeia dificilmente se ajusta ao tempo normal da «natureza». O seu diário é um escrito da «periferia», de uma Inglaterra «thatcherizada» com três milhões de desempregados, incluindo o seu pai, de um mundo dependente de serviços sociais e afins, de relações em que os conflitos são resolvidos ou atiçados pelo álcool. Apesar destes cenários de desastre, o livro de Sue Townsend não se deixa apanhar pelo drama fácil. A realidade não é aí adoçada ou violentada pela ficção, mas apenas retratada com humor. Talvez seja essa afinal a chave do êxito deste «diário secreto»: dois milhões de exemplares vendidos em Inglaterra.

■ A Virgem e o Cigano, D. H. Lawrence, Assírio & Alvim

«A minha grande religião é acreditar que o sangue e a carne são mais sábios do que a inteligência». A frase de Lawrence é citada por Aníbal Fernandes no prefácio a esta obra póstuma do escritor. Na verdade, ela podia ser utilizada como apresentação das obras de D. H. Lawrence onde o apelo do corpo, da sexualidade, entra frequentemente em luta com as convenções, com o espírito, mas onde aquele é também apresentado enquanto hipótese única de renovação de vidas sem história. O «sangue e a carne» são assim como que a pedrada no charco que agita a estagnação para onde são remetidos os que aceitam a mediação do «senso, da moral». E é mais uma vez em torno dessa ideia-base que se desenrola a narrativa de «A Virgem e o Cigano», onde o próprio corpo de Yvette, a virgem, se encontra marcado pela «hereditariedade» do desejo. Como é habitual nas obras de Lawrence, o elemento que o faz despertar pertence a uma classe inferior ou, pelo menos, à margem, como é o caso do cigano desta história.

■ Epistolário Ibérico, Cartas de Unamuno a Pascoaes, Assírio & Alvim

A primeira edição deste livro foi posta à venda em Angola, em 1957. Os exemplares então publicados desapareceram há muito do mercado. Por isso, a Assíro & Alvim resolveu aproveitar o 50.º aniversáriodа morte de Miguel de Unamuno para — com o patrocónio da Direcção-Geral das Relações Culturais de Espanha — dar a conhecer a outros leitores as cartas trocadas entre o basco Miguel de Unamuno e o português Teixeira de Pascoaes. São, ao todo, cinquenta cartas que testemunham uma amizade iniciada em 1905 quando Unamuno tinha 40 anos e Pascoaes 27.

■ Carta a Francesca Que Já Não Se Droga, Luciano Doddoli, Publicações Dom Quixote, Colecção Viragem

Luciano Doddoli é um jornalista intaliano que tentou ser escritor com o livro «Cartas de um Pai à Filha que se Droga». Como ele próprio reconhece nesta sua nova obra, o livro foi um sucesso. A comunicação (impossível) com a filha tornou-se num assunto público ou melhor, as barreiras à comunicação impostas por um destinatário preciso foram ultrapassadas pela realidade de um destinatário incerto. As cartas são à vez um exercício de autocompaixão estimulado pelos possíveis olhares de outros, e uma confissão pública de culpa. Três anos depois da última missiva, Francesca já não se droga — «a heroína é agora um electrodoméstico» — mas Luciano Doddoli, talvez atormentado pela ideia de incesto, acabou por viciar-se nessa «cura» que é a confissão.

■ Árvore & Tambor, Corsino Fontes, Publicações Dom Quixote / Instituto Cabo-Verdiano do Livro, Colecção Autores de Língua Portuguesa

Corsino Fontes é actualmente embaixador de Cabo Verde em Angola, tendo já desempenhado este cargo em Portugal, entre 1975 e 1981. Foi também o delegado de Cabo Verde ao Encontro de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, realizado este ano no Brasil. Em 1973 tinha escrito um livro de poemas chamado «Pão & Fonema». Treze anos depois, «Árvore & Tambor» surge como sendo uma sua continuação. São poemas de um ilhéu, onde o mar e África constituem referências permanentes. Mas são também poemas de um militante que acredita na frase de Amílca Cabral: «Toda a revolução é um acto de cultura» e que fala assim do seu partido, o PAIGC: «É a potência fálica da terra + A potência famélica do povo / É o povo do coração em marcha sob a bandeira de Pidjiguiti / É a árvore de Boé + A proa do arquipélago que abalroa»...

Zambujal:
Logo se vê

MÁRIO ZAMBUJAL acaba de lançar publicamente o seu novo livro «À Noite Logo se Vê», editado simultaneamente pelo Círculo de Leitores (para distribuição pelos sócios) e pelas Edições Rolim (para venda ao público).

Duas curiosidades surpreenderam os assistentes da sessão de lançamento: o facto de o livro se apresentar com capas bem sugestivas mas diferentes conforme as editoras, por um lado; e o texto, curto mas magnífico, que Mário Zambujal tirou do bolso para ler ao respeitável público em jeito de apresentação-lançamento, por outro.

De resto, Mário Zambujal chamou a esse texto exactamente «O Lançamento», o qual, pela sua originalidade e humor, transcrevemos na íntegra:

O Lançamento

«Acordou com frio e afligiu-se: estarei eu a perder a temperatura?

Perdera muito na vida: a cabeça, o pé, a prudência, dois dentes, o comboio — mas nunca tinha perdido a temperatura. Logo hoje, gemeu. Foi descobrir o termómetro na gaveta dos talheres e mediu-se: trinta e três e oito. Meu Deus, é abaixo dos valores normais da época!

Encontrou o pijama de flanela arquivado na pasta dos pendentes e enrolou-se em duas mantas de lã, pura e virgem — coisas das lãs...

Voltou ao termómetro, o frio subira para os 27 graus. Logo hoje, logo hoje, convidado para a sessão de lançamento, autor amigo íntimo, unha com carne.

Friccionou-se com álcool: era a primeira vez que se friccionava com álcool, por fora.

O termómetro desanimou para os 19 graus.

Correu a ouvir o boletim meteorológico e consolou-se: mesmo assim estou mais quente que Bragança, Guarda e Penhas Douradas, empatado com Porto, Lisboa e Beja e quase tão ameno como o Algarve. Talvez para ir ao lançamento.

Mas daí a nada, mesmo enroscado ao sol da varanda, esfriou para os nove graus.

Transpirou: era um suor cremoso e branco, a custo percebeu que suava neve.

...Mas os pingos que lhe tombavam da testa faziam toc-toc no soalho: granizo.

Quando o mercúrio escorregou para os quatro graus, teve a certeza: ia perder a temperatura toda. Toda. Logo hoje, chorou — e as lágrimas tamborilaram nas lentes dos óculos.

Dois graus! Não tardaria a transformar-se numa pedra de gelo! A perspectiva arrepiava: que faço eu, como pedra de gelo? Para que serve uma pedra de gelo? Então, bateu com a mão gelada no gelo da testa e gritou: Eureka! Eureka connosco! Vou afogar-me num copo de uísque!

Assim fez — bebeu-se gostosamente à vossa saúde... e recuperou o calor humano!»

Claro: como logo se viu, Mário Zambujal e os amigos que o rodeavam na sessão-lançamento, levantaram os copos e beberam mesmo.

O eu nos outros

Até ao risco simples do número um

A súbita apreensão de um ordenamento absoluto acometenos, por exemplo, quando nos ficamos por uma contagem até três. Imaginemo-nos no espaço da noite: com a mão em nós, contamos 1; com a mão para a Terra, contamos 2; e com a mão para a Lua, contamos 3. Nesse momento, assim em triângulo, sentimo-nos na posse de uma ordem grande. Mas é um breve instante — e toda essa unidade se desmorona quando, mais longe, nos fixamos nos contornos da paisagem. Vejamo-la, num primeiro tempo, como massa obscura — e, num tempo segundo, como uma série de troncos e copas, de ramos e folhas, de sombra e luz. É um todo, mas são também partes que, lentamente, vamos identificando uma por uma. E então sentimo-nos diluídos em fracções.

Demoremo-nos agora no caracol nocturno.

Saiu de algures, de um interstício de pedra fria, e arrasta-se vagarosamente sob o céu estrelado. Porque o luar o toma, tem a Lua em crescente incrustada na casca. E porque se movimenta sobre os grãos minúsculos da Terra, segundo a segundo, minuto a minuto, tem em seus milímetros o Universo todo. Por uma fracção mínima de tempo, o caracol nocturno é por nós assumido como absoluto ordenamento de toda a existência.

«Unidade em movimento» — concluímos ajoelhados na soma da nossa observação.

E o imenso «puzzle» das nossas noções, das mais próximas às mais distantes, concentra-se, atraído por vertiginosa gravidade, nesse caracol nocturno, o mesmo sítio sem estar no mesmo sítio, embebido por todo o mapa do céu. Tão leve — e é um peso de toneladas sob os nossos olhos, esmagado de memória, explosivo de espirais galácticas. O todo, enfim, em solene andamento.

Mas porque repentinamente nos damos conta da parte dura e da parte mole, do seco da casca e do húmido do corpo, logo toda essa unanimidade se fragmenta — e, tal um barulho de cartas disperso pelo ar, fracções de tudo, cumprindo quedas diversas e muitas, vão submergindo o caracol nocturno. Então, sobre nós, à noite estrelada é uma diferença múltipla, um sistema de constelações, de tons brancos, uma redonda multiplicação de mundos...

E o caracol nocturno...?

Em sua íntima unidade, em sua demorada conjugação, o caracol nocturno ou desapareceu da nossa atenção ou se refugiou nas rugas da pedra de que lentamente viera. Um súbito vazio, um frio só de instantes. Porque logo sucede que todo o céu redondo sobre nós se converte em casca, depositado em nossas costas — e, atirado para fora, o nosso corpo é a desenrolada elasticidade do molusco ainda havia pouco rastejando sobre a Terra. É todo o seu esforço, um veado saído de uma concha espiralada, as antenas apontadas em todas as direcções. Um tactear de unidade pelos muitos corpos que circulam para além dos nossos olhos — um grito que busca uma visão de conjunto. Mas...

Mas, tendo embora nós uma data, que pode ser a de hoje, a deste mês, a deste ano, a deste momento, a do nosso Bilhete de Identidade, vamos descobrindo e contando outros tempos, outros pontos, outros brilhos. Por exemplo: uma estrela medieval. Uma estrela que, em suas luzes dispersas, em seus traços disseminados, nos surge como sendo de um século há muito passado. Um sinal geométrico como IX ou X ou XI. Ou mais próximo, já da Renascença, ou até do período que vai de XIX para XX. E porque a sabemos existente no futuro, para além dos nossos corpos, das nossas gerações, essa mesma estrela (ou outra) refulge com traços que desenham instantaneamente figuras como XXIII ou XXV ou XXVII... Onde nunca estaremos: alcança-se, aliás, o perfurme dessa longínqua ausência. E isso nos dói e maravilha.

Pois é precisamente essa nossa capacidade de nos distribuirmos pelo tempo que nos faz passar do humílimo caracol saído da pedra, nocturno e rastejando, para o caracol espiralado da nossa procura, em tempo de passado, presente e futuro, tal um veado elástico saído de uma concha, aéreo saltando pelas fracções de tudo. E tudo unindo no lapso branco da soma alta sempre em progressão. Isto só entende quem sabe fechar os olhos até à dor puríssima da unidade — até ao risco simples do número um. Assim: 1 — e mais nada.

Pedro Alvim